

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

ENELICE MILHOMEM JACOBINA TEIXEIRA

CHARLIE HEBDO: CONSCIÊNCIA HISTÓRICA SOBRE INTOLERÂNCIA  
RELIGIOSA DE ESTUDANTES DA CIDADE DE GOIÂNIA

Goiânia

2018

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR  
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES  
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFV**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFV) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFV), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**       **Dissertação**       **Tese**

**2. Identificação da Tese ou Dissertação:**

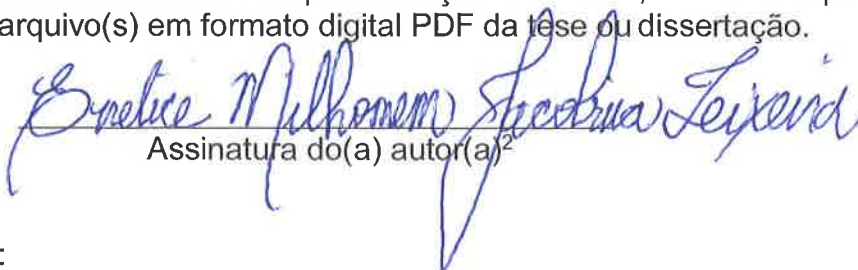
Nome completo do autor: Enelice Millhomem Jacobina Teixeira

Título do trabalho: CHARLIE HEBDO: Consciência Histórica sobre Intolerância Religiosa de estudantes da cidade de Goiânia

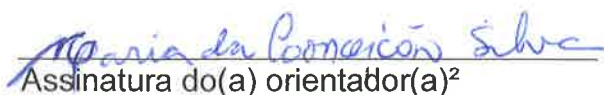
**3. Informações de acesso ao documento:**

Concorda com a liberação total do documento  **SIM**       **NÃO**<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

  
Assinatura do(a) autor(a)<sup>2</sup>

Ciente e de acordo:

  
Assinatura do(a) orientador(a)<sup>2</sup>

Data:

10 / 07 / 2018

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

<sup>2</sup> A assinatura deve ser escaneada.

ENELICE MILHOMEM JACOBINA TEIXEIRA

CHARLIE HEBDO: CONSCIÊNCIA HISTÓRICA SOBRE  
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA DE ESTUDANTES DA CIDADE  
DE GOIÂNIA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

**Área de concentração:** Culturas, Fronteiras e Identidades

**Linha de Pesquisa:** Fronteiras, Interculturalidade e Ensino de História.

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria da Conceição Silva

Goiânia

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.


JACOBINA, Enelice Milhomem Jacobina Teixeira  
CHARLIE HEBDO: Consciência histórica sobre intolerância religiosa  
de estudantes da cidade de Goiânia [manuscrito] / Enelice Milhomem  
Jacobina Teixeira JACOBINA. - 2018.  
118 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Maria da Conceição Silva SILVA.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,  
Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História,  
Goiânia, 2018.

Bibliografia. Anexos.  
Inclui gráfico, lista de figuras.

1. Intolerância religiosa. 2. Semanário Charlie Hebdo. 3.  
consciência histórica. 4. educação histórica. I. SILVA, Maria da Conceição  
Silva, orient. II. Título.

Ata da Sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de **Enelice Milhomem Jacobina Teixeira**. Aos 15 (quinze) dias do mês de junho de dois mil e dezoito (2018), com início às 14h30min, nas dependências da Faculdade de História, teve lugar a sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de **Enelice Milhomem Jacobina Teixeira**, cujo título foi "**CHARLIE HEBDO: consciência histórica sobre intolerância religiosa de estudantes da cidade de Goiânia**". A Banca Examinadora foi composta, conforme portaria nº032/18-PPGH, de 12 de junho de 2018, pelos seguintes Professores Doutores: **Maria da Conceição Silva (Presidente)**, **Jorge Luiz da Cunha (UFSM)**, **Danilo Rabelo (CEPAE/UFG)** e, como suplente, **Geysa Dongley Germinari (UNICENTRO)** e **Rafael Saddi Teixeira (UFG)**. Os Examinadores arguíram na ordem acima citada. Às 6h15 horas a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta tendo sido a candidata..... Aprovada.....

Prof. Dr. **Jorge Luiz da Cunha (UFSM)** Ass.: .....

Decisão (..... APROVADO.....)

Prof. Dr. **Danilo Rabelo (CEPAE/UFG)** Ass.: .....

Decisão (..... Aprovada.....)

Presidente da Banca Profa. Dra. **Maria da Conceição Silva (UFG)**, Ass.: .....

Decisão (..... Aprovada.....)

Reaberta a Sessão Pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou-a, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Marco Aurélio Fernandes Neves, secretário do Programa de Pós-Graduação em História, e pelos membros da Banca Examinadora.

Coordenadora: .....

Prof.ª. Dr.ª. Fabiana de Souza Fredrigo

Secretário: .....

Marco Aurélio Fernandes Neves

## DEDICATÓRIA

Ao meu pai Delmiro Pereira Jacobina, que despertou em mim o desejo por pensar a religião de forma mais interativa com diversos grupos religiosos.

Ao meu esposo Erivelton Pascoal Teixeira, por ter me ensinado a questionar a fé, tendo como lema principal a frase de Kierkegaard<sup>1</sup>, “*a fé é um salto no escuro*”.

A quem me proporcionou viver e existir em tempos de seca, minha mãe Ruth Motta e seu esposo Arildo Motta, meu padrasto e pai, pela presença em todos os momentos da minha formação apoiando, incentivando e gerando condições existenciais para que completasse a formação.

As minhas irmãs Elvana e Eleuná, aos cunhados e cunhadas, sobrinhos e sobrinhas e ao meu sogro, Miguel Nunes, pelo apoio, cuidado e atenção.

Aos meus filhos Carolina Jacobina e Lucas Miguel Jacobina, por incentivarem a reflexão sobre a sociedade e entenderem minha ausência tantas vezes para que eu pudesse pesquisar, ler, participar de seminários, conferências e congressos.

Aos estudantes, inspiradores desta pesquisa, por demonstrar interesse pela temática intolerância religiosa e envolverem-se de forma participativa e crítica.

Aos colegas e companheiros das escolas onde atuei, especialmente a professora Quênia da Mata, a qual participou da investigação oferecendo ideias e sugestões no ambiente informatizado.

A minha amiga, Alessandra Vieira de Souza, que realizou a revisão do texto, companheira há 25 anos.

---

<sup>1</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. Temor e Tremor. Relógio D'Água Editores: Lisboa, 2009

## AGRADECIMENTOS

A orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria da Conceição Silva, pelas reuniões de orientação para estruturação e aprimoramento desta investigação, além da relevante contribuição com a ministração da disciplina *Arquivos Históricos: Documentos, Pesquisa e Ensino de História*. Agradeço a oportunidade de construirmos uma intervenção histórica com os estudantes em sala de aula sobre questões religiosas apresentadas na atualidade escolar.

A Universidade Federal de Goiás, por propiciar um ambiente favorável ao crescimento científico com toda sua infraestrutura.

A Faculdade de História, em especial ao Programa de Pós-graduação em História, por oportunizar as condições de ampliar a formação acadêmica através de excelentes professores, seminários, simpósios, encontros e atividades diversificadas. Aos professores das disciplinas das quais participei durante o curso de mestrado, Dr. Alexandre Martins de Araújo, Dr. Elias Nazareno, Dr. Marlon Jeison Salomon, Dr. Noé Freire Sandes e Dr. Rafael Saddi Teixeira.

Ao COMITÊ DE ÉTICA da UFG, na gestão do Dr. João Batista de Souza, por orientar e auxiliar no processo de condução e organização do Parecer Consubstanciado do CEP (aprovação do Comitê de ética em Pesquisa) e aprovação da investigação realizada.

Aos colegas do curso de Educação Histórica, no Centro de Formação da Secretaria Municipal de Goiânia, na pessoa da Ms. Warlúcia Pereira Guimarães, por terem incentivado, apoiado e acreditado nas discussões sobre religião e as diversidades da sociedade.

Aos estudantes do mestrado e doutorado da Pós-graduação em História, UFG, pelo coleguismo e envolvimento nas disciplinas e aprofundamento dos conteúdos.

A Secretaria de Educação de Goiânia, por oportunizar a realização da pesquisa de dissertação na escola pesquisada, como também a escola pela participação ativa e engajada.

## RESUMO

Investigação sobre a intolerância religiosa, a partir do atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, em janeiro de 2015, em Paris, na França, acontecimento provocativo de narrativas sobre a temática. Realizamos a investigação com os estudantes de uma escola (Ensino Fundamental), da Secretaria Municipal de Educação em Goiânia. A problemática referiu-se à intolerância religiosa, discutida nas aulas de história do CICLO III, agrupamento “G” (7º. Ano), em 2015, acompanhando os agrupamentos “H” e “I” (8º. e 9º. anos), até 2017. O *instrumental de investigação* foi elaborado com indagações apoiadas em textos jornalísticos e científicos sobre o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*. Os estudantes hipoteticamente imaginaram o que escolheriam se estivessem no atentado: ser terrorista ou cartunista, justificando suas opções. Após a observação das narrativas dos estudantes, relacionamos as mesmas com a intolerância religiosa. Analisamos as narrativas dos estudantes sobre o atentado, utilizando como aporte teórico a educação histórica. Posteriormente, recorremos a textos, charges e outras fontes sobre intolerância religiosa, atentados, imigração, xenofobia, Islamismo, interculturalidade, entre outros. Após as intervenções pautadas nestes textos, aplicamos o *instrumental de investigação* pela segunda vez, a fim de verificarmos as possíveis alterações nas narrativas reconstruídas dos estudantes, com observação e alterações na consciência histórica dos mesmos. Identificamos nas narrativas na segunda intervenção que houve pouco avanço em relação à tolerância religiosa e ao respeito à liberdade de expressão de religiosos e não religiosos. Desenvolvemos, então, uma terceira intervenção, usando, no entanto, outro *instrumental de investigação* que questionou o motivo de as charges do *Semanário Charlie Hebdo* serem ofensivas à religião islâmica e solicitou uma explicação sobre o que é intolerância religiosa na atualidade. Respondidas estas últimas solicitações, percebemos alterações, visto que alguns estudantes demonstraram mudança na consciência histórica apresentando orientação temporal crítica.

Palavras-chave: intolerância religiosa, *Semanário Charlie Hebdo*, consciência histórica, educação histórica.

## ABSTRACT

Research on religious intolerance, following the attack on Charlie Hebdo Weekly in January 2015 in Paris, France, provocative event of narratives on the subject. We carry out research with the students of a school (Elementary School), of the Municipal Department of Education in Goiânia. The problem referred to religious intolerance, discussed in the history lessons of CICLO III, group "G" (7th Year), in 2015, following the groupings "H" and "I" (8th and 9th years), until 2017. The investigative tools were elaborated with inquiries based on journalistic and scientific texts about the attack on the weekly Charlie Hebdo. The students hypothetically wondered what they would choose if they were in the bombing: being a terrorist or a cartoonist, justifying their options. After observing the students' narratives, we relate them to religious intolerance. We analyze the narratives of the students about the attack, using as theoretical contribution the historical education. Subsequently, we used texts, cartoons and other sources on religious intolerance, attacks, immigration, xenophobia, Islam, interculturalism, among others. After the interventions based on these texts, we applied the research instruments for the second time, in order to verify the possible changes in the reconstructed narratives of the students, with observation and changes in their historical awareness. We identified in the narratives in the second intervention that there was little progress in relation to religious tolerance and respect for freedom of expression of religious and non-religious. We then developed a third intervention, using, however, other investigative tools that questioned why Charlie Hebdo's cartoons were offensive to the Islamic religion and asked for an explanation of what religious intolerance is today. After answering these last requests, we noticed changes, since some students demonstrated a change in the historical consciousness presenting critical temporal orientation.

Keywords: religious intolerance, Charlie Hebdo Weekly, historical consciousness, historical education.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 – O SENTIDO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA PARA A EDUCAÇÃO HISTÓRICA: INTOLERÂNCIA RELIGIOSA.....	20
1.1.    A importância da educação histórica a partir das tipologias da consciência histórica.....	20
1.2.    O sentido da intolerância religiosa .....	25
CAPÍTULO 2 - <i>SEMANÁRIO CHARLIE HEBDO</i> COMO PROPOSTA DE ESTUDOS PARA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA.....	34
2.1. Histórico do <i>Semanário Charlie Hebdo</i> – Paris, França.....	34
2.1.1. Liberdade de expressão ou intolerância religiosa nos jornalistas do <i>Semanário Charlie Hebdo</i> .....	39
2.1.2. Terroristas do estado islâmico, intolerância religiosa ou delimitação do espaço religioso na França.....	47
2.2. A questão da intolerância religiosa e o atentado ao <i>Semanário Charlie Hebdo</i> .....	48
CAPÍTULO 3 - NARRATIVAS E OFICINAS DE INTERVENÇÃO, INTOLERÂNCIA RELIGIOSA A PARTIR DO <i>SEMANÁRIO CHARLIE HEBDO</i> .....	52
3.1. <i>Instrumental de investigação</i> das ideias prévias dos estudantes.....	52
ANEXO A: <i>Instrumental de investigação</i> das ideias prévias dos estudantes da escola pesquisada, em Goiânia, a partir do atentado ao <i>Semanário Charlie Hebdo</i> - intolerância religiosa e consciência histórica.....	65
ANEXO B: Análise de narrativas dos estudantes em avaliação sobre o atentado ao <i>Semanário Charlie Hebdo</i> .....	68
CAPÍTULO 4. INTERVENÇÕES SOBRE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E O ATENTADO AO <i>SEMANÁRIO CHARLIE HEBDO</i> , ANÁLISE DAS NARRATIVAS.....	69

4.1. Intervenções sobre intolerância religiosa sobre o acontecido, atentado ao <i>Semanário Charlie Hebdo</i> .....	69
4.2. Narrativas dos estudantes sobre o atentado ao <i>Semanário Charlie Hebdo</i> , pós intervenções.....	83
4.3. Análise de narrativas dos estudantes em avaliação sobre o atentado ao <i>Semanário Charlie Hebdo</i> .....	90
ANEXO C: Oficina de intervenção: textos sobre religião .....	95
ANEXO D: Oficina de intervenção: o que é charge .....	97
ANEXO E: Oficina de intervenção: conceitos e análise do atentado ao <i>Semanário ao Charlie Hebdo</i> .....	100
ANEXO F: Oficina de intervenção: análise dos atentados terroristas na Europa pós 2004.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS.....	109

## LISTA DE GRÁFICOS:

Gráfico 1: Participação no atentado do *Semanário Charlie Hebdo*, 07 de janeiro de 2015. Categorias: terrorista, cartunista, neutro, não respondeu. Realização: 22 de setembro de 2015.....65  
9

Gráfico 2: Participação no atentado do *Semanário Charlie Hebdo*, 07 de janeiro de 2015. Categorias: terrorista, cartunista, neutro, não respondeu. Realização: 22 de setembro de 2015.....89

Gráfico 3: Participação no atentado do *Semanário Charlie Hebdo*, 07 de janeiro de 2015. Categorias: terrorista, cartunista, neutro, não respondeu. Realização: 22 de agosto de 2017.....89

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Síndrome do encarceramento.....	44
Figura 2: Charb, uma das vítimas da chacina, foi retratado como homem-bomba.....	45
Figura 3: Desenho representando atentado ao <i>Semanário Charlie Hebdo</i> .....	76
Figura 4: Texto sobre o desenho da Figura 1, pag. 76.....	77
Figura 5: Desenho de representação da presença dos atiradores no <i>Semanário Charlie Hebdo</i> , no dia 07 jan. 2015.....	78
Figura 6: As 6 charges mais polêmicas do Charlie Hebdo: .....	84

## INTRODUÇÃO

A presente investigação constitui um exercício de reflexão sobre a intolerância religiosa<sup>1</sup>, dentro do campo da educação histórica<sup>2</sup>. O presente estudo tem como fontes as ideias prévias dos estudantes do CICLO III<sup>3</sup> do Ensino Fundamental da escola pesquisada<sup>4</sup> da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, localizada na cidade de Goiânia, turmas “Gs”<sup>5</sup> (7º. ano) até as turmas “Is” (9º. Ano), estudantes entre 12 e 16 anos. Durante a investigação, os estudantes avançaram nas etapas do CICLO III, pois o período da investigação durou 3

---

<sup>1</sup> Conceito de intolerância religiosa de Eliane Moura Silva:

À intolerância religiosa soma-se a intolerância política, cultural, étnica e sexual. [...] Ela assume formas sutis de violência simbólica e manifestações extremadas de ódio, envolvendo todas as esferas das relações humanas. A intolerância é, portanto, uma das formas de opressão de indivíduos em geral fragilizados por sua condição econômica, cultural, étnica, sexual e até mesmo por fatores etários. Muitas vezes nos surpreendemos ao descobrir a nossa própria intolerância [...] (SILVA. E. M., 2004, p. 6).

<sup>2</sup> Educação histórica segundo a estudiosa da área, Isabel Barca:

Investigação em Educação Histórica reivindica um estatuto científico específico, que tem como objetivo principal as concepções dos vários tipos de sujeitos que desenvolvem o seu pensamento histórico a vários níveis (com destaque para as ideias de alunos e professores). É uma área que se constitui na confluência de vários saberes [...] Princípios educacionais transversais [...] Reflexão epistemológica atualizada [...] Conhecimento histórico contextualizado [...] Metodologia de análise de dados de natureza qualitativa, intensiva e indutiva. (2012, p. 38-39).

<sup>3</sup> Segundo a Proposta Política-Pedagógica para a Educação Fundamental para a Educação Fundamental da Infância e da Adolescência da Prefeitura Municipal de Educação:

Os Ciclos de Formação e Desenvolvimento Humano, em Goiânia, preveem a organização dos educandos da seguinte forma: Ciclo I - Ciclo da Infância (6 a 8 anos), Ciclo II - Ciclo da Pré-adolescência (9 a 11 anos) e o Ciclo III - Ciclo da Adolescência (12 a 14 anos). Nessa organização, a matrícula é feita tendo se como referência as idades dos educandos que comporão os agrupamentos ‘de origem’. [...]. Uma avaliação inicial de todos os educandos ingressos naquele ciclo e agrupamento, com caráter diagnóstico, será aplicada. [...] A partir desta, o coletivo de professores terá as condições necessárias para planejar as ações pedagógicas, inclusive as possibilidades de movimentação dos educandos nos agrupamentos de cada ciclo. (Inter-Ação, 2012, p. 177-196).

<sup>4</sup> O nome da escola não foi divulgado para preservar a identidade.

<sup>5</sup> As escolas da Secretaria Municipal de Goiânia, são de ensino fundamental, da pré-escola ao 9º. Ano, cicladas divididas em 3 ciclos. A pesquisa foi realizada no CICLO III, agrupamentos, “G” (7º. Ano), “H” (8º. Ano) e “I” (9º. Ano).

anos, começando em setembro de 2015 e finalizando em setembro de 2017<sup>6</sup>. Escolhemos essa escola, por perceber, através de experiências com o ensino de história, a necessidade de realização de pesquisas que discutam a intolerância religiosa. A investigação analisa a intolerância religiosa nas narrativas dos estudantes, por meio dos *instrumentais de investigação* (ANEXO A, p. 65-67 e ANEXO B, p.68). Observamos aspectos importantes escritos pelos estudantes que refletem um tipo de consciência histórica<sup>7</sup> (RÜSEN, 2010, p.). Os estudantes trazem narrativas influenciadas por grupos familiares, religiosos, comunitários, escolares e midiáticos, repletos de polarizações.

Introduzimos o tema intolerância religiosa, em sala de aula, utilizando um *instrumental de investigação* das aprendizagens dos estudantes. O tema proposto é significativo, reflete elementos culturais e religiosos do imaginário dos estudantes muitas vezes não compartilhados nem discutidos. A investigação partiu do atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*<sup>8</sup>, que ocorreu no dia 07 de janeiro de 2015, em Paris, França. O *instrumental de investigação* foi elaborado para propiciar discussões sobre religião, com a finalidade de demonstrar a presença ou a ausência da intolerância religiosa no espaço escolar e permitiu aos estudantes expressarem seus posicionamentos sobre o atentado a partir do contexto histórico onde vivem.

Após a coleta das ideias prévias dos estudantes, fizemos intervenções sobre o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo* utilizando diversos recursos: teóricos, visuais (charges), artigos de jornais, revistas online, entre outros.<sup>9</sup> A investigação foi realizada dentro da linha da

---

<sup>6</sup> Durante o período de investigação de 2015 a 2017, alguns estudantes foram transferidos para outras escolas, como também estudantes de outras escolas foram transferidos para a escola pesquisada, realizando a primeira investigação com o *instrumental de investigação* em setembro de 2015.

<sup>7</sup> “A consciência histórica é o modo pelo qual a relação dinâmica entre experiência no tempo e intenção no tempo se realiza no processo da vida humana. [...] Consciência histórica trata-se da suma das operações mentais com as quais os homens interpretam de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo.” (RÜSEN, 2001, p. 57, 58).

<sup>8</sup> Segundo a pesquisadora Liliane de Lucena, pesquisadora da área de comunicação:

O jornal Charlie Hebdo: Em 1969, é publicada pela primeira vez a Hara-Kiri Hebdo, com a mesma proposta de falar de tabus e criticar política, religião, entre outros temas espinhosos [...] E no ano de 2011, a redação foi atacada e destruída por uma bomba incendiária. Os ataques de 7 de janeiro de 2015 foram arquitetados para matar o maior número de profissionais do jornal, uma vez que foi escolhida a hora emblemática de reunião de pauta. [...] ‘Vingamos o profeta!’, era a frase dita pelos atiradores após o massacre na redação. (2015, p. 5).

<sup>9</sup> AGÊNCIA BRASIL, BLOG-G1, DN, W-MADE FOR MINDS, FOLHA DE SÃO PAULO, O GLOBO, OPINIÃO e NOTÍCIA, PLANO BRASIL, PRAGMATISMO POLÍTICO, UOL, VOX.europ, revistas online Inter-Ação, TEMPO E ESPAÇO NA CONTEMPORANEIDADE.

educação histórica, com base nos estudos de Jörn Rüsen (2010), que aponta a história como significativa para compreender o passado, agir no presente e assim interferir no futuro e não como mera factualização ou interpretação do passado. Para tanto, este teórico recomenda que a aprendizagem histórica deve conciliar três dimensões: a experiência, o significado e a orientação. Rüsen destaca que “[...] a consciência histórica funciona como um modo específico de orientação em situações reais da vida presente, tem como função ajudar-nos a compreender a realidade passada para compreender a realidade presente.” (2010, p. 55-56).

O que suscitou o interesse pela pesquisa foram as ideias de educação histórica discutidas no curso *Metodologia da Educação Histórica no Estudo da Cultura Afro-brasileira*<sup>10</sup>. A educação histórica traz como principal contribuição um novo olhar sobre o ensino, pois propõe uma didática da história elaborada por historiadores. A experiência em sala de aula em escolas públicas mostra-nos que os educadores optam por métodos tradicionais e discussões temáticas que eliminam polêmicas, devido à facilidade de realização das aulas, evitando confrontos. Todavia esta prática dificulta a ampliação da consciência histórica dos estudantes sobre temas instigantes. Como discute Rüsen, nos métodos tradicionais é mais fácil ensinar conteúdos factuais, já que estimular a consciência crítica e genética exige muito esforço por parte dos estudantes e educadores, pois os mesmos têm que ler, pensar, refletir, analisar e tomar decisões diárias. (2010, p. 74).

A investigação na linha da educação histórica valoriza e categoriza as ideias prévias dos estudantes pelas tipologias históricas. A partir dos estudos de investigadores dessa linha de pesquisa, oferecemos subsídios para que os estudantes tenham uma compreensão do mundo mais densa e profunda, um olhar crítico do passado, e repensem suas posturas no presente e projetem o futuro com uma atitude de transformação e não de acomodação diante das conjunturas mundiais. Defendendo a educação histórica, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt (2006) destaca a importância da aproximação dos centros acadêmicos com a sala de aula para compreendermos que a educação não se restringe a adquirir conhecimentos, mas propicia uma existência histórica e nos permite entender as causas, os motivos, os contextos, gerando atitudes de ações transformadoras em nossa sociedade.

---

<sup>10</sup> Curso Metodologia da Educação Histórica no Estudo da Cultura Afro-brasileira, organizado e promovido pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, na linha de educação histórica, pelos professores da UFG, Maria da Conceição Silva, Rafael Saddi e pelo Centro de Formação de profissionais da Educação, Departamento Pedagógico da Secretaria Municipal de Goiânia, com a coordenação da professora Ms. Warlúcia Pereira Guimarães, em 2013.

Os estudos históricos, por sua vez, são importantes para a discussão de temas ligados à religião, responsável por grande parte dos conflitos mundiais na atualidade. A comunidade escolar rejeita explorar questões religiosas até mesmo do ponto de vista histórico, todavia é importante salientar que é um tema necessário e relevante justamente porque origina conflitos locais e globais, o que pressupõe a necessidade de estudarmos e aprofundarmos. A conjuntura atual das salas de aula é de ausência de diálogo no que diz respeito à questão religiosa. Ao abordar a questão religiosa e tantas outras, cabe ao educador lidar com as mesmas de forma relativizadora, esclarecedora, suscitando a ampliação da consciência, das fronteiras e culturas do estudante. Lidar com a dicotomia religião/educação considerando a multiculturalidade religiosa é um desafio que os educadores devem enfrentar.

A presente investigação é necessária por vários motivos. O tema religião é pouco discutido cientificamente no âmbito educacional. Há uma obrigação de trabalhá-lo expressa por lei, no entanto há pouco suporte político-pedagógico para que os educadores o abordem com o viés histórico. Muitas vezes, a religião aparece de forma confessional. O extremo do confessional é a eliminação do tema para evitar conflitos, o que elimina também a possibilidade de aprendizado, de diálogo, de crescimento intercultural entre grupos de diversas matrizes religiosas. A escola é laica (alterações na escola laica, 27 de setembro de 2017)<sup>11</sup>, todavia isso não justifica a não discussão de assuntos ligados à religião.

A tendência na atualidade é um mundo secularizado, em que o religioso parece não permear a vida das pessoas, mas ao estudarmos as civilizações passadas e atuais verificamos a presença da religião. Diante das dificuldades do mundo secularizado, propusemos esta investigação para que os estudantes experimentassem uma transformação em sua consciência histórica, compreendendo que tanto as crenças fanáticas quanto a descrença em nosso mundo têm raízes históricas.

O primeiro capítulo desta pesquisa teoriza a educação histórica e a relaciona com a intolerância religiosa. Discutimos autores como Rüsen, que explora a ideia das tipologias da consciência histórica. Para ele, todos têm esta consciência, sendo, contudo, muitas vezes

---

<sup>11</sup> Ensino Religioso confessional no Brasil:

Decisão tomada pelo plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu no dia 27 de setembro de 2017, por 6 votos a 5, que o ensino religioso nas escolas públicas pode ter natureza confessional, isto é, que as aulas podem seguir os ensinamentos de uma religião específica. Segundo os vencedores do modelo confessional, o ensino religioso nas escolas públicas deve ser estritamente facultativo, sendo dentro do horário normal de aula. Fica autorizada também a contratação de representantes de religiões para ministrar as aulas. O julgamento não tratou do ensino religioso em escolas particulares, que fica a critério de cada instituição. (AGÊNCIA BRASIL, 2017, s.p., on-line).

limítrofe, tradicional, e a educação histórica poderá promover mudança, ampliação da percepção crítica sobre o mundo. Discutimos as narrativas históricas do passado recente e a estruturação do conhecimento histórico. Abordamos as raízes históricas da intolerância religiosa com objetivo de compreender historicamente como se dá o processo de construção de estranhamento ao pensamento religioso do outro.

O segundo capítulo discorre sobre o histórico do *Semanário Charlie Hebdo* e a repercussão do atentado ocorrido no dia 07 de janeiro de 2015 em Paris, França, pela mídia. O atentado foi usado como *instrumento de investigação* dos estudantes de uma determinada escola, para coletar narrativas focando a intolerância religiosa. Na oportunidade, recorreremos a artigos de revistas, sites, vídeos, periódicos e textos diversos sobre intolerância religiosa, liberdade de expressão e a respeito do atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, observando e analisando tanto os posicionamentos e ações dos terroristas como dos cartunistas. Refletimos ainda, de forma simplificada, sobre os grupos radicais do Islamismo na França, como seu espaço territorial, religioso e cultural, para compreendermos melhor a problemática.

O terceiro capítulo expõe a primeira realização do *instrumental de investigação* (ANEXO A, p. 65-67) em sala de aula sobre o atentado de 7 de janeiro de 2015, em Paris, na França. Apresentamos as narrativas dos estudantes em 2015 no CICLO III as separando conforme a opção pelos terroristas, pelos cartunistas, ou pela neutralidade. Analisamos as ideias prévias expostas nas narrativas construídas e os valores que os estudantes defendem: intolerância à expressão do outro que contraria o que consideram justo.

O capítulo quarto apresenta as intervenções dos pesquisadores, a participação dos estudantes nesses momentos e a repetição do *instrumental de investigação*<sup>12</sup> em 22 de agosto 2017, para observar as mudanças da consciência histórica dos estudantes. Utilizamos nas oficinas de intervenção textos e esquemas sobre a intolerância religiosa, terrorismo na Europa e imigração e recorreremos ainda a textos do livro didático, sobre religião na história. Possibilitamos pesquisa na Internet, examinamos o conceito de charge<sup>13</sup>, analisamos e

---

<sup>12</sup> O mesmo *instrumental de investigação* foi aplicado duas vezes, em momentos diferentes. Rösen, aponta ser necessário aplicar a segunda vez para observar se houve alteração nas narrativas dos estudantes, pois ao participar das oficinas de intervenção os estudantes podem alterar suas ideias e reinterpretar suas narrativas históricas. (RÜSEN, 2010).

<sup>13</sup> A conceituação de charge por Diana Xavier de Oliveira de:

É um texto, basicamente feito por desenho de caráter humorístico, geralmente usando o mínimo de texto verbal. Trata-se de um tipo de texto muito importante na mídia atual, graças à sua capacidade de fazer, de modo sintético, críticas político-sociais [...] A charge relata um fato ocorrido em uma época definida, em um determinado contexto cultural, econômico e social e sua compreensão está ligado aos conhecimentos desses

debate as charges mais polêmicas do *Semanário Charlie Hebdo*. Propiciamos leitura e discussões sobre posições diferentes a respeito do atentado de 07 de janeiro de 2015 e intolerância religiosa, além de análise dos atentados terroristas na Europa pós 2004. Ao observarmos as respostas dos estudantes à segunda aplicação do *instrumental de investigação*, (ANEXO A, p. 65-67) verificamos a necessidade de outro instrumental (ANEXO B, p. 68) que possibilitasse maior avanço no desenvolvimento da consciência histórica dos mesmos.

A presente investigação objetiva discutir as concepções que os estudantes possuem das diferentes manifestações religiosas e contrárias à religião de maneira geral e desenvolver uma orientação temporal através da educação histórica, para transformação de sua existência no mundo. Entendemos que a educação histórica é extremamente necessária para que os estudantes entendam e realizem no presente alterações, através da consciência do passado, repensando assim possibilidades para o futuro.

---

fatores para ser entendida. Ela possui um importantíssimo papel como registro histórico. É temporal e perecível. Sua afinidade é maior com os acontecimentos políticos e são críticas e manifestações bem-humoradas para assuntos verídicos e sérios. [...] (2013, p. 16).

## CAPÍTULO 1 - O SENTIDO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA PARA A EDUCAÇÃO HISTÓRICA: INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

A investigação realizada com os estudantes da escola pesquisada do CICLO III, da cidade de Goiânia, objetivou analisar a intolerância religiosa no ambiente escolar, a fim de demonstrar como os critérios de seleção dos conteúdos de história devem ser ensinados para favorecer o respeito ao diverso. Nesse sentido, atentamo-nos para a forma como o ensino de história é ministrado para adolescentes do Ensino Fundamental, ocorrendo muitas vezes de forma alheia às reflexões teóricas e metodológicas, aproximando-se muito mais da psicologia e pedagogia do que propriamente da teoria da história. Desse modo, o ensino de história não desenvolve a capacidade de análise de complexidades para a elaboração de aprendizagens sobre o que é diferente, de reflexões mais cidadãs sobre respeito.

A escola através da abordagem histórica deve oportunizar aos estudantes o contato com a educação histórica, que possibilita a alteração de suas ideias, proporcionando-lhes uma orientação temporal embasada em culturas e ideias diferenciadas, além das que possuía. Investigamos as aprendizagens dos estudantes que construíram narrativas sobre intolerância religiosa. Nesse sentido, observamos que os estudantes adentraram o ambiente escolar com suas ideias prévias adquiridas fora da escola, na família, na sociedade em geral, trazendo suas concepções sobre religião, sobre o que é ou não ser religioso.

### 1.1. A importância da educação histórica a partir das tipologias da consciência histórica

A educação histórica tem como eixo norteador os princípios que compõem a consciência histórica dos estudantes; ela viabiliza pesquisas e inovações metodológicas no dia a dia da sala de aula, discute e reordena as ideias principais da história – passado, presente e futuro – as relacionando com os seres humanos. O desenvolvimento da educação histórica na escola e na sociedade é possível a partir da teoria e prática no ensino da história, estimulando a reconstrução das identidades relacionadas à memória coletiva do ser humano ao longo do tempo, possibilitando orientação temporal. (SILVA, 2011, p. 200-201).

Schmidt (2012a, 2012b, 2009 e 2006), Barca (2012, 2011, 2004 e 2001) e Maria da Conceição Silva (2014, 2012), pesquisaram sobre educação histórica tendo como base teórica, Rüsen (2010). O objetivo dos pesquisadores é estimular os educadores de história, tanto em Portugal como no Brasil, envolvidos em sala de aula, a exercerem uma postura de professor investigador social, que relacionam teoria e prática, fomentando pesquisa sobre as diversas abordagens.

A abordagem de Schmidt (2012b) sinaliza para a compreensão da educação histórica que perpassa as tendências políticas, pois a nossa sociedade é influenciada por esse viés, que exclui historicamente os despossuídos, dessa forma precisamos atentar para uma história que provoque mudanças na sociedade. As decisões políticas influenciam a construção dos projetos educacionais, interligados a interesses políticos e econômicos em várias partes do mundo. Precisamos repensar a prática histórica para que a mesma seja engajada e influenciadora. Para tanto, a educação histórica como linha de pesquisa apreende as tipologias de consciência histórica (RÜSEN, 2010), que possibilitam análises das narrativas dos estudantes, provocando mudanças na sociedade.

Aprendemos com Jörn Rüsen, quatro tipologias de orientação. O autor propõe explicá-las: “[...] na forma de uma tipologia geral do pensamento histórico.” (2010, p. 61). A consciência histórica realiza sua função através das tipologias que possibilitam aos estudantes a orientação temporal, cultural e a interpretação das práticas de vida. Assim Rüsen as divide:

As orientações tradicionais guiam externamente a vida humana por meio de uma afirmação das obrigações que requerem consentimento. Essas orientações tradicionais definem a ‘unidade’ dos grupos sociais ou das sociedades em seu conjunto, entretanto mantêm o sentimento de uma origem comum. [...] O tipo exemplar, o modelo de significação que corresponde aqui tem a forma de regras atemporais. Nesta concepção a história é vista como uma recordação do passado, como uma mensagem ou lição para o presente. Tipo crítico, as narrações deste tipo formulam pontos de vista históricos, demarcando-os, distinguindo-os das orientações históricas sustentadas por outros. O tipo genético a memória histórica prefere representar a experiência da realidade passada como acontecimentos mutáveis, nos quais as formas de vida e de cultura distantes evoluem em configurações ‘modernas’ mais positivas. (RÜSEN, 2010, p. 64, 65,67 e 69).

Verificamos assim as quatro tipologias analisadas por Rüsen: tradicional, exemplar, crítica e genética. A análise das tipologias da consciência histórica, apresentadas por este autor, reflete sobre a consciência tradicional, que apresenta apego dogmático às tradições e a uma visão de passado fixo, que deve permanecer imutável. Já na consciência exemplar ocorre

valorização das leis da história enquanto lições seguras para o futuro. Uma consciência crítica, recusa um certo passado e advoga a sua desconstrução para criar o oposto, precisando avançar para uma consciência genética na qual a história é encarada como fonte de compreensão do mundo.

Rüsen (2010) destaca que o estudante ao adentrar a escola já o faz com uma história de vida marcada por outras histórias e precisa compreender os acontecimentos no tempo histórico e num determinado espaço. Segundo o autor, a história começou a perder sua finalidade de orientação no tempo apresentando-se somente como uma disciplina. A partir de experiências, Rüsen declara que a história não pode ser somente uma “[...] disciplina que faz a mediação entre a história como disciplina acadêmica e o aprendizado histórico e a educação escolar.” (2010, p. 123). O autor afirma ser a didática da história construída somente para propiciar ferramentas educacionais de acordo com as necessidades dos estudantes. Hoje, porém, na linha da educação histórica já se discute os usos e as funções da história na vida pública indo além da escola.

Para a presente investigação, discutimos o tema da intolerância religiosa, tendo como aporte histórico o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, percebemos a importância dos usos públicos da história e a consciência histórica que não pode ser considerada somente a partir de conhecimentos anteriores de história, pois como afirma Rüsen, “Ela é uma combinação complexa que contém a apreensão do passado regulada pela necessidade de entender o presente e de presumir o futuro” (2010, p. 37).

A atualidade requer dos estudantes uma prática transformadora da sociedade e a educação histórica viabiliza essa possibilidade gerando uma apreensão do passado de forma crítica. Ao desenvolverem uma consciência crítica através da reflexão histórica, os mesmos conseguem interferir na sociedade e atuar como transformadores e não somente como expectadores. Rüsen, afirma “ser evidente [...] que as habilidades normais adquiridas pelo historiador profissional não são suficientes para a execução dessa mediação.” (2010, p. 33). O educador de história, como o historiador, necessita ser profundo na teoria histórica para mediar educação histórica.

O diferencial da investigação em educação histórica é que os estudantes trazem a sua aprendizagem histórica na elaboração das suas narrativas. Aplicar as tipologias de consciência histórica como categorias teóricas para analisar as narrativas dos estudantes permite investigar temas que não imaginávamos, pois, na maioria das vezes, acreditamos que somos detentores do conhecimento histórico e os estudantes não têm nada para contribuir nas aulas de história. Ao trabalharmos o ambiente escolar pelo viés da educação histórica, visualizamos

mudanças na sociedade, que pode ser modificada pelos indivíduos com sua consciência histórica revelada, valorizada e alterada ao permitir a transformação social.

Barca (2012) indica que realizar atividades de cognição histórica produz nos estudantes um encontro entre saberes históricos do cotidiano e os estudos históricos de pensadores, de forma mais aproximada à faixa etária. Quando o educador realiza as atividades de intervenção, ocorre na consciência histórica dos estudantes uma simbiose, os conhecimentos teóricos sobre história passam a fazer sentido no cotidiano dos mesmos. A autora elucida que, assim, o ensino de história passa a fazer sentido na vida estudantil, sendo carregado de referenciais históricos científicos.

Bertolini (2011), pesquisador da linha de educação histórica no Brasil, chama a atenção para os pressupostos usados regularmente pela história tradicional, como a clássica separação quadripartite<sup>1</sup>, geralmente usada como instrumento de escolha de certos livros pelo Ministério da Educação e Cultura. A história tradicional reforça as ideias históricas, muitas vezes etnocêntricas, e impede estudantes de realizarem uma análise histórica de temas diversos como, por exemplo, violência, imigração, economia e intolerância religiosa. Os educadores de história devem observar os conteúdos nos livros didáticos, principalmente as ideias sobre fatos históricos, analisá-los e procurar eixos de estudos de segunda ordem<sup>2</sup> para ampliá-los, e então estudá-los em aulas de história. É preciso atenção para que os conteúdos ensinados deem sentido e orientação temporal aos estudantes e provoquem a interculturalidade nas vivências diárias na sociedade. Peter Lee afirma que “O conhecimento escolar do passado e atividades estimulantes em sala de aula são inúteis se estiverem voltadas somente à execução de ideias de nível muito elementar [...]” (2006, p. 136).

---

<sup>1</sup> Quadripartite para a pesquisadora, Ana Luiza Araújo Porto é:

Quando da herança do currículo escolar francês adotamos o modelo quadripartite da divisão da História que divide a História da humanidade em História Antiga, História Medieval, História Moderna e História Contemporânea. Essa forma de dividir a História é própria do mundo europeu. Os marcos temporais utilizados para realizar tal divisão são todos referentes ao ocidente europeu. Este modelo foi adotado no Brasil ainda no século XIX e continuou a ser utilizado durante todo o século XX tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior. (2007, p. 3).

<sup>2</sup> Os conceitos de segunda ordem:

[...] são constitutivos da cognição histórica, isto é, dizem respeito aos fundamentos teóricos e metodológicos da história, à natureza do conhecimento histórico, entre outros: explicação histórica, fontes e evidências, consciência histórica, inferência, imaginação histórica, interpretação, narrativa, etc. Tais conceitos também são ligados à noção temporal, como mudança, permanência, evolução e transição (Lee, 2001). *Apud* (RAMOS, 2013, n.p., on-line).

Assim, estudar os fatos históricos é necessário, entretanto os mesmos precisam estar relacionados à interpretação, à análise e ao entendimento dos conceitos significativos que acarretem intervenção na sociedade. Peter Lee analisa as questões relacionadas a esse tema destacando as ideias de segunda ordem como responsáveis por estruturar e reinterpretar as ideias substantivas<sup>3</sup>. Como professores temos trabalhado na história quase somente o ponto de vista factual, valorizando às ideias substantivas. Em relação às ideias de segunda ordem, que se referem à estruturação do conhecimento histórico, narrativas históricas não só dos antepassados, como também dos vivos, trabalhamos de forma incipiente, como se somente o conhecimento dos fatos históricos fossem proeminentes e suficientes.

No processo de aprendizagem histórica, o ser humano desenvolve de forma natural a sua orientação temporal, que possibilita uma inserção na vida prática, interagindo com o passado histórico através da hermenêutica, alterando a existência presente e redirecionando-se os projetos para o futuro. A partir do aprendizado, o estudante passa a ser um sujeito participante e transformador da sua realidade. Nesse sentido a educação histórica traz análises relevantes para o ensino e a pesquisa de temáticas históricas.

Thiago Augusto Divardim de Oliveira (2012) analisa a orientação temporal baseando-se nos postulados da educação histórica; ele aponta para a necessidade dos educadores e estudantes serem sujeitos da história e não simplesmente espectadores. O ensino de história viabiliza a subjetivação histórica nos estudantes, amplia a sua consciência histórica, com o intuito de possibilitar a interpretação do presente a partir da experiência no tempo e planejar ações referentes ao futuro. O autor afirma que:

A aprendizagem histórica está relacionada diretamente a capacidade inerente aos seres humanos de orientar-se no tempo, ou seja, à consciência histórica. Sendo assim, a aprendizagem volta-se ao processo que ocorre no pensamento dos sujeitos que, na vida prática, efetivam uma movimentação das três expressões temporais, (presente, passado e futuro), com o intuito de interpretar o presente a partir da experiência no tempo e projetar ações referentes ao futuro. [...] Isso acontece à medida que os indivíduos internalizam conteúdos e categorias históricas que viabilizam a subjetivação e a ação dos sujeitos. É preciso ter conteúdo para utilizar competências e ter competências para que os conteúdos ganhem significado. (OLIVEIRA, 2012, p. 01-02).

---

<sup>3</sup> Os conceitos históricos substantivos:

[...] são específicos da história, e estão mais vinculados às informações históricas ou conteúdos históricos, por exemplo: Revolução Francesa, Feudalismo, Renascimento, Guerra de Canudos, Revolução Industrial, etc. (Lee, 2001). *Apud*, (RAMOS, 2013, n.p., on-line).

Tantos educadores como estudantes ao internalizarem conteúdos históricos interpretados de forma subjetiva desenvolvem competências para dar novos significados aos conteúdos factuais através das ideias de segunda ordem, que estruturam o conhecimento histórico, reinterpretando os mesmos e possibilitando orientação temporal. Assim, estudar um tema como intolerância religiosa, por exemplo, só faz sentido se provocar reorientação no tempo.

## 1.2. O sentido da Intolerância Religiosa

Para investigarmos o tema da intolerância religiosa e a consciência histórica precisamos, primeiramente, debater o que é religião. Segundo Durkheim (1981), o fato religioso é tido como explicador do social, a religião exerce essa função explicativa. Contudo, ele apresenta a sociologia como a responsável por explorar o fato social, construindo uma moral da sociedade pela própria sociologia, assim o autor defendia a secularização do mundo social, destacando as representações. Durkheim reconhece uma análise do nascimento da filosofia e das ciências através do próprio campo da religião, entretanto. Segundo Durkheim:

Toda religião tem, com efeito, um lado por onde ela ultrapassa o círculo das idéias propriamente religiosas e, por ele, o estudo dos fenômenos religiosos fornece um meio de renovar os problemas que, até o presente, só foram debatidos entre os filósofos. Sabe-se há muito tempo que os primeiros sistemas de representação que o homem fez para si do mundo e de si mesmo são de origem religiosa. Não que a religião não seja uma cosmologia, ao mesmo tempo que uma especulação sobre o divino. Se a filosofia e as ciências nasceram da religião, é que a religião, por sua vez, começou por ocupar o lugar das ciências e da filosofia. Mas o que tem sido menos observado é que ela não se limitou a enriquecer de um certo número de idéias um espírito humano previamente formado; ela contribuiu para formá-lo a ele próprio. (1981, p. 154).

A investigação sobre intolerância religiosa exige identificar os conceitos de religião no ensino de história. De acordo com Durkheim (1981), precisamos compreender antes de tudo que “[...] só podemos chegar a compreender as religiões mais recentes, acompanhando na história a maneira pela qual elas se compuseram progressivamente. A história é, de fato, o único método de análise explicativa que parece possível de se aplicar.” (p. 149). Os escritos de

Durkheim são confirmados por Rüsen, pois apresentam a história como instrumento de compreensão da religião ao longo do tempo. Vejamos ideias de Durkheim em seu texto<sup>4</sup> destacando o que é religião:

As religiões apresentam-se a nós enquanto fenômenos históricos; e, como todas as instituições humanas, as vemos nascer, crescer e morrer. Logo, não faz sentido pô-las a priori de fora da natureza. Sem dúvida, em certo número de religiões, o fiel crê que os ritos o colocam em contato com uma ordem de coisas que se podem denominar sobrenaturais. Todavia, mesmo que essa crença seja absolutamente geral, ainda assim não há razão para atribuir-lhe de antemão um valor objetivo. Ela é um fato do qual é preciso dar conta, mas que não se explica por ele mesmo. As coisas do mundo físico não são percebidas pelo homem comum; igualmente, não há razão para afirmar que as coisas religiosas sejam exatamente como o crente as representa. Logo, a ideia que se faz delas não é a prova de que elas não são cientificamente explicáveis. Ademais, toda ciência que possui fundamento postula a racionalidade das coisas que ela se encarrega de estudar. É, portanto, legítimo que a ciência das religiões esteja de acordo com este mesmo postulado, que é a condição de sua existência. Com aqueles que o negam, a discussão é inútil, sendo todo o entendimento impossível. (2012, p. 32-33).

Após analisarmos o que é religião, ainda que concordemos com a ideia de Durkheim de que as religiões existem no plano natural e não sobrenatural, faz-se necessário considerarmos a diversidade de religiões existentes e destacarmos nas aulas de história a discussão sobre a intolerância religiosa. Para Évely Adriana de Lima Lopes, há necessidade historicizarmos alguns grupos religiosos, como o Hinduísmo, Judaísmo, Xintoísmo, Taoísmo, Confucionismo, Zoroastrismo, Jainismo, Sikhismo, Cristianismo, Islamismo, Candomblé, Rastafarismo, Umbanda, União do Vegetal, Seicho-no-iê, Religiões Indígenas Brasileiras. (LOPES, 2015, p. 108-109). Nesse âmbito, podemos incluir também outros temas que envolvem religião e sociedade, tais como fundamentalismo, intolerância, gênero, violência (LOPES, 2015, p. 110).

Na investigação que propomos, ressaltamos o tema intolerância religiosa. Ao discutirmos sobre os conteúdos históricos que retratam a temática, podemos realizar uma análise do ponto de vista histórico. A intolerância religiosa caminha com a humanidade ao longo da história em diferentes tempos. Como exemplo, podemos mencionar práticas de intolerância no Cristianismo desde a antiguidade. Edward Gibbon (2012), escritor do século XVIII, já discutia a intolerância e o crescimento do Cristianismo no mundo, a partir do Império

---

<sup>4</sup> O problema religioso e a dualidade da natureza humana, extraído do Bulletin de la Société française de philosophie, 13. O texto consiste em uma exposição sobre o conteúdo de As Formas Elementares da Vida Religiosa, seguida de um debate, realizados no ano de 1913. Na datação proposta por Lukes, o texto é o 1913b, e é reproduzido na coletânea Textes 2 – Religion, Morale, Anomie, Paris, Les Editions de Minuit, 1975. Todas as referências a Durkheim e seus interlocutores dizem respeito à primeira edição de Les Formes Elementaires de la Vie Religieuse, de 1912. (DURKHEIM, 2012, p. 27).

Romano. Gibbon estudava intolerância presente na construção do Cristianismo como um dos elementos que propiciaram o seu crescimento e disseminação. A intolerância proveniente do Judaísmo influenciou também outras religiões, especialmente o Cristianismo, que se origina daquela. Para Gibbon:

[...] a influência do cristianismo não se confinou ao período ou aos limites do Império Romano. Após terem se passado treze ou catorze séculos, essa religião é ainda professada pelas nações da Europa, tanto quanto as armas. Pela diligência e o zelo dos europeus ela se difundiu amplamente até os mais distantes rincões da Ásia e da África, e através das colônias europeias se estabeleceu firmemente do Canadá ao Chile, num mundo desconhecido dos antigos. [...] por que meios obteve a fé cristã vitória tão notável sobre as religiões estabelecidas do mundo. [...]. Ao que parece, foi ele favorecido e assistido pelo modo efetivo, pelas cinco causas seguintes: I. O inflexível zelo e, se nos é permitido usar tal expressão, a intolerância dos cristãos-derivada, em verdade, da religião judaica. [...] II. A doutrina de uma vida futura. [...] III. Os poderes miraculosos atribuídos à Igreja primitiva. IV. A pura e austera moralidade dos cristãos. V. A união e a disciplina da república cristã, que formou aos poucos um Estado independente que se desenvolveu no coração do Império Romano. (2012, p. 7).

Na América portuguesa e hispânica, por sua vez, o Cristianismo se sobrepôs às religiões dos nativos, inferiorizando-as, por meio de uma imposição colonialista que culminou na doutrinação dos indígenas pelos cristãos. A sobreposição de uma cultura sobre a outra provoca estranhamento, dominação de verdades absolutas sobre as demais formas de pensamento religioso, e, provavelmente, essa situação originária, por si só, retrata a intolerância, muitas vezes conveniente para os que dominam ou pretendem dominar um povo.

Ao propormos discutir a intolerância religiosa, percebemos a necessidade de alterar o jogo da sociedade a fim de que o indivíduo olhe para o outro com suas diferenças, crenças, valores, culturas e tenha um olhar acolhedor e que provoque alteridade. A proposta em relação ao religioso é aprofundar o conhecimento histórico dos estudantes para que dialoguem com outras religiões e assim ocorra interculturalidade<sup>5</sup>, no âmbito da educação histórica, deixando a intolerância.

---

<sup>5</sup> GONZÁLEZ; PEDRO; PIRES, discutem a questão da educação intercultural, que possibilita compreender o que é interculturalidade a partir da educação e imigração na Europa:

A educação intercultural, centrada na questão da educação para a democracia e especialmente para a cidadania democrática, visa então a inclusão e participação de todos os constituintes da sociedade, autóctones e estrangeiros, na sociedade de acolhimento através de uma aprendizagem da vida em comum. [...] Ou seja, em vez de um somatório ou justaposição de culturas que se confrontam ou se 'toleram' num mesmo espaço, a educação intercultural preconiza o viver o cruzamento de culturas em transformação mútua, numa sociedade de direitos reais e efectivos. Uma sociedade

Estudar a história das religiões estimulará a orientação temporal nos estudantes, pois compreenderão como as religiões começaram, como e por que interferem na sociedade e desenvolverão uma reflexão crítica. Para Lucas Pydd Nechi (2011), a religiosidade é algo inerente ao ambiente escolar, invade os muros da escola e extrapola nosso querer, muitas vezes, cético. Os estudantes vivenciam muitas experiências que precisam ser compartilhadas, debatidas e discutidas juntamente com os conteúdos de história. Nechi cita que: “é de se esperar que a religião invada os muros escolares, seja formalmente pelos currículos visíveis, invisíveis, seja informalmente pela contextualização sócio religiosa de cada escola e de seus alunos e professores”. (211, p. 55).

A religião na escola, porém, é um tema que mais divide do que gera interculturalidade. Rösen (2010) e Nechi (2011) elucidam que temas divergentes e polêmicos, como da intolerância religiosa, precisam ser relacionados à teoria histórica, pois são assuntos que fazem parte da sociedade como um todo. Estas temáticas devem ser debatidas para se repensar ações como as que ocorreram na França em 2015. No Brasil, segundo, Sílvia Regina Alves Fernandes, ocorrem diversas situações de intolerância religiosa, como as citadas pela autora:

Pode-se compreender a intolerância religiosa como um tipo ideal que se traduz no Brasil como atitudes que resultam em diferentes modalidades de violência (física, verbal ou psicológica) exercidas por determinados sujeitos sociais contra outros de uma dada tradição religiosa. Apresentando-se quase sempre como uma via de mão única, esse tipo de intolerância se expressa, na maioria das vezes, por meio de ações orquestradas por membros de denominações neopentecostais em direção a membros e locais de culto de religiões afro-brasileiras (candomblé e umbanda), podendo do mesmo modo ocorrer contra símbolos do catolicismo. (2015, p. 290).

Assim como o Brasil, o continente europeu ao longo da história vivenciou conflitos sociais causados pela religião. A entrada maciça de imigrantes de diferentes manifestações religiosas e culturais aumenta os conflitos, dificultando a tolerância entre nações europeias. Para Boaventura Souza Santos (2015), existe grandes perigos nas duas formas de tratarmos a questão da imigração na Europa: postura antiimigrante ou a postura de tolerância. As duas são perigosas, não desenvolvem nas populações da Europa, como do mundo em geral, a interculturalidade, que só é cogitada por pequenos grupos. Por tudo isso, várias pessoas

---

em que a identidade pessoal e social passa por um processo de construção permanente, que aceita as diversas influências e se alicerça nas semelhanças, nas diferenças, nas vontades conjugadas de construir uma sociedade mais justa e no sentido de pertença comum à humanidade. (2007, p. 235-236).

dirigem-se para regiões da Europa e não se sentem incluídas. Boaventura Santos (2015) descreve assim o contexto no qual estava inserido o *Semanário Charlie Hebdo*:

Tolerância e ‘valores ocidentais’. O contexto em que o crime ocorreu é dominado por duas correntes de opinião, nenhuma delas favorável à construção de uma Europa inclusiva e intercultural. A mais radical é frontalmente islamofóbica e anti-imigrante. É a linha dura da extrema-direita em toda a Europa e da direita, [...]. A outra corrente é a da tolerância. Estas populações são muito distintas de nós, são um fardo, mas temos de as ‘aguentar’, até porque nos são úteis; no entanto, só o devemos fazer se elas forem moderadas e assimilarem os nossos valores. [...]. A crise social causada pela erosão da proteção social e pelo aumento do desemprego, sobretudo entre jovens, não será lenha para o fogo do radicalismo por parte dos jovens que, além do desemprego, sofrem a discriminação étnico-religiosa? (2015, n.p., online).

Santos (2015) realiza a discussão sobre o perigo de uma Europa passando por um colapso, provavelmente podemos acrescentar as suas discussões por questões criadas pela própria Europa, quando no passado explorou e dominou áreas na África e Ásia, de forma a tirar-lhes as condições de vida, que eram simples, mas equilibradas com suas formas de pensar e organizar a sociedade. Os atuais imigrantes querem melhorar as suas condições materiais, porém em um espaço europeu secularizado, que não aceita seus dogmas e crenças. Na visão deste autor, não se questiona a liberdade conquistada na Revolução Francesa, mas questiona-se a igualdade e a fraternidade, uma vez que as mesmas os europeus não desejam partilhar.

Precisamos nos atentar para a importância das interações entre as religiões e os conflitos do mundo atual, conflitos que permeiam o dia a dia e estão nos noticiários. Existe um “desencantamento”, como bem afirmava Weber, que oportuniza a efervescência das religiões. O processo de desencantamento do mundo é possibilitado no espaço de racionalização da sociedade, pois esse espaço remove a magia, como um obstáculo ao desenvolvimento da economia. (SOFIATI, 2015, p. 329). Flávio Muniz Sofiati constata a preocupação de Weber com o desencantamento do mundo:

O desencantamento do mundo pela religião consiste na "desvalorização dos meios mágicos de salvação que depreciaram o trabalho cotidiano do profissional religioso. [...] O sentido expandido do conceito significa o desencantamento do mundo pela ciência. Trata-se do processo de exclusão da religião pela ciência, em que esta é alçada para o campo da irracionalidade. Weber afirma que uma das consequências desse processo é a perda de sentido do mundo. (2015, p.329-330).

Estudiosos analisam a religião, de modo geral e fazem previsões baseadas nos fatos ocorridos em nossa sociedade no momento atual. Numa sociedade secular, surgem anúncios do desaparecimento da religião, mas as mesmas não desaparecem, como afirma Sofiati (2015), se reorganizam, pois a prática da religião suscita magia e sentido à vida das pessoas, principalmente em um ambiente desigual em todos os âmbitos, com diferentes grupos culturais. Esse ambiente possibilita surgimento e ressurgimento de grupos religiosos, radicais. Eduardo Duque (2014) ressalta que há o anúncio do desaparecimento da religião que não se confirma, apesar do desgaste das instituições religiosas. O autor defende que: “O fenômeno religioso, [...] Parece ter sobrevivido aos diversos anúncios do seu desaparecimento, [...]. Porém, é inegável que se assiste a um progressivo desgaste dos referentes procedentes dos costumes e tradições da religião institucional, [...]” (2014, p. 7). Concordamos com o autor que as religiões não estão desaparecendo. No entanto, vazios vividos pelas pessoas, muitas vezes provocados pelas desigualdades sociais, as levam a correntes religiosas extremistas, como alguns segmentos religiosos, é o que destaca Armstrong:

Um dos fatos mais alarmantes do século XX foi o surgimento de uma devoção militante, popularmente conhecida como ‘fundamentalismo’, dentro das grandes tradições religiosas. Suas manifestações são às vezes assustadoras. Os fundamentalistas não hesitam em fuzilar devotos no interior de uma mesquita, matar médicos e enfermeiras que trabalham em clínicas de aborto, assassinam seus presidentes e até derrubar um governo forte. Os que cometem tais horrores constituem uma pequena minoria, porém até os fundamentalistas mais pacatos e ordeiros são desconcertantes, pois parecem avessos a muitos dos valores mais positivos da sociedade moderna. Democracia, pluralismo, tolerância religiosa, paz internacional, liberdade de expressão, separação entre Igreja e Estado – nada disso lhes interessa. Os fundamentalistas cristãos rejeitam as descobertas da biologia e da física sobre as origens da vida e afirmam que o livro de Gênesis é cientificamente exato em todos os detalhes. Numa época em que muitos estão rompendo os grilhões do passado, os fundamentalistas judeus observam sua lei revelada com uma rigidez maior que nunca, e as mulheres muçulmanas, repudiando as liberdades dos ocidentais, cobrem-se da cabeça aos pés com seu xador. Os fundamentalistas islâmicos e judeus têm uma visão exclusivamente religiosa do conflito árabe-israelense, que começou com uma disputa secularista. Mas os fundamentalistas não se limitam aos grandes monoteísmos. Ocorre também entre budistas, hinduístas e até confucionistas que rejeitam muito das conquistas da cultura liberal, lutam e matam em nome da religião e se empenham em inserir o sagrado no campo da política e da causa nacional. (2009, n. p., on-line).

Armstrong confirma o fundamentalismo em vários segmentos religiosos e a urgência de discussão em todos os âmbitos da sociedade atual. Discorrer a respeito do influxo das ideias religiosas nos comportamentos de mudanças da sociedade atual reforça tanto as ideias

de Rüsen (2010) como as de Barca, pois a educação histórica traz possibilidades de mudança de consciência e novas formas de refletir acerca do ensino-aprendizagem sobre temas sensíveis socialmente, como a questão religiosa. Barca (2011) e Rüsen enfatizam a importância da consciência histórica para o nosso tempo; através de sua alteração ocorrem as transformações que propiciam a consciência histórica genética. Barca analisa os usos da história em relação ao passado, presente e as possibilidades para o futuro. Essa reflexão permite repensar nossas próprias posturas religiosas tanto sensitivas quanto racionalistas. Precisamos desenvolver um novo olhar sobre a religião de maneira geral e sobre religiões de culturas antigas e diferenciadas como forma de analisar o próprio campo religioso, relacionando-o também com outras áreas das ciências humanas.

A religiosidade atual é complexa e cada indivíduo olha para a sua própria religião, nos diversos segmentos, percebendo-a como única e verdadeira. A educação histórica deve provocar nos estudantes reflexões, críticas e atitudes de interferências sociais. Em todos os tempos e espaços históricos existiu intolerância religiosa, não só entre as religiões, como também entre os grupos diversos dentro da própria religião. O fenômeno religioso é por natureza detentor de verdades absolutas que convencem seus seguidores de que determinado pensamento é único, verdadeiro, universal e deve ser replicado em toda a humanidade.

Estudar religião através da educação histórica traz contribuições que possibilitam discutir os diversos segmentos religiosos e suas implicações históricas. O debate sobre intolerância religiosa entre os estudantes proporcionou discussões sobre as questões religiosas e os seus desdobramentos no século XXI. Ao nos referirmos ao ensino religioso na realidade dos estudantes das escolas municipais de Goiânia, percebemos que efetivamente existe na lei, mas não nas diretrizes curriculares da Secretaria Municipal de Educação em Goiânia, pois a sua concretização nas escolas exige o diálogo entre os profissionais, para que não ocorra a discriminação ou o domínio de grupos religiosos no ambiente escolar. Em 2007, a Câmara Municipal de Goiânia aprovou uma lei para legalizar e estabelecer as diretrizes para o ensino religioso na rede municipal de Goiânia.

A cidade de Goiânia criou a lei n. 8509, municipal, que instituiu o ensino religioso como disciplina letiva, não com a finalidade de ensinar valores religiosos ou defender determinada religião e sim discutir a história das religiões do mundo. O objetivo dessa disciplina seria conhecer sobre a história das mesmas e não direcionar à conversão, mas à ampliação do conhecimento crítico da religião de maneira geral. A Secretaria Municipal de Educação de Goiânia seria responsável por exigir a inviolabilidade do direito à liberdade de

consciência e crença, como vemos na lei promulgada, porém, ainda não colocada em prática. A lei de 2007, promulgou:

LEI MUNICIPAL N. 8509 – DE 8 DE JANEIRO DE 2007  
AUTORIZA A CRIAÇÃO DA DISCIPLINA DE ENSINO RELIGIOSO  
NAS ESCOLAS MUNICIPAIS. Goiânia.

§ 1º O ensino religioso consistirá em disciplina letiva, que ensinará a evolução da religião através dos tempos, respeitando todas as formas de crenças.

§ 2º Para execução desta Lei a Secretaria Municipal de Educação, criará o Conselho Municipal de Ensino Religioso.

I – O conselho será composto por membros da referida Secretaria, representantes da Câmara Municipal e cidadãos da Comunidade.

II – O conselho estabelecerá normas para garantir a inviolabilidade do direito à liberdade de consciência e de crença previsto no art. 5º, inciso VI, da Constituição Federal.

Art. 2º A Secretaria Municipal de Educação fica responsável pela contratação dos funcionários necessários para execução da referida Lei. (Diário Oficial de Goiânia, 2007, n.p., on-line).

O ensino da história das religiões na Secretaria Municipal de Educação de Goiânia não foi efetivado; não conhecemos as razões, a proposta apresenta um caráter pluralista e ético em relação a manifestações religiosas no mundo, tanto hoje como em tempos passados. No entanto, segundo a proposta desta investigação, os educadores podem, através de questões diversas da sociedade, realizar intervenções da educação histórica que oportunize o contato dos estudantes com diversas manifestações religiosas do ponto de vista reflexivo e transformador da sociedade.

A educação histórica já é referencial para diversos países na teoria da história. Para pensar a orientação temporal tanto nas escolas como nos espaços públicos, Peter Lee (Inglaterra), Isabel Barca (Portugal), Maria Auxiliadora Schmidt (Brasil) como outros pesquisadores trouxeram contribuições que possibilitaram discutir os diversos segmentos religiosos e suas implicações históricas. Assim, a necessidade do debate sobre intolerância religiosa entre os estudantes a partir da educação histórica oportunizou utilizar como instrumento de investigação o atentado ao *Semanário Charlie* em Paris, França, em janeiro de 2015, abrindo discussões sobre as questões religiosas, sobre as intolerâncias migratórias e os seus desdobramentos sociais, econômicos e religiosos que ocorreram, principalmente na Europa neste século XXI.

O trabalho escolar com essas temáticas aliadas teoricamente às pesquisas e às metodologias testadas pela educação histórica possibilita novas aprendizagens aos estudantes. O método de ensino e aprendizagem da educação histórica propicia ensinar temas diversos

realizando investigações sobre os conhecimentos dos estudantes através de suas narrativas e dos conceitos que eles exteriorizam após as intervenções, os professores têm a oportunidade de aplicar, por exemplo, a teoria da orientação temporal de Rüsen, na prática. Assim, os pesquisadores da educação histórica elaboraram textos sobre diversas temáticas da educação histórica, considerando a relevância da teoria e da prática das aulas em que se permitem a produção das fontes denominadas de narrativas pelos estudantes e, posteriormente, investigadas, oportunizando agir no presente de forma a idealizar mudanças no mundo.

## CAPÍTULO 2 - SEMANÁRIO CHARLIE HEBDO COMO PROPOSTA DE ESTUDOS PARA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Neste capítulo investigamos o histórico do *Semanário Charlie Hebdo* e como foi reportado pela mídia o atentado ocorrido no dia 07 de janeiro de 2015 em Paris, França. Analisamos a liberdade de expressão<sup>1</sup> da mídia na França e como ocorreu a intolerância das duas partes, terroristas e cartunistas. As reflexões são necessárias, visto que o atentado foi usado como *instrumento de investigação* para coleta das narrativas históricas dos estudantes de uma escola do município de Goiânia, a respeito do tema intolerância religiosa. Utilizamos artigos de jornais, dissertações, livros, sites, periódicos, dissertações sobre o tema intolerância religiosa, liberdade de expressão, mundo islâmico, terroristas, imigração e o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*. Analisamos de forma simplificada os grupos radicais do Islamismo na França, seu espaço territorial, religioso e cultural e o aumento da população de tradição islâmica nesse país. Todavia consideramos também que muitas notícias e reflexões são oriundas de determinados lugares e grupos sociais, manipuladas pela mídia, que influenciam nossa opinião sobre determinados temas polêmicos do mundo. O objetivo desta pesquisa como já dito inicialmente é utilizar o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo* para possibilitar o desenvolvimento de aprendizagens históricas com os estudantes sobre intolerância religiosa.

### 2.1. Histórico do *Semanário Charlie Hebdo* – Paris, França

---

<sup>1</sup> Liberdade de expressão:

Historicamente este figura nos primeiros róis de direitos individuais, assim será encontrada na Declaração de Direitos do Homem de 1789 os seguintes trechos falando: ‘Ninguém pode ser perturbado por suas opiniões, mesmo religiosas, desde que a sua manifestação não inquiete a ordem pública estabelecida pela lei’ e no art. 11 que reforça dizendo: ‘A livre comunicação dos pensamentos e das opiniões é um dos direitos mais preciosos do homem; todo cidadão pode, pois falar, escrever, exprimir-se livremente, sujeito a responder pelo abuso desta liberdade nos casos determinados pela lei’. (FRANCISQUINI e FREITAS, 2009, n.p., on-line).

O *Semanário Charlie Hebdo* existe desde os anos de 1960, século XX. A proposta política do semanário evidencia protestos contra todos os segmentos da sociedade que sejam arbitrários, principalmente em relação à sociedade francesa, sobretudo de ordem religiosa. Os editores desse periódico semanal sempre se manifestaram contra dogmas religiosos de todas as vertentes, usando a premissa da liberdade de expressão, e, ainda, utilizando charges para a comunicação e como meio de protestos e denúncias para a sociedade. Cabe ressaltar que o objetivo das charges sempre foi suscitar a polêmica sobre determinadas questões sociais, e, assim, provocar discussões e análises, com polemizações. Segundo Camille Lenz da Silva, o histórico desse Semanário apresenta uma trajetória política antirreligiosa, usando como forma de provocação as charges. Silva (2016) historiciza o semanário:

Charlie Hebdo é um jornal semanal francês, com sede em Paris. Foi fundado em 1960 sob o nome de Hara-Kiri, jornal mensal. Sua estratégia de midiatização é feita exclusivamente com o uso de charges. Em 1969, modificou seu nome para Hara-Kiri Hebdo, passando a ter publicação semanal. Em 1970, depois de irritar o governo francês ao publicar charges sobre a morte recente do militar Charles de Gaulle, considerado um ídolo dos franceses, os diretores do jornal mudaram novamente seu nome, desta vez para Charlie Hebdo. Em 1981, o jornal fechou por motivos financeiros, vindo a retomar suas atividades apenas em 1992. Conhecido por defender pensamentos libertários e fazer uso da sátira como carro-chefe, o jornal criou muitos conflitos ao longo de sua existência. Principalmente, seus integrantes declaravam não se importar com aquilo que era tido como sério. Batia de frente com judeus, católicos, extrema-direita e com o terrorismo islâmico, pelo qual é mais conhecido. Segundo o diretor do jornal em 2011, Stéphane Charbonnier, 'É preciso continuar até que o islão seja tão banal como o catolicismo' (MARTINS, 2015). Martins (2015) traz também o relato resumido da opinião do jornal em relação à religião, segundo o chefe da redação do Charlie Hebdo. [...] Na França, conforme o jornalista Leandro Colon, a legislação não considera blasfêmias e piadas com religiões um crime. Apesar disso, aqueles que se sentem ofendidos são livres para pedir reparação na justiça. Conforme o jornalista, em 2007 a publicação sofreu tentativa de processo por parte da Grande Mesquita de Paris e da União de Organizações Islâmicas Francesas, referente a publicações de Maomé consideradas racistas pelos órgãos religiosos. [...] Em 2006, Charlie tornou-se conhecido mundialmente após replicar charges satíricas do jornal dinamarquês Jyllands-Posten sobre Maomé. Muçulmanos que consideraram o fato ofensivo realizaram protestos em massa e a polícia parisiense precisou reforçar a segurança da redação francesa. Em 2011, a sede da revista foi atacada com uma bomba incendiária um dia depois de publicar novamente charges de Maomé com os dizeres: 'Cem chibatadas se você não estiver morto de rir'. Ainda o semanário trocou seu nome por 'Charia Hebdo', uma alusão às leis islâmicas, ou 'sharia'. O site do jornal também sofreu represálias, sendo invadido. No lugar das sátiras usuais, foram postos trechos do Corão e uma foto de Meca. Na edição posterior ao bombardeio, o semanário estampava uma charge fazendo referência ao ocorrido, com um integrante do Charlie Hebdo e um muçulmano beijando-se. 'Nosso objetivo é fazer rir. Queremos rir dos extremistas, sejam eles muçulmanos, judeus ou católicos. [...] em 2015

o jornal sofre novo atentado, que é objeto de estudo desta pesquisa. O atentado na manhã de 7 de janeiro de 2015, o jornal realizava uma reunião de equipe. Enquanto isso, nas bancas já rodava a edição daquela semana, que exibia o famoso escritor francês Michel Houellebecq, que acabara de lançar o livro *Soumission*, ou *Submissão*, em português. Na capa, havia os dizeres ‘As previsões do mago Houellebecq’ e, nos balões, as falas ‘Em 2015, perco meus dentes... Em 2022, faço o Ramadã!’. O livro de Houellebecq é uma ficção que trata da completa islamização da França até 2022 com a eleição de um presidente muçulmano. Às 11h30min, duas pessoas entraram no prédio em que se localizava o jornal e atiraram contra aqueles que estavam na reunião. Morreram o editor Stéphane Charbonnier, o vice-editor Bernard Maris, os cartunistas Georges Wolinski, Jean Cabu, Bernard Verlhac e Phillippe Honoré, o revisor Mustapha Ourad e a colunista Elsa Cayat. Além destes, foram mortos dois policiais, Franck Brinsolaro e Ahmed Merabet, o funcionário Frédéric Boisseau e Michel Renaud, que visitava a redação. Ficaram feridos o cartunista Laurent Sourisseau, a web designer Simon Fieschi, a colunista Sigolène Vinson e os jornalistas Philippe Lançon, Fabrice Nicolino e Laurent Léger. Os atiradores, irmãos Chérif e Saïd Kouachi, gritaram ‘Vingamos o Profeta’, em referência a Maomé e às charges sobre ele publicadas no semanal. (2016, p. 56-61).

O texto destaca a trajetória do *Semanário Charlie Hebdo*, desde o seu início até o ocorrido no dia 07 de janeiro de 2015, quando o semanário se tornou mundialmente conhecido. As charges publicadas pelo semanário destacam-se pelas sátiras e ironias sobre religiões. Erika Moraes (2016) escreveu o artigo ‘*Je suis Charlie*’ a ‘*Je sui*’ (...)’ (s.p., on-line) destacando os acontecimentos que talvez tenham incitado o fundamentalismo islâmico a agir de forma violenta, com a destruição do prédio do *Semanário* e, posteriormente, a morte dos doze chargistas. Moraes (2016) destacou em seu texto que o *Semanário Charlie Hebdo*, através das charges, atingiu de forma direta a população islâmica erradicada na França e nas demais partes do mundo.

O periódico destacou-se por fazer críticas sobre assuntos controversos para a sociedade francesa e mundial. Sua postura provocou conflitos políticos e religiosos que desencadearam profundos acirramentos que resultaram no atentado de 2015. O semanário, apesar do tom irônico, principalmente em relação aos seguidores do Islamismo, ainda não havia recebido represálias graves como o atentado que eliminou a vida de seus cartunistas, apresentando características de terrorismo. A autoria do atentado ocorrido em 07 de janeiro de 2015, por sua vez, foi reivindicada *pela Al Qaeda na Península Arábica*, como foi muito divulgado na mídia em geral na época. Contudo se por um lado faltou tolerância dos islamitas radicais à liberdade de expressão, por outro faltou respeito a religiões e seus seguidores, apresentando características de xenofobia e racismo em relação a grupos diferenciados de outras

regiões do mundo. Gasparovic discute a junção na Europa de terrorismo, mídia, preconceito, marginalização e xenofobia:

Há uma questão bastante complexa em relação à identidade religiosa da Europa, especialmente por abranger outros aspectos que vão além de crenças: extremismo, medo, discurso de ódio e cultura de povos. É visível que não há uniformidade naquilo que se acredita, o que não é diferente do que acontece em outros territórios. O que é destacado na Europa é a forma como um imaginário construído pela junção de terrorismo, mídia e preconceito julga e marginaliza todo o povo muçulmano que vive em um entre lugar constante. (2016, p. 90).

O semanário, originalmente, objetivava influenciar política, social e culturalmente a sociedade francesa. Os cartunistas declaravam-se ateístas e apresentavam certa tolerância com o tema religião. Gérard Biard, editor-chefe do semanário, declarou em entrevista à *DW*<sup>2</sup>, em 2012, que a partir do momento em que imigrantes descendentes de povos islâmicos passaram a intervir nos espaços políticos e sociais, como forma de definir suas posturas religiosas, provocaram em grupos como os cartunistas o desejo de represália. Os cartunistas, assim, lutavam pela liberdade, mesmo que para isso fossem intolerantes à cultura do outro, posições como estas mesmo vindo da extrema esquerda, parecem ser de extrema direita.

O periódico investigado trouxe a proposta de discussão sobre os conflitos religiosos na Europa, onde houve o aumento do número de imigrantes de religiões com perfil fundamentalista, como alguns grupos do Islamismo<sup>3</sup>. Entretanto, os atentados provocados por questões religiosas ocorrem não só na Europa, mas pelo poder mundial dos países europeus são

---

<sup>2</sup> Camille Lenz da Silva, historiciza o: jornal alemão Deutsche Welle:

A Deutsche Welle (DW) é uma empresa internacional de comunicação alemã, fundada em 1953. Nasceu originalmente como uma empresa de radiodifusão. Hoje, porém, trabalha com programas de televisão e portais de notícias online [...] internacionalmente reconhecida por realizar coberturas analíticas e de alta credibilidade. (2016, p. 64).

<sup>3</sup>O que são islâmicos fundamentalistas:

O que é, pois, este fundamentalismo muçulmano? O islamismo é uma ideologia política antimoderna, anti-secularista e antiocidental, cujo projeto é converter o indivíduo para que se torne um muçulmano religioso observante, é transformar a sociedade formalmente muçulmana em uma comunidade religiosa voltada ao serviço a Deus e estabelecer o reino de Deus em toda a terra. A tendência fundamentalista é provavelmente a vertente predominante no islã atual. É, todavia, um fenômeno recente, cuja forma atual se desenvolveu só nas últimas décadas, em reação à modernização globalizante – no Oriente Médio em particular. (DEMANT, 2004, p. 201).

mediaticamente valorizados. Em regiões de domínio islâmico, ocorrem atentados gravíssimos, como apresenta Sérgio Ricardo Fernandes de Aquino e Neuro José Zambam, “[...] no continente africano, ocorreram diversas ações lideradas por grupos terroristas que vitimaram milhares de pessoas. Apenas para ilustrar esse drama, na Nigéria, no mesmo período, 2.000 pessoas foram assassinadas [...]” (2016, p. 24).

Estes autores também esclarecem que “o exercício e as garantias da liberdade de expressão, manifestação e participação, seja legal, seja no cotidiano da vida em sociedade, é a garantia básica para a justiça social, a superação de exclusões e a explicitação da verdade dos fatos.” (AQUINO; ZAMBAM. 2016, p. 24). A religião não pode privar-se do debate público e reflexivo sobre suas posturas, principalmente quando as mesmas interferem na sociedade, como a francesa, contudo os autores preconizam que possa haver intervenção do Estado nos instrumentos de comunicação, a fim de garantir o respeito à crença de todos, liberdade de pensamento e ao mesmo tempo evitar episódios extremamente violentos, como o ataque ao *Semanário Charlie Hebdo*.

Aprendemos na teoria, que os conflitos culturais são desafios para a sociedade civil deste século, os cartunistas escolheram realizar essa discussão através das charges, porém para os islâmicos é proibido fazer qualquer representação com a imagem do profeta<sup>4</sup>. Ao falar sobre atentados terroristas, Charb esclarece que há uma ampliação de notícias sobre os mesmos, transformando-os em produtos publicitários. Segundo Charb, o terrorismo islâmico vende muito, portanto é necessário divulgá-lo até mesmo como se só houvesse ele, pois o medo vende bem. O chargista apresenta uma postura firme em relação à defesa da liberdade de expressão e contra a mídia islamofóbica. Em seu livro, *Carta aos escroques da islamofobia que fazem o jogo dos racistas*, ele diz:

Sem a cumplicidade, na maioria das vezes imbecil, da mídia, o termo “islamofobia” não conheceria esse sucesso delirante. Por que os meios de comunicação foram tão ágeis em se apoderar da islamofobia? Primeiro, por negligência, depois por atração pela novidade e, finalmente, por interesse comercial. Não há nenhuma motivação antirracista por parte deles no fato de contribuírem para popularizar o termo ‘islamofobia’. Ao contrário. Em poucas

---

<sup>4</sup> Islamismo proíbe representação de Maomé, embora muitos o fazem:

[...] embora o islamismo proíba sua representação e a idolatria de imagens. Isso porque Maomé é considerado apenas um profeta e não símbolo da religião. Os muçulmanos temem que com a representação e exposição de imagens, o profeta possa ser idolatrado como um Deus, assim como os cristãos fazem com Jesus. E, para o islamismo, só existe um Deus: Alá. (HOFFMANN e KLEIN, 2009, p. 66-67).

palavras: todo escândalo que contém a palavra ‘islã’ no título vende bem. Desde o atentado de 11 de setembro de 2001, a mídia põe em cena um personagem ao mesmo tempo fascinante e apavorante: o terrorista islâmico. Um terrorista provoca muito cagaço, mas se você acrescentar que é islâmico, todo mundo se borra nas calças. O medo vende bem. O islamismo que dá medo vende bem. E o islamismo que dá medo se tornou o único islamismo visível aos olhos do grande público. Porque o islamismo com que a mídia alimenta os consumidores é forçosamente radical e combatente. Com muita frequência, o que os grandes meios de comunicação apresentam como uma informação sobre o islamismo é, na realidade, uma caricatura. (CHARBONNIER, 2015, p. 31-32).

Observamos a urgência em aprofundar os estudos acerca da intolerância religiosa, produzida, principalmente, por conflitos culturais que precisam ser discutidos, reavaliados, pois as razões desses conflitos são complexas. Os estudantes precisam refletir as questões ligadas a aspectos religiosos que trazem em sua trajetória histórica, como também questionar o porquê de sua intolerância em vários aspectos, seja ela religiosa, seja ligada a não aceitação do pensamento diferente do outro.

### 2.1.1. Liberdade de expressão ou intolerância religiosa por parte dos jornalistas do *Semanário Charlie Hebdo*

Relacionar o *Semanário Charlie Hebdo* com a intolerância religiosa é necessário, percebe-se intolerância das duas partes, cartunistas e terroristas. Reivindicar a liberdade de expressão é complexo quando ofende aquele que acredita em uma verdade que julga ser absoluta, como alguns seguidores do Islamismo e outros grupos religiosos. No entanto, a liberdade de expressão é um pilar imprescindível à sociedade Ocidental, principalmente, pela conquista dos direitos humanos<sup>5</sup>. O diretor do *Semanário Charlie Hebdo*, Stéfhane

---

<sup>5</sup> Origem dos direitos humanos.

Os direitos humanos são advindos do resultado de uma longa história, que foi debatida ao decorrer dos séculos por juristas e filósofos. Porém, toda história teve um início, esta não seria diferente, o começo de tudo veio da área religiosa, quando o Cristianismo, durante a Idade Média, foi à confirmação da defesa da igualdade de todos os homens numa mesma dignidade. [...] a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão foi realmente anunciada em 26 de agosto de 1789, na França. Sendo que ela está ligada intimamente com a Revolução Francesa. [...]. Sabe qual é a importância desse documento atualmente? Ele foi a primeira declaração dos direitos e fonte de inspiração para outras que vieram depois dela, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pela ONU (Organização das Nações Unidas), em

Charbonnier, escreveu em seu livro, *CHARB, pequeno tratado da intolerância*, traduzido para o português, após sua morte:

Um dono da verdade cheio de autossuficiência que nos autorize a rir de tudo já é insuportável. Não preciso de sua benção para rir daquilo que me dá vontade de rir, mas também não tenho necessariamente vontade de rir de tudo. Gosto de rir do que quero, quando quero. Não somente você me concede uma liberdade que posso ter sozinho, mas, ainda por cima, coloca restrições. (...) O riso é como a pornografia, tem sempre um autoproclamado padre tentando impor seus próprios limites. (CHARBONNIER, 2015, p. 12-13).

Estudar, historicamente, intolerância religiosa significa trabalhar com questões de pertencimento cultural a um determinado grupo religioso, que interfere na construção do sentido da vida das pessoas. Desse modo, o *Semanário Charlie Hebdo* ao elaborar charges que afetaram os fundamentos da religião islâmica provocou sua própria desconstrução material, mas não ideológica, pois acreditava na importância da liberdade de expressão e lutava pela mesma permanentemente e, segundo Charbonnier, não precisava da autorização de ninguém para publicar suas charges. Charbonnier faz lembrar Marquês de Sade no séc. XIX, quando afirmava em seus escritos, citados por Carla Gonçalves (2012), que: “Todo o princípio de moral universal é uma verdadeira quimera”, [...] (SADE, 2009, p. 12, apud GONÇALVES, 2012, p. 242)”. Sara Vicelli de Carvalho (2011), anuncia que as ideias de Sade lhe custou a própria vida, pois ficou preso, encarcerado, até a sua morte. (p. 2632). Sade continua suas ideias contrárias à sociedade da época afirmando: “Os prazeres de que desejava me privar pareceram-me ainda mais tentadores e me apercebi de que, quando se nasceu para a libertinagem, é inútil querer dominar-se: os fogosos desejos irrompem com mais força.” (2009, p. 18, apud, GONÇALVES, 2012, p. 242). Dessa forma podemos observar que as ações e discursos de protesto e repúdio de Charbonnier a diversas religiões custou-lhe a própria vida, como foi com Marquês de Sade e suas ideias eróticas em um ambiente conservador.

Já os islâmicos entendem que ocorreu um atentado afrontoso à religião islâmica. Para Marília Manfredi Gasparovic, “[...] os muçulmanos não foram incapazes de conviver com qualquer tipo de liberdade de expressão, mas foram incapazes de conviver com a liberdade de expressão que gerou ofensas à crença islâmica.” (2016, p. 447). A liberdade de expressão é uma

conquista francesa, porém, em determinadas situações esbarra em questões complexas, como as charges produzidas pelo *Semanário Charlie Hebdo*, que para os islâmicos feriram os princípios da sua religião ao expor o profeta Maomé. Assim defende Gasparovic, sobre o atentado: “[...] a liberdade, quando extrapola o limite, passa a ser ofensa por atingir a crença do outro, desrespeitando-a.” (2016, p. 447).

Bartel (2016) é um pesquisador que tenta fazer a ponte entre mundo oriental e ocidental. Grande parte de estudiosos possuem um olhar etnocêntrico, do ponto de vista dos países ocidentais com maior poder econômico e político de forma a não cogitar ou repensar xenofobia<sup>6</sup> em relação a culturas diversas. Os atentados ocorridos em diversas partes do mundo são relevantes e deveriam despertar interesse das lideranças mundiais sobre os rumos das relações entre nações, porém os episódios que ocorreram e ocorrem na Europa e América do Norte são noticiados e chamados muitas vezes de inescrupulosos, mesmo que tragédias com maior número de mortos e feridos ocorram em países pobres, porém para muitos irrelevantes. Elias Thomé Saliba, discute o terrorismo em outras regiões e a relevância do caso envolvendo o *Semanário Charlie Hebdo*, o autor cita diversos massacres, como, por exemplo, a morte dezenas de pessoas no ataque talibã a uma escola em Peshawar, Paquistão. Em contrapartida, ele também destaca o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo* como dos mais hediondos por atacar a liberdade de expressão e o humor, além de ter ceifado vidas. (SALIBA, 2016, p. 36-37).

O terrorismo relacionado principalmente a imigrantes originários de países que professam o Islamismo na Europa é discutido na atualidade por várias nações interligadas ao mundo europeu, inclusive, os Estados Unidos. Os países assumem posturas diferenciadas e até xenofóbicas em relação aos imigrantes do Oriente Médio, especialmente os que professam a religião islâmica. As notícias sobre esse momento ímpar na sociedade, em que não é lógica a previsão de um atentado, favorece o surgimento de várias opiniões, como o dualismo entre a

---

<sup>6</sup> José Augusto Lindgren Alves, aborda o que é xenofobia, segundo encontro internacional em Durban, 1994:

A Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial ocorrida em Durban: [...] de conformidade com as intenções originais que embasaram a proposta da Conferência desde 1994, deu atenção adequada à xenofobia como um dos mais graves problemas da atualidade mundial. Em seu artigo 16, a Declaração diz: ‘Reconhecemos que a xenofobia contra os não-nacionais, em particular os migrantes, os refugiados e os solicitantes de asilo, constitui uma das principais fontes do racismo contemporâneo, e que as violações de direitos humanos cometidas contra membros desses grupos ocorrem largamente no contexto de práticas discriminatórias, xenófobas e racistas.’ (2002, n.p., on-line).

população europeia a construção de uma identidade comum plural ou reforço do nacionalismo xenófobo de extrema direita.

As notícias sobre o atentado tendem a ser tendenciosas e extremistas, poucos jornalistas e pesquisadores que apresentaram comentários conseguiram ser imparciais, quase todos se manifestaram por defender os cartunistas ou os terroristas. Na Europa, somente em 2017, ocorreram vários atentados<sup>7</sup>, o que acirrou opiniões dualistas escolhendo por um viés de tolerância aos estrangeiros ou xenofóbico, que chama a atenção das lideranças mundiais. A sociedade civil europeia prima pela liberdade de expressão, enquanto os imigrantes que adentram a Europa o fazem com suas práticas religiosas, muitas vezes, fundamentalistas. Rösen (2014) em seu texto: *A ambivalência da religião*, no livro, *Cultura faz sentido* nos orienta a pensar sobre esse tema:

O fundamentalismo chama a atenção de todos. Isso não se deve somente ao fato de ter se tornado uma enorme força política que, com suas configurações radicais, é capaz de concentrar em si mesmo um extraordinário potencial de agressão e convertê-lo em ações terroristas de grande efeito midiático. O decisivo é, muito antes, que esse potencial tem uma qualidade especificamente religiosa, nutrindo-se, portanto, dos referenciais da transcendência que são essenciais para a religião. É justamente essa qualidade religiosa do terror político que lhe empresta um caráter especialmente incisivo e implacável. A religião volta a ocupar o palco da história como força de transformações políticas, do qual ela parecia (do ponto de vista ocidental da teoria da modernização) ter descido com o surgimento e a imposição no plano histórico-mundial das modernas formas seculares de viver. (p. 313-314).

Segundo Rösen, a modernidade secular não consegue aplicar-se em todos os âmbitos da sociedade, dessa forma, em alguns segmentos a força motivadora são as religiões fundamentalistas. Com a passagem da população mundial de um local para o outro, esta carrega suas posturas, crenças, culturas, costumes, situação que aflora a necessidade de vozes como as

---

<sup>7</sup> Atentados recentes EUROPA:

Atentado de segunda-feira que matou 22 pessoas foi o último de uma série de atos terroristas que já fizeram centenas de vítimas na Europa. O atentado desta segunda-feira em Manchester, na Inglaterra, é o último de uma série de ataques que têm lançado o pânico e o terror em solo europeu. Só este ano, já foram atacados países como França, Inglaterra, Rússia e Estocolmo. Nem todos os ataques resultaram em vítimas mortais e, até ao momento, o que se mostrou mais mortífero foi o de Manchester - 22 mortos e 59 feridos. Notícias do dia 26 de maio de 2017. (Jornal.DN. balanço,2017, disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/interior/o-terrorismo-na-europa-em-2017-8501009.html>. Acesso: 12 nov. 2017).

do *Semanário Charlie Hebdo*, levantando e satirizando os problemas sociais vigentes em nossa sociedade para elucidá-los e discuti-los.

Vinícius Aurélio Liebel (2016) declara que os cartunistas utilizaram charges e cartuns como instrumentos de reordenamento da sociedade, quando a mesma parecia sair dos trilhos, devido ao fundamentalismo islâmico na Europa e havia o perigo de perderem as liberdades alcançadas com lutas na França e em toda a Europa desde o século XIX. Por essa razão faz-se necessário lutar pela permanência da liberdade de expressão e de uma sociedade laica. Liebel apresenta a importância de as charges serem utilizadas de forma afirmativa na sociedade, para incentivar ambientes de polemização, gerando debates e mudanças de comportamento. Gasparovic ao realizar uma análise sobre as revistas *Carta Maior* e *Veja*, em relação ao silenciamento no caso Charlie Hebdo, comenta:

A posição do *Semanário Charlie Hebdo*, de utilizar as charges para chocar o mundo islâmico, não amedronta a população fundamentalista islâmica na Europa, pois a mesma reage com um atentado ao próprio semanário. Não podemos negar a necessidade de considerar, pesquisar, discutir o tema política e religião, por mais que não seja objeto do nosso querer, é necessidade para entendermos esse mundo atual, em que aflora o fundamentalismo. [...] O atentado deixou a França em estado de alerta e teve repercussão mundial, uma vez que envolvia três temas considerados complexos e delicados: religião, imigração e liberdade de imprensa. (GASPAROVIC, 2016, n.p., on-line).

Religiões extremistas existem concomitantemente a uma sociedade secularizada, sem fronteiras entre nações e a sem restrições a passagem de pessoas de uma nação para a outra, principalmente devido aos mercados comuns. Não se pode coibir o comportamento nômade da população mundial em busca de melhores condições de vida, ainda que seja preciso lidar com a intolerância cultural em todos os sentidos, afetando princípios básicos da sociedade atual como individualismo, liberdade de expressão, acúmulo do capital.

Desde 2006, percebe-se uma crítica contundente à religião islâmica pelo *Semanário Charlie Hebdo*. Nesse ano, o semanário republicou charges do jornal dinamarquês *Jyllands-Posten*<sup>8</sup> (identificado como ‘Liberal-Conservador’, ou seja, a direita europeia). O

---

<sup>8</sup> Charges dinamarquesas segundo, Paola Lins Oliveira:

No dia 30 de setembro de 2005, o jornal dinamarquês *Jyllands-Posten* publicou doze desenhos tematizando a figura do profeta Maomé, entre eles, caricaturas. De imediato, os responsáveis pela publicação receberam ameaças anônimas, enquanto imãs dinamarqueses manifestaram sua indignação alegando ter havido ofensa contra o sentimento religioso dos muçulmanos. Em resposta, o jornal invocou o direito à

*Semanário Charlie Hebdo*, até esse momento apresentava uma liberdade de expressão destacada pela satirização de vários temas, inclusive religiosos e políticos, pois possuíam uma liberdade conquistada através de lutas sociais que ressaltaram a importância da liberdade de expressão em vários segmentos da sociedade. Stéphane Charbonnier (Charb), em seu livro *Carta aos escroques da islamofobia que fazem o jogo dos racistas*, traduzido para o português em 2015, analisou a liberdade de expressão na imprensa e a repercussão das caricaturas dinamarquesas que então havia republicado:

Às vezes, alguns indivíduos expressavam sua desaprovação por uma mensagem, e só. Nada de manifestações, de ameaças de morte, nada de atentados. Foi somente após a denúncia e a instrumentalização das caricaturas dinamarquesas por um grupo de extremistas muçulmanos que o ato de caricaturar o profeta dos crentes se tornou um assunto capaz de desencadear crises de histeria midiáticas e islâmicas. Primeiro midiáticas, em seguida islâmicas. [...]. Foi apenas em 2006, quando o Charlie Hebdo reafirmou o direito, para um desenhista, de caricaturar o terrorismo religioso, republicando as caricaturas dinamarquesas de Maomé, que a mídia apontou todos os seus projétores para o jornal satírico. (CHARBONNIER, 2015, p. 34).

Percebemos uma mudança na população europeia, as regras de convivência, a democracia e a liberdade de expressão se alteraram com a chegada de imigrantes com posturas diferentes das europeias, radicais e influenciadoras da sociedade, inclusive dos mais jovens. Ocorre por parte da própria União Europeia a tomada de resoluções que proíbem o incitamento ao ódio contra os estrangeiros. Tais resoluções devem-se às questões resguardadas no documento dos direitos humanos, que protegem não apenas o estrangeiro como o cidadão europeu. A diretiva europeia que já está em vigor respalda os países do bloco e não aceita incitamento de ódio, de origem racial, étnica e religiosa (BARBOSA e MOURÃO, 2015, s.p., on-line).

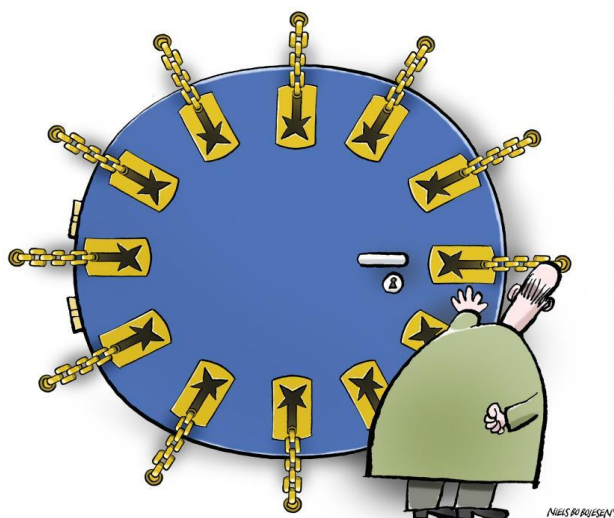
Talvez a Europa não esteja preparada, econômica e socialmente, para receber a quantidade de imigrantes que a procura. Segundo redatores do jornal dinamarquês *Jyllands Posten*, o aumento de imigrantes na Europa Ocidental apresenta-se como um dos maiores dos últimos tempos:

---

liberdade de expressão, argumento que recebeu apoio do governo dinamarquês. (2009, s.p., on-line).

Um relatório publicado no dia 26 de março pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) afirma que o número de refugiados que procuram asilo na UE e noutros países ocidentais aumentou 46% em 2014 quando comparado com o ano anterior, atingindo o nível mais elevado desde 1993 e a guerra na Bósnia, com 866 mil pedidos de asilo. O aumento foi provocado pelos atuais conflitos na Síria e no Iraque. (*Jyllands Posten*, 2017, s.p., on-line).

Figura 01: SÍNDROME DO ENCARCERAMENTO  
Chargista: BOJESSEN, desenhista do Jyllands Posten



Fonte: Chargista: BOJESSEN, desenhista do Jyllands Posten  
VOX.europ<sup>9</sup>

A recomendação de 2007 apresenta a necessidade de tolerância em relação a debates e aos pronunciamentos para que não configurem incitamento ao ódio. A presença maciça de imigrantes de diferentes culturas, no entanto, provoca desconforto na França como em toda a Europa. Quando os professantes do Islamismo imigram para outro território e para outra nação, chegam com suas posturas e regras que desestabilizam as vivências de uma população que acostumada a ter poucos filhos e a professar uma religião discreta, ou a não professar uma fé.

Diante dessa necessidade de se garantir a tolerância em todos os sentidos, Vinícius Aurélio Liebel questiona a possibilidade da charge, mesmo sendo um instrumento de crítica e

<sup>9</sup> Fotografia disponível em: <http://www.voxeurop.eu/pt/content/cartoon/4912900-sindrome-do-encarceramento>. Acesso em: 20 jul. 2017.

geração de polemização, ser um instrumento de violência à sociedade, especialmente a islâmica. Liebel discorre sobre o perigo da mídia apresentar os cartunistas como inocentes e os terroristas como culpados, visto que hoje na Europa o problema existe em via dupla e o que está em jogo não é somente a liberdade de expressão e sim a sociedade global, inserida em um amplo contexto radical e simultaneamente dualista.

Segundo a charge de Latuff, que observamos a seguir, é como se os próprios cartunistas usassem o semanário como uma bomba, pois ao produzirem as charges antirreligiosas provocavam os princípios islâmicos de não reprodução do profeta Maomé. O tema precisa ser repensado de forma profunda com conteúdo e vozes diversas para que sejam respeitados os diversos segmentos, porém não podemos negar que tirar a vida é algo inconcebível.

Figura 02: CHARB, UMA DAS VÍTIMAS DA CHACINA, FOI RETRATADO COMO HOMEM-BOMBA  
Chargista: Latuff



Fonte: Chargista, Latuff. NEVES, Álvaro.<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Fotografia disponível em: [https://nevesalvaro.blogspot.com.br/2015\\_01\\_10\\_archive.html](https://nevesalvaro.blogspot.com.br/2015_01_10_archive.html). Acesso: 06 de mai. 2017.

## 2.1.2. Terroristas do Estado Islâmico e a delimitação do espaço religioso na França

Os terroristas que provocaram a morte dos jornalistas no *Semanário Charlie Hebdo*, em 2015, segundo estudiosos apresentados, se diziam participantes do Estado Islâmico, com interesse por aumentar seus territórios e domínios políticos, culturais e sociais no mundo. Existem segmentos dentro da religião islâmica com a missão de aumentar os seguidores e estabelecer o domínio político de Alá pelo mundo, de forma arbitrária. Dessa forma, combater atitudes contrárias aos muçumanos é essencial para o Estado Islâmico, pois precisa ter suas práticas religiosas (sharia<sup>11</sup>) preservadas independente do território habitado, o que contraria práticas francesas como a liberdade de expressão ainda que envolva polêmicas da sociedade.

No entanto, para os cartunistas do *Semanário Charlie Hebdo*, a filosofia de vida islâmica que adentra a sociedade francesa de forma silenciosa através de suas práticas religiosas é perigosa, toma, além do território francês, o imaginário da população sobretudo dos mais jovens. Há, porém, a necessidade de não desconsiderarmos o histórico de conquistas anteriores da França. O próprio território europeu nem sempre foi como percebemos hoje, estanque. Segundo João Luis da Silva Bertolini, em determinados períodos, o território hoje denominado europeu outrora foi dominado por outros povos, inclusive, islâmicos. Para Bertolini:

O Islã se torna um tema importante e digno de ser incorporado à História Universal, pelo contato que teve com os europeus nos séculos VIII, na invasão da Península Ibérica, na sua expulsão no século XIV, na queda do Império Romano do Oriente no século XIV entre outros acontecimentos, [...]. (2011, p. 154).

Ao longo da história presenciamos outras populações habitando o território europeu<sup>12</sup>. O processo de ocupação e construção dos estados nações foi algo processual,

---

<sup>11</sup> O Direito Islâmico (Shariah) –

O Direito Islâmico é a lei estipulada por Deus aos homens e “regula a relação do homem com Seu Criador” (HANINI, 2007). Toda a normatização desse Direito parte das duas primeiras fontes do Direito islâmico (Alcorão Sagrado e a Sunnah). Tais fontes são imutáveis e eternas. Defende-se a premissa de que não é possível existir leis desatualizadas ou ultrapassadas, pois quem ditou as leis foi Deus e na concepção deles Deus conhece o presente e o futuro. (HANINI, 2007, p.10). (FERREIRA, 2017, s.p., on-line).

<sup>12</sup> Território europeu:

A história da Europa pode-se dizer que é a história de uma grande parte do mundo desde as suas origens. Junto a outras culturas como a chinesa ou a egípcia, a história

desgastante e delimitador de um território chamado francês, como os demais territórios da Europa. Não podemos negar que vivemos em um mundo globalizado, que o espaço fixo<sup>13</sup> é algo quase improvável, pois com as alterações econômicas constantes para favorecer o capital global, o emprego, as relações e mesmo as religiões são móveis. Essa postura contraria a própria dinâmica de evolução das sociedades globalizantes, visto que mudança, adequação, posturas móveis são sinônimos de desenvolvimento.

Contestar que o Estado Islâmico deseja delimitar seu território na França como na Europa é impossível. A população islâmica, na França, em sua grande maioria deseja viver e sobreviver independente do estilo da sociedade francesa. Mas os islâmicos radicais, que defendem a implantação do Estado Islâmico em todos os territórios do mundo, querem delimitar o espaço islâmico na Europa de forma arbitrária. O semanário apresentou preocupação com diversas possibilidades, inclusive de uma sobreposição da população islâmica na França, desta forma para os mesmos justifica as charges em relação ao islâmicos desde que veem nos mesmos invasores do seu território.

## 2.2. A questão da intolerância religiosa e o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*

---

da Europa marcou desde há milhares de anos atrás o desenvolvimento da humanidade deste planeta. [...] Europa é um continente que é habitado desde, pelo menos 40,000 anos antes de Cristo, durante o Paleolítico Superior. Antiguidade Clássica foi dominada pelos gregos, que espalharam a sua cultura pelo resto do continente. (costasur.com. 2017, s.p., on-line).

<sup>13</sup> Espaço sem fronteiras:

Essa nova cidade sugere a transformação de uma infraestrutura territorial e industrial clássica, para um processo tecno-social auto-organizador, através da interconexão. ‘Enquanto o território é definido por seus limites e seu centro. [...] Em contrapartida, cada ponto do ciberespaço é em princípio co-presente a qualquer outro, e os deslocamentos podem ser feitos a velocidade da luz.’ (LEVY, 1999, p. 195). As possibilidades técnicas desse espaço em virtude de sua fluidez podem tanto propiciar uma democracia de grande escala, como uma vigilância eletrônica que atinge o direito à privacidade. Nessa conjuntura a cidade real com interações espaciais é substituída em algumas vertentes pela cidade virtual, que é uma metacidade desterritorializada, que demonstra estruturalmente aspectos totalitários e globalizantes. A cidade local agora é apêndice da metacidade global, que a partir de seu hipercentro virtual influência e empurra as primeiras para a periferia, ocasionando uma busca pelas metrópoles que dispõem de acesso aos meios digitais, em um: ‘Fenômeno metropolítico de uma hiperconcentração humana catastrófica, que suprime progressivamente a urgência de uma verdadeira geopolítica de populações outrora harmoniosamente distribuídas no conjunto de seu território.’ (VIRILIO, 1999, p. 19).

Afirmar que o *Semanário Charlie Hebdo* praticou intolerância religiosa é algo discutível. A crítica dos franceses em relação ao Islamismo é inaceitável por parte considerável da população islâmica, e para os fundamentalistas o estado precisa ser islâmico, o que gera conflitos, contendas e até terror. Ao longo da história, a Europa apresentou superioridade intelectual em relação a outros povos, não respeitando formas diferenciadas de pensar culturas, sociedades, religiões, como podemos ver nos comportamentos xenofóbicos tanto da direita francesa como de grupos de tendência de esquerda, como o *Semanário Charlie Hebdo*<sup>14</sup>. O semanário ambicionava com a publicação das charges provocar discussões, demandas, protestos, mas ocorreu um aumento da xenofobia e intolerância. O proposto foi perdido gerando acirramento entre os povos, desmerecendo culturas diferenciadas, como a islâmica.

Percebemos a tendência de desvalorizar culturas consideradas pouco desenvolvidas, esse olhar é construído a partir das ideias do século XIX, que apresentavam como referencial de modernidade a sociedade ocidental. Essa atitude apresenta distâncias religiosas, sociais, culturais, intelectuais provocando ações terroristas, que se espalham pelo mundo europeu nos primeiros anos do século XXI. O sociólogo Elimar Pinheiro do Nascimento afirma que o preconceito na Europa é consequência das desigualdades: “[...] Na Europa, o processo social de exclusão escolhe imigrantes, particularmente da África, e ainda os judeus, como seu objeto. O racismo e a xenofobia são as duas expressões mais visíveis.” (NASCIMENTO, 1994, p. 29-47).

As sociedades da atualidade excluem a humanidade da sensação de pertencimento às suas regiões e culturas como destaca Stuart Hall, as identidades culturais tornam-se provisórias, instáveis e problemáticas. (2010, p. 12-13). Hall discute a o conceito de identidade cultural recorrendo a diversos estudiosos da área, alguns citam a importância de o deslocamento apresentar aspectos positivos, pois possibilita a criação de novos indivíduos, porém precisamos estar atentos para os entraves da globalização no mundo pós-moderno. (HALL, 2010, p. 17-18). O sociólogo continua suas reflexões questionando as mudanças na identidade cultural: “o que está acontecendo com a identidade cultural na modernidade tardia? Especificamente, como as identidades culturais nacionais estão sendo afetadas ou deslocadas pelo processo de globalização.” (2010, p. 76).

---

<sup>14</sup> O *Semanário Charlie Hebdo*, mesmo sendo de tendência esquerda ao produzir as charges antirreligiosas contra os muçulmanos apresentaram uma atitude xenofóbica contra os imigrantes islâmicos, que se destacam como parcela significativa na Europa.

Hall aponta possíveis consequências da globalização, “homogeneização das identidades globais.” (2010, p. 80), entretanto destacamos uma: “A globalização retém alguns aspectos da dominação global ocidental, mas as identidades culturais estão, em toda parte, sendo relativizadas pelo impacto da compreensão espaço-tempo.” (2010, p. 80-81). O sociólogo aponta em relação a essa consequência a problemática da migração, após a Segunda Guerra Mundial as nações europeias simplesmente deixaram suas colônias na África e na Ásia com suas consequências do imperialismo

[...] interdependência global agora atua em ambos os sentidos. O movimento para fora (de mercadorias, de imagens, de estilos ocidentais e de identidades consumistas) tem uma correspondência num enorme movimento de pessoas das periferias para o centro, num dos períodos mais longos e sustentados de migração ‘não planejada’ da história recente. Impulsionados pela pobreza, pela seca, pela fome, pelo subdesenvolvimento econômico e por colheitas fracassadas, pela guerra civil e pelos distúrbios políticos, pelo conflito regional e pelas mudanças arbitrárias de regimes políticos, pela dívida externa acumulada de seus governos para com os bancos ocidentais, as pessoas mais pobres do globo, em grande número, acabam por acreditar na ‘mensagem’ do consumismo global e se mudam para os locais de onde vêm os ‘bens’ e onde as chances de sobrevivência são maiores. Na era das comunicações globais, o Ocidente está situado apenas à distância de uma passagem aérea. (HALL, 2010, p. 81).

O que o sociólogo afirma contrapõe ao desejo das sociedades ocidentais “desenvolvidas” e dominantes de permanecerem distante dos povos de religiões fundamentalistas em alguns territórios, mas as mesmas foram construídas historicamente com significado e sentido, com influência dos povos ocidentais e do imperialismo. Necessário se faz discutir a impossibilidade de o indivíduo nessa sociedade móvel ter identidade, o mesmo não se reconhece, pois não encontra sentido e valores fixos que lhe oportunizem “estabilidade”.

Rüsen (2014) discute que o mundo atual procura criar crenças subjetivas para eliminar o fundamentalismo, mas parece que presenciamos na atualidade uma religiosidade antiga. Essa conjuntura provoca intolerância religiosa, principalmente quando se coloca em cheque valores que para os seus seguidores são permanentes e não voláteis como faz o *Semanário Charlie Hebdo* com suas charges satíricas.

Para trazer esse complexo assunto para a sala de aula, propusemos a seguinte problemática: *Imagine que você estava no dia 7 de janeiro de 2015 no local do atentado, a sede do Semanário Charlie Hebdo, na França. Qual seria seu sentimento, opinião. Você seria o terrorista ou cartunista, explique sua escolha.* O objetivo da questão era promover discussões sobre intolerância religiosa, porém a pergunta suscitou o dualismo em relação à temática do

*Semanário Charlie Hebdo*, considerando que os estudantes optariam, logo no início, por um lado: o dos terroristas ou dos cartunistas.

A pergunta foi projetada para provocar nas narrativas elaboradas pelos estudantes a discussão sobre intolerância religiosa. Para realizarmos a análise das narrativas dos estudantes respondendo à pergunta, utilizamos as tipologias históricas sugeridas por Rüsen: tradicional, exemplar, crítica e genética. Seguindo o pensamento de Rüsen, “Esta tipologia abarca conceitualmente o campo completo de suas manifestações empíricas, e, portanto, pode ser utilizada para o trabalho comparativo na historiografia incluindo comparações interculturais.” (2010, p. 61).

Utilizamos o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo* para investigarmos intolerância religiosa com os estudantes do ensino fundamental, sem, contudo, influenciá-los a escolher os cartunistas ou os terroristas no atentado. A dicotomia do tema pode gerar polemização de diversas opiniões dos estudantes e pode também provocar o aprofundamento dos estudos históricos, possibilitando alteração na consciência histórica dos estudantes.

As reflexões apresentadas neste capítulo são necessárias para discussão sobre os direitos humanos, os extremismos, e a tão falada liberdade de expressão. São assuntos que devem ser aprofundados e apresentados e nos propomos a isso através das intervenções realizadas com os estudantes. Dessa maneira discutimos intolerância religiosa dos cartunistas as possibilidades da liberdade de expressão num mundo tão diversificado.

### CAPÍTULO 3 - NARRATIVAS E OFICINAS DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA A PARTIR DO SEMANÁRIO CHARLIE HEBDO

O tema abordado na investigação feita com os estudantes do CICLO III da escola pesquisada foi intolerância religiosa a partir do atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, em Paris, França, ocorrido em 07 de janeiro de 2015. A coleta das narrativas ocorreu por meio de um *instrumental de investigação*<sup>1</sup>, (ANEXO A, p. 65-67). As narrativas dos estudantes bem como as *aulas-oficinas* constituíram-se partes importantes da investigação em educação histórica (BARCA, 2004). Diante do exposto, investigamos os conhecimentos prévios dos estudantes a partir de suas narrativas sobre o que é a religião islâmica, e sobre o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, em janeiro de 2015. A investigação utilizou perguntas motivadoras que geraram respostas sobre o tema. Os estudantes mostraram-se influenciados por ideias da mídia, com um determinado viés político, social, cultural e religioso. Ao basearmos a investigação na educação histórica, pretendíamos desnudar os lugares das aprendizagens escolares e midiáticas para que o espaço escolar provocasse mudanças e transformações a partir do conhecimento prévio dos estudantes, acrescentando a este novas possibilidades de aprendizagens.

Apresentamos neste capítulo as narrativas dos estudantes na primeira aplicação<sup>2</sup> do *instrumental de investigação*. Para analisarmos a concepção dos estudantes, elaboramos um questionário, que foi aplicado para sessenta e um estudantes, sobre suas opiniões a respeito da intolerância religiosa, observando se os mesmos eram condescendentes com as charges críticas dos cartunistas do *Semanário Charlie Hebdo* ou com os terroristas responsáveis pelo atentado contra o semanário, ou ainda se discordavam das duas vertentes. Analisamos as posições dispostas nas narrativas dos estudantes, objetivando a elaboração de propostas de intervenções nas aulas de história, o que apresentaremos no capítulo quatro.

#### 3.1. *Instrumental de investigação* das ideias prévias dos estudantes

---

<sup>1</sup> (ANEXO A, p.65-67) *Instrumental de investigação*, sobre intolerância religiosa através do atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, para coletar narrativas prévias dos estudantes.

<sup>2</sup> O *instrumental de investigação* foi aplicado no primeiro momento aos estudantes no dia 08 de setembro de 2015, em sala de aula, individual e sem pesquisa.

Aplicamos o *instrumental de investigação* pela primeira vez (ANEXO A, p.65-67) e constatamos que as narrativas exteriorizavam as ideias dos estudantes acerca do contexto social em que estavam inseridos. Após os estudantes responderem o instrumental de investigação, recolhemos as atividades, lemos e os dividimos em grupos: estudantes que optaram por serem os terroristas no atentado, os que optaram por serem cartunistas e os que optaram pela neutralidade.

Nesse momento, os estudantes puderam ampliar as interpretações de temas instigantes e provocativos que resultassem no aprofundamento e transformação em sua existência e não somente em sua cognição. O instrumental para a coleta das narrativas propiciou-nos avançar na investigação sobre a intolerância religiosa entre alunos de educação básica. A partir do posicionamento diante do ataque ao *Semanário Charlie Hebdo*, que culminou na morte de doze pessoas, foi possível abordar assuntos como a violência proveniente de conflitos entre a liberdade de expressão dos cartunistas e a defesa da fé islâmica. A utilização do fato para acessar as ideias prévias dos estudantes possibilitou que estes relatassem questões ligadas ao seu cotidiano. O tema aflorou discussões a respeito da violência e da religião, permitindo análises acerca da intolerância religiosa, tanto na Europa como na realidade social dos estudantes investigados. Utilizamos de Barca suas orientações metodológicas referentes à educação histórica:

1. Recolha inicial de dados sobre as ideias prévias dos alunos acerca de um conceito substantivo, selecionado dentro de uma determinada unidade em estudo.
2. Análise das ideias prévias dos alunos segundo um modelo (simplificado) de progressão conceptual: categorização das ideias de alunos desde ideias incoerentes e alternativas até às relativamente válidas.
3. Desenho, planeamento e implementação de uma unidade temática tendo em conta um refinamento progressivo das ideias históricas dos alunos previamente diagnosticadas.
4. Recolha de dados sobre as ideias dos alunos *a posteriori*, aplicando o mesmo instrumento do momento inicial.
5. Aplicação de um instrumento de metacognição aos alunos para monitorizar o processo de ensino e aprendizagem. (2012, p. 46-47).

Realizamos essa investigação, como dispõe Barca, utilizando primeiramente a coleta das ideias prévias; em seguida, realizamos análises das ideias dos estudantes para escolha das intervenções que foram utilizadas nas oficinas de intervenção. A participação dos estudantes ocorreu em algumas circunstâncias: alguns estudantes participaram entre setembro 2015 e agosto de 2017, uns somente participaram em 2015, pois foram transferidos para outras

instituições estudantis; e outros só participaram em 2017, tendo ingressado na escola pesquisada no período entre 2016 e 2017. Observamos as dificuldades de estudantes que acompanharam a pesquisa desde 2015, ou iniciaram posteriormente e não conseguiram autorização dos responsáveis para participarem da pesquisa.

No que tange aos estudantes frequentadores sem autorização, observamos grande quantidade de frequentes e participativos, mas que não conseguiram a autorização dos seus responsáveis, alguns mostraram desinteresse ou desorganização. Percebemos que alguns eram envolvidos na pesquisa, mas deixaram a escola e não puderam finalizar a participação na investigação. Para a análise dos dados apresentados pelos estudantes consideramos a concepção de Peter Lee acerca das dificuldades de estudantes expressarem as suas ideias históricas:

[...] muitos alunos veem o passado como permanente. Para alguns, isso é porque a pergunta ‘como sabemos?’ simplesmente não surge: há somente uma história ‘porque é dito assim no livro’ [...] A ideia de que o passado ocorreu da forma pela qual ocorreu, seja ela qual for, é uma visão senso comum perfeitamente utilizável. ‘Algo em história somente pode acontecer de uma forma. Para os alunos que pensam dessa forma, o passado é como uma paisagem distante, atrás de nós, simplesmente fora do alcance, fixa e eterna. Não nos surpreende que os alunos pensem assim, dado que aprendem o que significa ‘dizer a verdade’ em situações em que a verdade é conhecida e a prova é se você diz ou não como ela era, [...] porque a memória de ações muito recentes parece dar acesso ao passado em um mundo prático no qual as convenções tomadas como a história verdadeira são tidas como certas. A história não é assim. (2006, p. 137).

Estimulamos os estudantes a apresentarem as suas próprias ideias sobre as questões históricas, sobretudo para que percebessem que a história é construída com diferentes interpretações, e não pelo senso comum, simplesmente. Lee aponta que os estudantes geralmente podem ter dificuldade para entender e compreender que existem diferentes formas de relatar o passado, a partir de diferentes interpretações. Os estudantes geralmente enxergam principalmente a história como os fatos apresentados nos livros didáticos, como se fossem verdades absolutas, deduzindo que a interpretação da história seria de uma única forma.

No primeiro momento da coleta, algumas reflexões demonstraram uma consciência histórica do tipo tradicional, tendo como referencial as ideias iniciais sobre religião e violência, limitadas ao senso comum de suas vivências. As ideias de Rüsen comprovam a unidade, uniformidade dos grupos tradicionais da sociedade que mantêm a coesão entre as pessoas que possuem uma origem comum e alimentam essa tradicionalidade, não percebendo diversas interpretações da história:

As orientações tradicionais guiam externamente a vida humana por meio de uma afirmação das obrigações que requerem consentimento. Essas orientações tradicionais definem a ‘unidade’ dos grupos sociais ou das sociedades em seu conjunto, entretanto mantêm o sentimento de uma origem comum. (2010, p. 64).

As narrativas dos estudantes demonstraram que os conflitos entre os cartunistas e os islâmicos extremistas, aparentemente seria uma questão fácil de ser resolvida. A primeira impressão dos estudantes diante do atentado foi de ódio, violência. Eles apresentaram dificuldade em ver o atentado como um ato baseado em conflitos complexos. As primeiras narrativas foram coletadas sem que os estudantes tivessem contato com qualquer material sobre o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*. Apresentamos algumas delas para percebermos como os estudantes ficaram divididos e demonstraram o conhecimento histórico influenciado pelos aspectos religioso, familiar e midiático. Destacamos algumas respostas sobre a percepção do que seria a religião islâmica:

Que a religião islâmica é uma religião muito rígida. (Ana).<sup>3</sup>

Que ela é uma religião muito rígida, que tem muitas histórias e atentados terroristas. (Merly).

Eu aprendi que lá os povos islâmicos lá parece que eles mandam lá nascidade eles matam pessoas que não anda bem vestido, nas ruas que maltratam eles. Eles brigão com os cristãos em busca de Jerusalém. (André).

As respostas evidenciaram um juízo de valor, uma vez que afirmaram que os islâmicos são rígidos e não gostavam de outras religiões. Os estudantes compreenderam que o Islamismo é uma religião, compreensão importante considerando que muitos têm dificuldade de aceitar como religião outra corrente religiosa diversa daquela na qual professa sua fé. A liberdade de pensamento para alguns grupos religiosos não existe; um grupo religioso, muitas vezes, não respeita a liberdade de pensamento de outro grupo. Mas a *Declaração dos Direitos Humanos* destaca a liberdade de pensamento, consciência, religião:

Todo o homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de

---

<sup>3</sup> As narrativas dos estudantes coletadas no *instrumental de investigação* foram escritas na forma original, sem correção de ortografia ou qualquer adaptação dos originais por eles produzidos e os nomes dos estudantes fictícios.

manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular. Art. 18 da DDH. (UNESCO, 1998, s.p., on-line).

Provavelmente, os estudantes acumularam conhecimentos religiosos em aulas ministradas em anos anteriores, como também notícias de jornais e outras fontes que teriam divulgado concepções sobre o Islamismo. Apesar de reconhecerem o Islamismo como religião, os estudantes reforçam que se trata de uma corrente rígida e que não aceita outro tipo de fé, o que podemos ver em outras narrativas:

Eu aprendi que os islâmicos, não aceitam as outras religiões a não ser a deles. E um Islâmico fiel tem que ir a mécas pelo menos uma vez na vida. (Rafael).

Eu aprendi varias coisas como os muçulmanos brigam com os judeus pela conquista da cidade de Jeruzalem. (Raissa).

A declaração do estudante Rafael reafirma as narrativas anteriores, enfatizando que os seguidores do Islamismo (muçulmanos) consideram a mesma como única religião verdadeira. Raissa, por sua vez, destaca que há conflitos entre muçulmanos e judeus na disputa por Jerusalém, em Israel, reconhecendo, assim, um problema de ordem política e territorial. As narrativas mostram a importância de se discutir um tema como religião do ponto de vista histórico, analisando-o com ênfase em sua orientação temporal, para que passe a ter sentido para os estudantes, tendo eles a visão de interculturalidade, com seus pares discentes e docentes, nesse sentido, apreendemos com Eliane Moura Silva que:

Educar é ensinar a compreender, experimentar e respeitar as diferenças. O ensino e o estudo responsável sobre religião devem ser multidisciplinares e multiculturais, sem valorizar, por exemplo, certos padrões que a cultura ocidental e burguesa coloca como universais e 'superiores'. É preciso deixar claro que esses padrões ideais de civilidade repousam sobre determinadas condições na construção de diferenças sociais e culturais que encontram sua sustentação num sistema de poder responsável por determinadas lógicas hierárquicas extremamente segregadoras. (2004, p. 9).

Assim, podemos afirmar que a educação histórica foi desenvolvida com estudantes para instigar mudanças na consciência histórica, valorizando o ensino de história no sentido de estimular a multidisciplinaridade e a multiculturalidade como elementos importantes para o reconhecimento e a aceitação de um mundo multidiversificado, com as manifestações religiosas ou não. A educação histórica propiciou condições para que os estudantes participassem de

experiências sobre a intolerância religiosa que os possibilitaram entrar em contato com outros grupos religiosos, sobretudo para apreenderem o significado de crenças e culturas diferentes das que caracterizam o ambiente em que vivem. Podemos afirmar que é importante a presença de teóricos como o ex-ministro da educação da França, Lucy Ferry<sup>4</sup> (2007) filósofo, ateu convicto, que enfatiza o desenvolvimento da reflexão sobre a religião no século XXI, destacando a importância de não nos afastarmos do tema, que precisa ser debatido e relativizado para que ocorra interculturalidade. Ferry enfatiza que:

Mesmo quando não se é crente, com muito mais razão quando se é hostil às religiões, como veremos em Nietzsche, não temos o direito de ignorá-las. Mesmo que seja para criticá-las é preciso ao menos conhecê-las e saber um pouco do que falam. Sem contar que elas ainda explicam uma infinidade de aspectos do mundo no qual vivemos que saiu inteiramente do universo religioso. (2007, p. 73).

O pensamento de Ferry reforça a necessidade de discutirmos aspectos interculturais religiosos abordando as divergências entre as diferentes religiões. Dessa forma, a história seria um instrumento de orientação para os estudantes tomarem decisões e formarem opiniões sobre os diversos assuntos, tendo orientação para decisões futuras. Percebendo as divergências entre as religiões, os estudantes constroem suas narrativas:

Eu aprendi varias coisas, e o principal, o mais interessante que eu achei foi que os mulçumanos tem batalhas com os Judeus, para disputar algumas coisas, isso foi uma das coisas que eu mais achei interessante. (Ely).

A religião islâmica é uma religião diferente da nossa por conta das suas vestes dos seus preceitos e de suas vidas secundárias que são muito diversificadas. A religião islâmica ela é forte e contém muitas guerras e muitos terrorismo por conta do embate com outros países que não são de acordo com seus preceitos e suas decisões eleitorais, etc... (Vitória)<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> “Lucy Ferry:

[...] principal defensor do humanismo secular, considerado o herdeiro da tradição filosófica humanista. Em sua obra, enfoca um tema sensível em tempos de intolerância e fundamentalismo: a religião. Formado em filosofia pelas universidades de Sorbonne e de Heidelberg, fez seu doutorado em ciência política pela Universidade de Reims. (fronteiras.com, acesso em 2017, s.p., on-line). Disponível em: <<http://www.fronteiras.com/conferencistas/luc-ferry>>. Acesso em: 05 mai. 2017.

<sup>5</sup> A estudante Vitória, foi transferida para a escola pesquisada em 2017. Começou a participar da pesquisa em 22 junho de 2017, respondendo pela primeira vez o *instrumental de investigação*, sobre o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*.

Eles querem que todo mundo seja igual eles. (Wander).

Aprendi que eles querem que todo país se torne islâmico e etc. (Nicole)<sup>6</sup>

A estudante Ely também consegue ver o conflito existente entre muçumanos e judeus, abordando assim divergências entre duas religiões diferentes e há indícios, em sua narrativa, de que ela enxerga uma disputa que extrapola o campo da religião. As declarações dos estudantes Wander e de Nicole parecem mais previsíveis. Já Vitória extrapola o senso comum, ela percebe que a religião islâmica é diferente da que ela professa, percebe que há também diferenças culturais, as vestes, por exemplo, são diferentes, e que as guerras em que se envolvem são motivadas também pela não aceitação, por outros povos, das escolhas que os muçumanos fazem em relação aqueles que os irão governar.

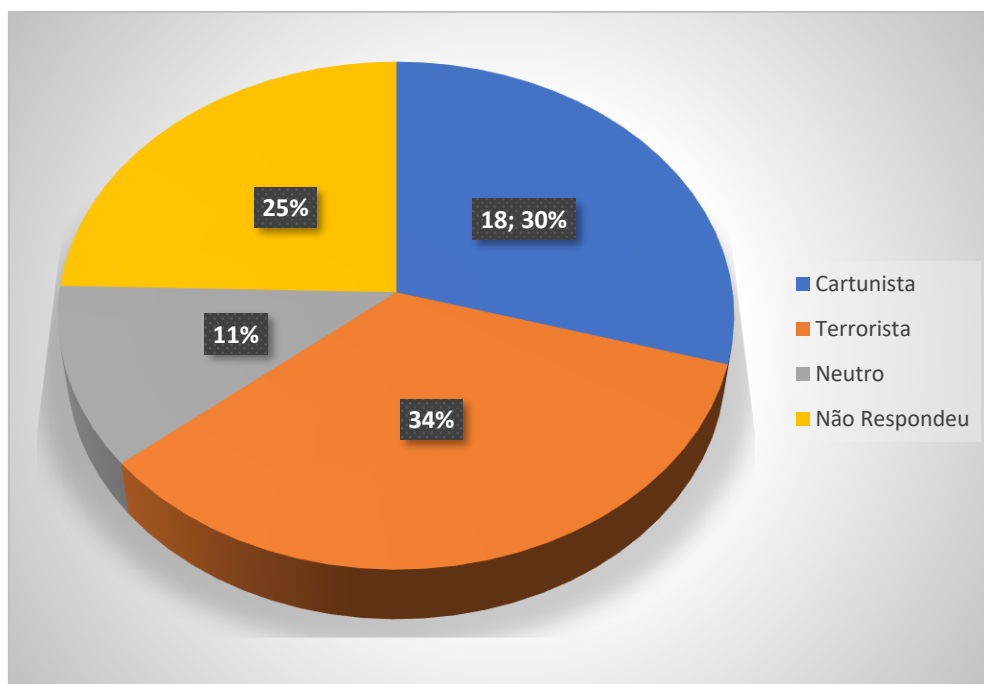
Em boa parte das narrativas podemos perceber a influência das matérias midiáticas, que interferem na visão que têm sobre a religião islâmica, relacionando quase sempre Islamismo com violências e conflitos. Alguns estudantes veem a religião islâmica como violenta e radical, desse modo, enxergam os islâmicos somente pelo viés midiático que, muitas vezes, apresenta apenas a vertente radical do Islamismo. Por esse motivo, fez-se necessário repensar a consciência histórica com os estudantes, inclusive refletindo sobre a tendência xenofóbica europeia.

No primeiro *instrumental de investigação*, como já dissemos anteriormente, os estudantes foram estimulados a se posicionarem favoráveis aos terroristas ou aos cartunistas. O gráfico 1, demonstra as porcentagens de participação de todos os estudantes (61), separando os favoráveis a atitude dos terroristas e os que se identificaram com a atitude dos cartunistas, e ainda os que acharam imprudente as duas opções e procuraram uma resposta diferente das opções oferecidas, e os estudantes que não deram opinião, vejamos o gráfico:

Gráfico 01: PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES NO ATENTADO DO SEMANÁRIO CHARLIE HEBDO – 07 de janeiro de 2015. Categorias: terrorista, cartunista, neutro, não respondeu. Data da aplicação: 22 setembro de 2015.

---

<sup>6</sup> A estudante, Nicole, foi reprovada no agrupamento I do CICLO III, no ano de 2016. Começou a participar da pesquisa em 22 de janeiro de 2017, respondendo pela primeira vez o *instrumental de investigação*, sobre o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*.



Fonte: NARRATIVAS DO INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO (ANEXO A, p. 65-67).

O gráfico demonstrou que a maioria dos estudantes optaram por serem terroristas, se estivessem no atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, no dia 07 de janeiro de 2015. Uma porcentagem relativa dos estudantes optou pelos cartunistas, uma quantidade menor optou por ser neutra e uma porcentagem de 25%<sup>7</sup> não respondeu. Vejamos exemplos de narrativas de estudantes que optaram por serem terroristas:

Um terrorista eu ia matar os cartunista porque eles estavam com racismo contra os islâmicos eles estavam fazendo besteiras com eles tipo um racismo prejudicando a religião, eu acho uma falta de respeito. (Cássia).

Não sei, acho que terrorista, porque preferiria matar do que morrer. (Nicole).

Os estudantes que optaram por serem terroristas, diante do atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, demonstraram ser compreensível a violência em defesa da religião, mesmo não sendo a religião deles. As narrativas dos estudantes são carregadas de violência e muitas vezes

<sup>7</sup> Os 25% dos estudantes que não responderam não o fizeram por falta de interesse, ou dificuldade de compreensão ou interesse pelo tema, porém a maior porcentagem foram estudantes que não estiveram no 1º. momento. Estes estudantes foram matriculados em 2016 ou 2017.

a fé foi e é justificativa para a violência contra pessoas que discordam das suas verdades, ou que fazem calúnias e sarcasmos em relação aos deuses. Nas narrativas, observamos que a intolerância religiosa, o preconceito e a não aceitação das posturas e expressão de pensamentos de pessoas contrárias justificaram as mortes para diversos estudantes. Podemos dizer que essas narrativas seriam do tipo tradicional, como cita Rösen (2010), quando o indivíduo não segue determinado comportamento de tradição do seu grupo de convivência “ocorre um sentimento de desorientação massiva.” (p. 62).

Observamos em contrapartida como a violência, o preconceito, a repugnância às crenças do outro e a invasão do território francês não justificaram para esses estudantes o comportamento do semanário ao fazer críticas a religião do outro, no caso a islâmica. As estudantes Merly e Eliana posicionaram-se a princípio por serem terroristas, mas não demonstraram convicção em relação aos motivos que as levariam a isso. No entanto as narrativas delas acrescentam porque ponderam, encontram outros caminhos para a resolução do conflito, a resolução sem violência e aceitação de que o jornal poderia expor o que quisesse, desde que autorizados pelas pessoas envolvidas. As narrativas expressam:

Não entendi mas eu queria ser o terrorista, acho que eles teriam um motivo para fazer o ataque talvez eles não tinham gostado das Charlie publicadas, mas tudo poderia ser resolvido sem violência. (Merly).

Terrorista, por que eu não ia apanhar. Achei que o dono do jornal deve colocar o que quiser no jornal dele. E se for colocar alguma pessoa real deve pedi autorização. (Eliana).

Podemos notar o tipo de consciência histórica exemplar sendo apresentado em algumas narrativas, a ação no presente é fundamentada em exemplos passados. A violência narrada pelos estudantes que optaram por serem terroristas, na hipótese de terem participado do atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, denunciou as concepções religiosas destes estudantes de acordo com sua consciência histórica.

As narrativas sobre a intolerância religiosa dos estudantes favoráveis aos cartunistas mostraram um perfil de concordância com a liberdade de expressão por defenderem o direito do outro de ser contrário às ideias que desafiam a sociedade, mesmo que com sátiras. Narrativas dos favoráveis aos cartunistas:

O cartunista. Porque poderia relatar e expressar do jeito que eu entendesse, para mostrar as pessoas o mundo em que vivemos e pessoas que estão em volta. E para demonstrar a minha opinião de algo que eu possa concordar de não através de charges ou frases que dizem a respeito de situações diversas. Entre elas o ataque na sede do Jornal de Charlie Hebdo em Paris. (Vitória).

Os estudantes apresentaram-se favoráveis aos cartunistas porém com argumentos diferentes, alguns por não serem favoráveis ao assassinato, ao terror, à vingança; outros entenderam que a posição do semanário era de crítica e estava errada, mas não se comparava ao peso que se tem de tirar uma vida, matar. Houve também quem se posicionasse pelos cartunistas pelo desejo de afrontar a religião, afrontando assim os religiosos que a seguem, como expressa o estudante Paulo e o Thaio que faria as charges de forma equilibrada:

Eu seria o cartunista, porque seria legal umilhar uma pessoa por causa da religião. (Paulo)

Eu seria o cartunista porque nesse atentado eu falaria as chara diferentes sem essas coisas que eles faz pondo recismo e muita coisa feia e coisas que traz briga e descontrolamento. (Thaio).

Para Nechi (2011), a religião invade os muros da escola, tornando-se algo que extrapola nosso querer, muitas vezes, cético. Nesse sentido, notamos que os estudantes vivenciaram experiências míticas em seu mundo social e sentem a necessidade de compartilhá-las e debatê-las, interagindo com o conteúdo de história. O autor afirma que “é de se esperar que a religião invada os muros escolares, seja formalmente pelos currículos visíveis invisíveis, seja informalmente pela contextualização sócio religiosa de cada escola e de seus alunos e professores.” (2011, p. 55). A expressão de Nechi nos auxilia a investigar as narrativas de estudantes sobre o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, pois abordam um tema presente na história da existência humana.

A educação histórica permitiu aos estudantes expressarem as ideias prévias, mesmo as marcadas pelo senso comum, como a influência do maniqueísmo marcante em suas narrativas. Cabette, (2015) destaca o exagero do maniqueísmo pelos religiosos e o exagero dos cartunistas que realizaram críticas através das charges ferindo princípios religiosos. O autor questiona até o perigo das análises sobre temas ligados ao atentado apresentarem radicalismo. Cabette expõe com clareza sobre os problemas dos dois tipos de posturas, a dos terroristas e dos cartunistas, chamando atenção para o caráter tendencioso da exposição midiática:

Quando se fala na unilateralidade e no maniqueísmo da divulgação midiática do episódio e de sua recepção acrítica pela maioria das pessoas, não se está fazendo referência ao caso pretendendo uma relação entre as duas condutas (dos terroristas e dos cartunistas). [...] essa liberdade sem limites, seja a de expressão ou qualquer outra, corresponde à negação da própria liberdade e, conseqüentemente, dos ideais democráticos. A ocorrência do ataque é um exemplo trágico de como a exacerbação de uma liberdade pode, ainda que de forma totalmente injustificável, gerar uma reação exacerbada, tresloucada, insana mesmo de outro lado. [...] Acreditar num mundo em que as pessoas vão dar a outra face é de um fanatismo religioso alienante inacreditável por parte exatamente de pessoas que se dizem totalmente avessas a essa espécie de influência fideísta. (CABETTE, 2016, s.p., on-line).

Alguns estudantes escolheram ser cartunistas hipoteticamente, por acreditarem que a charge é instrumento de protesto pacífico, sem armas, sem violência. Mas no mundo simbólico religioso é complexo e confuso distinguir o que é pacífico ou violento em relação à religião. Podemos perceber que para determinados, seguidores do Islamismo, caluniar, denegrir, satirizar suas crenças e rituais é um insulto, agressão, desmoralização, pois representa uma violência sem limites.

Poucos estudantes optaram por serem imparciais. Talvez a maioria insistiu em se posicionar em um dos lados devido ao maniqueísmo da sociedade, com a percepção de que existem dois lados distintos e bem delimitados, um que representa o bem e a justiça, outro que representa o mal e a injustiça. Todavia o referencial sobre o que seria “bom” ou “justo” foi diferente para os que optaram por ser terroristas ou cartunistas. Os estudantes que não optaram por nenhum deles recusaram-se a apoiar tanto agressões midiáticas quanto a violência terrorista de grupos radicais islâmicos. Observemos as narrativas:

Eu não seria o terrorista mais também não acho certo falar de uma religião dessa maneira mesmo sendo uma protesto porque ofende a religião deles e por tanto não seria o cartunista também não seria nem um dos dois. (Raissa).

Eu não seria terrorista num cartunista pois não sou terrorista nem cartunista. (Lucas).<sup>8</sup>

Eu iria ficar assustada e com medo, porque apesar das coisas que os outros tinham feito, isso não é uma coisa normal, nem elegante de se ver então tenho

---

<sup>8</sup> O estudante Lucas, foi transferido para a escola pesquisada em 2017, portanto começou a participar da pesquisa em 22 de junho de 2017, respondendo pela primeira vez o *instrumental de investigação*, sobre o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*.

quase certeza de que eu não seria a terrorista, pra mim isso é uma situação bem crítica. (Ely).

O conhecimento prévio sobre a religião islâmica e os atentados terroristas que ocorrem pareceu ser superficial. Falta uma análise mais profunda inclusive nas aulas de história. O povo mulçumano está envolvido com a história do mundo asiático, africano e europeu e esta compreensão está distante dos livros didáticos e do cotidiano dos estudantes<sup>9</sup> das escolas brasileiras.

Os estudantes Nicolas e Hugo responderam a primeira questão<sup>10</sup> do *instrumental de investigação* (ANEXO A, p. 65-67). O estudante Nicolas foi categórico em dizer que seria o terrorista, para ele, defender sua fé é algo ligado à honra. Já o estudante Hugo demonstrou a opção pela imparcialidade por não querer desafiar religiões, o desinteresse por ser cartunista ou terrorista deve-se em parte por achar a temática irrelevante. Em outro momento, apesar do posicionamento diferente, Nicolas e Hugo fizeram uma atividade juntos sobre o tema em questão. Assim, afirmam esses alunos:

O terrorista por quê estaria defendendo minha Honrra, Honrra do meu pais, e a Honrra do mahomet se eu fosse islâmico, e publicassem isso eu iria matar todos eles, o dono do jornal, os publicantes e os que trabalharam e eram responsáveis pela charge. (Nicolas).

Eu prefiro ser nenhum dos dois, cartunista não porque eu não gostaria de desafiar nenhuma religião, e terrorista não porque eu não gosto disso, acho isso um absurdo, e porque não sou dessa religião, realmente as duas coisas: cartunista e terrorista, são babaquisses, ninguém quer saber que falam mal de sua religião, e ninguém, quer ter perigo de morrer bombardeado. (Hugo).

A história presente é difícil de ser aceita, sobretudo, pelos entendimentos sociais de que a história se refere ao passado distante. Saddy reforça que as ‘fontes vivas’ são essenciais para entendermos a realidade presente dos estudantes. (2011, p. 543-544). Se trabalharmos somente com os currículos pré-fixados de história perdemos as ideias prévias dos estudantes, que podem apontar caminhos para análises de suas narrativas. Silva (2014b, p. 90), por sua

<sup>9</sup> Estudantes do ensino fundamental, CICLO III, da escola pesquisada, da Secretaria Municipal de Goiânia.

<sup>10</sup> *Imagine que você estava no dia 7 de janeiro de 2015 no local do atentado, a sede do SEMANÁRIO CHARLIE HEBDO, na França. Qual seria seu sentimento, opinião. Você seria o terrorista ou cartunista, explique sua escolha.* (ANEXO, p. 66-68).

vez, destaca que as pesquisas em educação histórica oportunizam debates de temas instigantes, como a intolerância religiosa. A educação histórica permite que as narrativas impulsionadas por temas como religião provoquem discussões sobre diversas sociedades e momentos histórico, compreendendo-os melhor na atualidade, de forma coerente e libertadora para os estudantes.

O objetivo desta investigação foi que após os estudantes apresentarem suas ideias prévias fizessem análises sobre a intolerância religiosa por parte dos cartunistas e dos seguidores do Islamismo na França, e extrapolassem, refletindo também sobre a intolerância religiosa no cotidiano. Para tanto separamos os questionários respondidos pelos estudantes divididos entre os adeptos dos cartunistas ou terroristas e de opinião imparcial. Após separarmos os três grupos, analisamos os níveis de consciência histórica, para percebermos que tipo de intervenções realizaríamos a fim de ampliar a consciência histórica dos estudantes sobre passado, presente e como esses poderiam interferir no futuro. O *instrumental de investigação* (ANEXO A, p. 65-67) aplicado nesse primeiro momento da pesquisa em sala de aula, foi reaplicado após as intervenções feitas com o propósito de verificar se foram alcançados objetivos iniciais de alteração na consciência histórica dos estudantes.

## ANEXO A

*Instrumental de investigação das ideias prévias dos estudantes da escola pesquisada em Goiânia, a partir do atentado ao Semanário Charlie Hebdo - intolerância religiosa e consciência histórica*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE HISTÓRIA  
INSTRUMENTAL DE INVESTIGAÇÃO

ESCOLA PESQUISADA

Profa. ENELICE MILHOMEM JACOBINA TEIXEIRA - HISTÓRIA  
GOIÂNIA, \_\_\_\_\_

I-IDENTIFICAÇÃO

Aluno (a): \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

CICLO: III Turma: \_\_\_\_\_

Período: ( ) Manhã ( ) Tarde ( ) Noite

Qual é o grau de escolarização do seu pai? \_\_\_\_\_

Qual é o grau de escolarização da sua mãe? \_\_\_\_\_

Quantas pessoas moram em sua casa? \_\_\_\_\_

Que função você exerceu nesse trabalho? \_\_\_\_\_

Qual é a renda aproximada em sua casa? \_\_\_\_\_

Quais são os lugares que você frequenta em Goiânia? \_\_\_\_\_

---



---

Quais os lugares você gostaria de frequentar? \_\_\_\_\_

## II - PESQUISA CONCEITUAL TEMÁTICA

### ATIVIDADE SOBRE O ATENTADO AO CHARLIE HEBDO

LEIA OS TEXTOS, OBSERVE AS CHARGES E RESPONDA AS PERGUNTAS:

#### 1º. TEXTO

##### ATENTADO AO CHARLIE HEBDO:

07/01/2015 09h21 - Atualizado em 08/01/2015 20h57

Ataque em sede do jornal Charlie Hebdo em Paris deixa mortos

Polícia francesa disse que 12 pessoas morreram e 11 ficaram feridas. Alvo foi sede de publicação satírica que já foi atacada por muçulmanos.

Do G1, em São Paulo

Pelo menos 12 pessoas morreram e 11 ficaram feridas em um tiroteio em Paris nesta quarta-feira (7). O crime aconteceu no escritório do jornal satírico "Charlie Hebdo", que já havia sido alvo de um ataque no passado após publicar uma caricatura do profeta Maomé...

Segundo fontes policiais, os autores do ataque portavam rifles Kalashnikov e gritaram "Vingamos o Profeta!", em referência a Maomé, alvo de uma charge publicada há alguns anos pelo jornal, o que provocou revolta no mundo muçulmano.

#### 2º. TEXTO:

##### O QUE É O SEMANÁRIO CHARLIE HEBDO?

*Por João Alexandre Peschanski, no Blog da Boitempo (PORTAL FORUM) 08.01.2015.*

O *Charlie Hebdo*, cuja redação foi alvo de um atentado terrorista em 7 de janeiro de 2015, é um veículo de comunicação de extrema-esquerda. A origem política e artística dos principais nomes do veículo remonta aos anos 1960 na França. É a essa geração original que pertenciam Cabu e Wolinski, que estão entre as doze vítimas confirmadas até o momento em que escrevo este texto, com vários feridos ainda em estado grave. A marca inicial *soixante-huitarde* – dos participantes dos protestos de 1968 – está impregnada em toda a trajetória do semanário satírico.

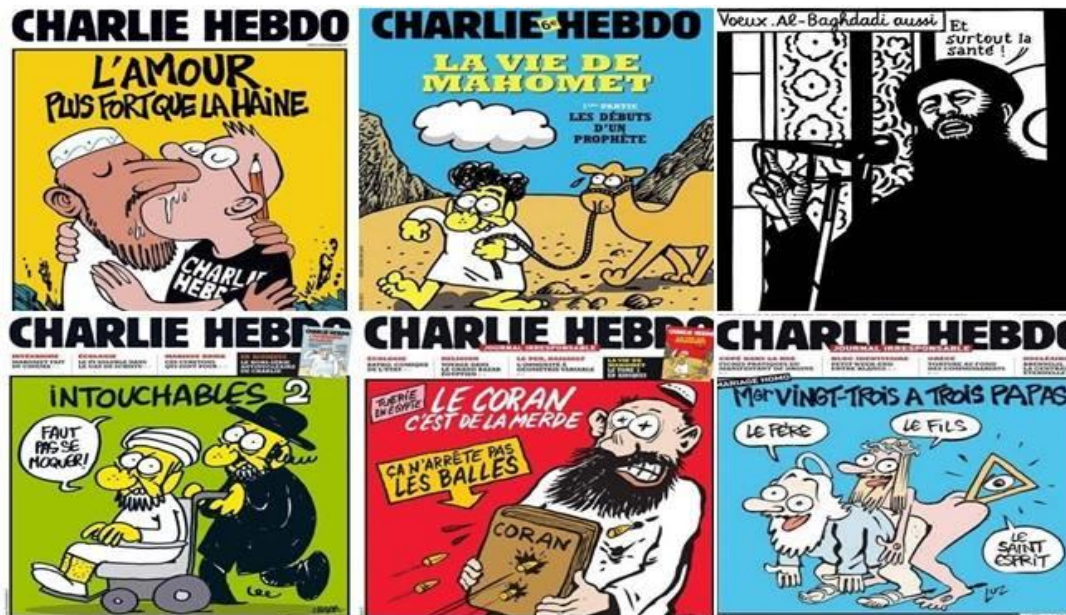
Redação Pragmatismo Editor(a)

*TERRORISMO07/JAN/2015 ÀS 18:11*

##### AS 6 CHARGES MAIS POLÊMICAS DO CHARLIE HEBDO

Confira as charges e capas mais polêmicas do Charlie Hebdo, o jornal da França que costuma publicar conteúdo satírico sobre o islamismo e seus símbolos

Figura 1: AS 6 CHARGES MAIS POLÊMICAS DO CHARLIE HEBDO.



Fonte: Pragmatismo Político.<sup>11</sup>

RESPONDA COM SUAS PALAVRAS:

- Imagine que você estava no dia 7 de janeiro de 2015 no local do atentado, a sede do semanário CHARLIE HEBDO, na França. Qual seria seu sentimento, opinião. Você seria o terrorista ou cartunista, explique sua escolha.

---



---



---



---



---



---



---

- Cite o que aprendeu sobre a religião islâmica nas aulas de história?

---



---



---



---



---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/01/charges-mais-polemicas-da-charlie-hebdo.html>. Acesso em: 02 set. 2016.

## ANEXO B

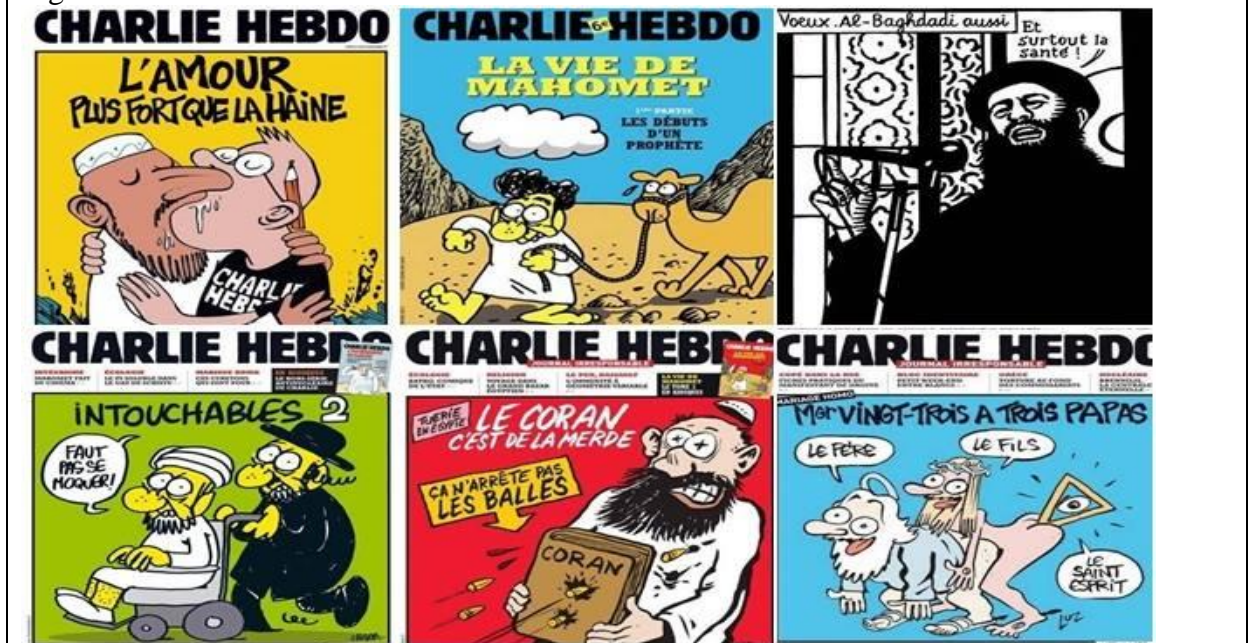
Análise de narrativas dos estudantes em avaliação sobre o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*

ESCOLA PESQUISADA  
 QUESTÕES DA AVALIAÇÃO DE HISTÓRIA 2º. TRIMESTRE DE 2017.  
 SOBRE O ATENTADO AO *SEMANÁRIO CHARLIE HEBDO*

No dia 07 de janeiro de 2015, ocorreu em Paris na França o atentado ao *SEMANÁRIO CHARLIE HEBDO*, observe as charges do semanário, e explique as seguintes sentenças:

- Motivo de as charges serem ofensivas a Religião Islâmica:
- Explique o que é Intolerância Religiosa em nossa sociedade hoje:
- Tem ocorrido muitos atentados na Europa desde 2004, cite algum e fale quais razões poderiam ter gerado os mesmos.

Figura 1: AS 6 CHARGES MAIS POLÊMICAS DO CHARLIE HEBDO<sup>12</sup>



<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/01/charges-mais-polemicas-da-charlie-hebdo.html>. Acesso em: 02 set. 2016.

#### 4. INTERVENÇÕES SOBRE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E O ATENTADO AO SEMANÁRIO CHARLIE HEBDO, ANÁLISE DAS NARRATIVAS

Neste capítulo apresentamos as oficinas sobre a temática intolerância religiosa que intentaram propiciar o desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes e elucidar o conflito entre os franceses, principalmente no que se refere ao atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, e o aumento da população islâmica na França, como em outros países da Europa. Propusemos essa experiência apresentando esquemas na lousa e acrescentamos elementos sobre a colonização europeia na África e Ásia, ressaltando a exploração que ocorreu no passado dos países da Europa sobre países dos continentes africano e asiático. Realizamos oficinas sobre textos do livro didático<sup>1</sup> que abordaram o *Protestantismo e a Reforma Católica* (1517-1563), *Corrupção na Igreja* (1517-1563), (p. 72), *Conflitos e a Reforma Católica, Formação de Portugal e da Espanha* (1139-1492), entre outros (ANEXO C, p. 95-96). Textos foram lidos e discutidos a respeito do atentado ao *Semanário Charlie Hebdo* (ANEXO D, p. 97-99) e a respeito dos últimos atentados terroristas na Europa desde 2004 (ANEXO E, p. 100-102). Os estudantes participaram das oficinas em sala de aula e pesquisaram em casa e no ambiente informatizado da escola. Aplicamos o *instrumental de investigação* pela segunda vez, em agosto de 2017. Após a investigação e análise das narrativas coletadas, realizamos uma avaliação (ANEXO B, p. 68) sobre o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo* com a intenção de percebermos mudanças relacionadas à consciência histórica dos estudantes.

##### 4.1. Intervenções sobre intolerância religiosa sobre o acontecido, atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*

Como já esclarecemos, utilizamos como objeto de análise o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, a partir dele organizamos oficinas de intervenção em sala de aula paralelamente com os conteúdos de história que compõem o currículo escolar. Ao abordarmos a intolerância

---

<sup>1</sup> Texto de CARDOSO, Oldimar. *Leituras da História*. 7º. Ano – 1. ed. – São Paulo: Escala Educacional, p. 2012.

religiosa nesta investigação oportunizamos o debate e a ressignificação com os estudantes das ideias de segunda ordem. As narrativas iniciais dos estudantes analisam o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo* e baseiam-se nas vivências daqueles que as elaboraram. Constatamos, enfim, que as narrativas coletadas apontam para novos estudos e reflexões que precisam ser realizados para que os estudantes possam relacionar o acontecimento do atentado ao *Semanário Charlie Hebdo* com os temas estudados em história, entre os quais, intolerância religiosa. A experiência com os estudantes remete-nos às análises que podem alterar as narrativas no presente, redirecionando as ideias para repensar comportamentos que possam ser desenvolvidos tanto no presente quanto no futuro.

Segundo Rüsen (2010, p. 91), ao desenvolvermos a educação histórica com os estudantes, percebemos o envolvimento dos mesmos com experiência, significado e orientação de forma integrada, para que a história faça parte da existência deles, passando pelas relações do seu presente social, político, cognitivo, gerando alterações e transformações na vida prática. A primeira oficina de intervenção recorreu a textos e esquemas sobre terrorismo na Europa e cartunistas do *Semanário Charlie Hebdo*, foram analisados textos críticos e construímos esquemas sobre terrorismo na Europa, xenofobia, fronteiras, imigrantes e islâmicos.

Trabalhamos com textos<sup>2</sup> de autores diversos sobre o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, escritores, pesquisadores e jornalistas que comentaram e discutiram as questões tanto do ponto de vista jornalístico quanto científico. Discutimos os conflitos entre franceses e a crescente população islâmica na França. Realizamos discussões, explicando a colonização europeia na África e Ásia, desencadeando debates entre os estudantes na sala de aula. O objetivo era permitir o contato dos estudantes com essas discussões e gerar compreensão inclusive das dificuldades de convivermos com ideias religiosas dos nossos pares. Dificuldades vividas pelos europeus, o que causa até uma atitude xenofóbica por parte dos grupos de extrema direita, e de esquerda.

Ao analisarmos as narrativas dos estudantes, percebemos a necessidade de elaborarmos uma segunda oficina de leitura e análise de textos do próprio livro didático da escola, para que compreendessem as questões religiosas contidas no mesmo e poderem ampliar suas interpretações sobre o tema. Os textos foram reduzidos e divididos entre os estudantes, que realizaram leituras, refletiram e opinaram sobre eles. Após contato com a leitura e discussão

---

<sup>2</sup> Para realização das intervenções utilizamos diversos recursos teóricos, visuais (charges), artigos de jornais, (AGÊNCIA BRASIL, BLOG-G1, DN, DW-MADE FOR MINDS, FOLHA DE SÃO PAULO, O GLOBO, PLANO BRASIL, PRAGMATISMO POLÍTICO, UOL, VOX.europ) e revistas online (Inter-Ação, TEMPO E ESPAÇO NA CONTEMPORANEIDADE).

dos textos, os estudantes mostraram-se impressionados com as atos cometidas ao longo da história. Até então pensavam que atentados por questões religiosas só estariam acontecendo no presente. Essa percepção que os estudantes desenvolveram no decorrer das aulas oficinas, aponta para o que diz Rüsen:

Em termos teóricos, não é difícil explicar o desenvolvimento da consciência histórica como um processo de aprendizagem. A aprendizagem é conceituada em seu marco de referência como uma qualidade específica dos procedimentos mentais da consciência histórica. Tais procedimentos são chamados ‘aprendizagem’ quando as competências são adquiridas para a) experimentar o tempo passado, b) interpretá-lo na forma de história e c) utilizá-lo para um propósito prático na vida diária. (2010, p. 75)

As oficinas de intervenção, como diz o autor, pôde propiciar aos estudantes experimentar o tempo passado, interpretar o acontecimento do atentado na forma da história e utilizá-lo na vida prática. Apresentamos um modelo de organização de textos<sup>3</sup> do livro didático, que foram entregues aos estudantes em oficina. O texto escolhido para demonstração da intervenção foi *O Protestantismo e a Reforma Católica*. Os demais textos estão anexados (ANEXO C, p. 95-96) ao presente capítulo, e possuem seguintes temas: *Corrupção na Igreja, Reforma Católica, Conflitos e a Reforma Católica, a Formação de Portugal e da Espanha, Europeus, Africanos e Asiáticos*. Observemos o texto nº 1, como modelo dos demais que foram trabalhados (ANEXO C, p. 95-96):

---

<sup>3</sup> Textos dos livros didáticos utilizados na escola pesquisada, apesar de serem o conteúdo estudado pelos estudantes ao serem apresentados aos estudantes em forma de pequenos textos chamou atenção dos mesmos para as temáticas estudadas de forma diferenciada.

Texto 1: O PROTESTANTISMO E A REFORMA CATÓLICA (1517-1563).<sup>4</sup>

<p>ESCOLA PESQUISADA          GOIÂNIA, _____          HISTÓRIA - PROFESSORA ENELICE MILHOMEM JACOBINA          TEIXEIRA          NOME COMPLETO: _____          LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO</p> <p>TEXTO: O PROTESTANTISMO E A REFORMA CATÓLICA          (1517-1563)</p> <p>LEIA O TEXTO, MARQUE AS PARTES IMPORTANTES E          PARTICIPE DA DISCUSSÃO EM GRUPO:</p> <p>No Brasil atual, todos podemos escolher qual religião desejamos seguir. Podemos também seguir mais de uma religião ou preferir não adotar nenhuma. Na Europa ocidental do século XV não havia essa liberdade. Todos eram obrigados a ser católicos. Aqueles que participavam de outras religiões ou que, mesmo sendo católicos, praticavam cultos diferentes daqueles definidos pela igreja, podiam ser condenados à morte.</p> <p>Essa situação mudou no início do século XVI. A Igreja católica continuou existindo, mas passou por reformas internas. Algumas delas deram origem a outras religiões cristãs, chamadas de protestantes, fazendo com que o catolicismo deixasse de ser a única religião permitida na Europa ocidental.</p> <p>TEXTO RETIRADO DO LIVRO:</p> <p>CARDOSO, Oldimar. <i>Leituras da História</i>, 7º. Ano – 1ª. Ed. – São Paulo: Escala Educacional, 2012 – LEITURAS DA HISTÓRIA. Pag. 28 (TEIXEIRA, 2017, p. 1)</p>
--

Fonte: Oficina de intervenção, setembro de 2015 - Escola pesquisada

Realizamos primeiramente uma discussão com um grande grupo de estudantes, utilizando 5 textos. Os estudantes receberam os textos para acompanharem a leitura e marcarem as partes principais. Após a leitura, os estudantes comentaram as partes grifadas, desenvolvendo discussões e perceberam situações do passado abordadas pelo autor, Oldimar Cardoso, repletas de conflitos entre católicos e protestantes, com a presença e domínio de outros povos na Europa em outro tempo. Um de nossos objetivos com as discussões era descobrir com os estudantes diversas situações ocorridas na França que explicariam a presença significativa de islâmicos na

<sup>4</sup> Texto de CARDOSO, Oldimar. *Leituras da História*. 7º. Ano – 1. ed. – São Paulo: Escala Educacional, 2012.

região, causando repúdio inclusive nos grupos de extrema esquerda, como os cartunistas do *Semanário Charlie Hebdo*. O texto sobre a expansão europeia para a Ásia e África no século XVI (ANEXO C, 95-96) mostrou a dominação europeia sobre os chamados povos primitivos, pelo olhar do europeu, que detinha o poder sobre armas, terras, recursos naturais e usava violência. Um dos estudantes, Augusto, discorreu sobre as dificuldades de o povo europeu entender o que fez no passado que pode refletir nas situações presentes, inclusive de imigrações maciças para a Europa.

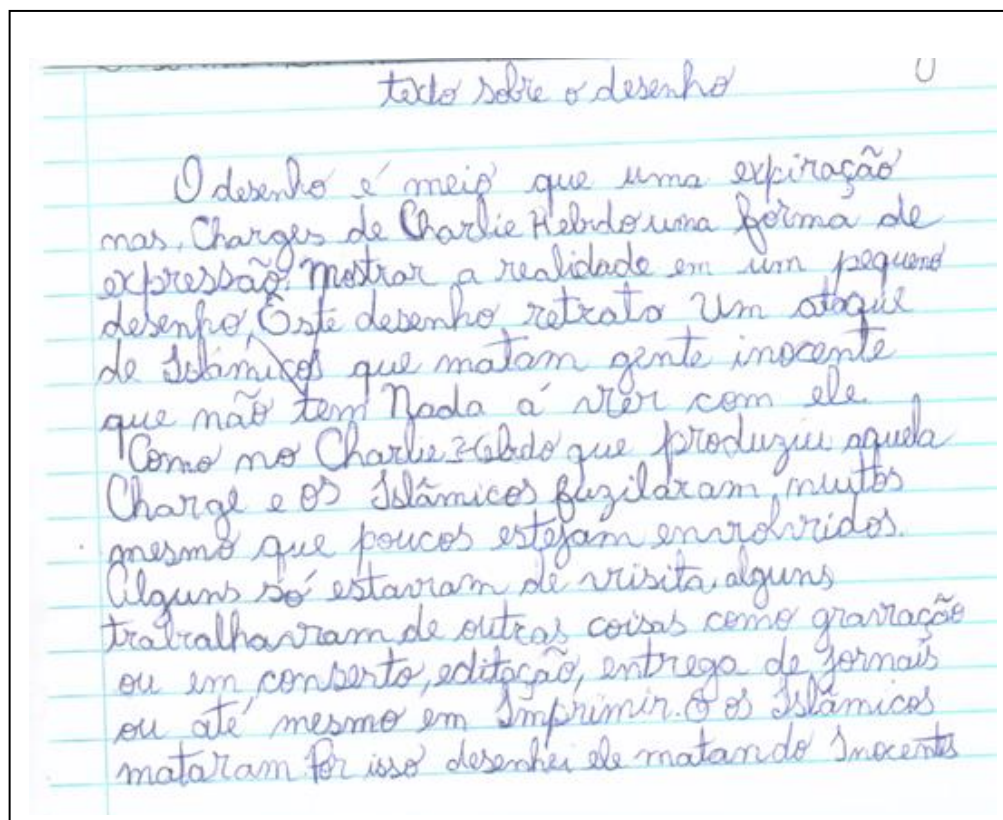
Durante a intervenção com o livro didático, houve a participação dos estudantes Alexley e Nicolas. Eles mostraram um olhar reflexivo sobre os textos lidos e discutidos. Ao realizarmos um grupo de leitura dos textos (ANEXO C, p.95-96) sobre intolerância religiosa, do livro didático de história<sup>5</sup>, ocorreram discussões e comparações dos textos com questões da atualidade e com atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*. Em seguida, alguns estudantes produziram de forma espontânea uma charge (FIGURA 03, p.74) que retrata um atirador mulçumano durante o atentado e o olhar das pessoas que estavam passando, transeuntes, trabalhadores, e os próprios cartunistas do semanário. Os estudantes explicaram a charge afirmando que a mesma foi representação do que as pessoas estavam fazendo enquanto ocorria o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, vivendo suas vidas, comprando pão, passeando, trabalhando, como se tudo estivesse normal, tranquilo, ou como se não importassem com o que estava acontecendo com o outro, demonstrando indiferença e individualismo. Vejamos as charges e reflexões realizadas:

---

<sup>5</sup> O livro didático: *Leituras de História de Oldimar Cardoso*, do 7º. Ano, da editora Escala Educacional, 2012, São Paulo.



Figura 04: Texto sobre o desenho da Figura n.º 3, p.74<sup>7</sup>



Fonte: Oficina realizada em setembro de 2015, na escola pesquisada.

#### Texto sobre o desenho dos espectadores do atentado ao Semanário Charlie Hebdo – 07 janeiro de 2015

O desenho é meio que uma expiração nas Charges de Charlei Hebdo uma forma de expressão. Mostrar a realidade em um pequeno desenho. Este desenho retrata Um ataque de Islâmicos que matam gente inocente que não tem Nada á ver com ele. Como no Charlie Hebdo que produziu aquela Charge e os Islâmicos fuzilaram muitos mesmo que poucos estejam envolvidos. Alguns só estavam de visita. alguns trabalhavam de outras coisas como gravação ou em concerto, edição, entrega de jornais ou até mesmo em Imprimir. E os Islâmicos mataram. Por isso desenhei ele matando Inocentes. (Nicolas e participação de Alexley).

<sup>7</sup> Participantes: Nicolas e participação de Alexley.

Figura 05: Desenho de representação da presença dos atiradores no Semanário Charlie Hebdo, no dia 07 jan. 2015.<sup>8</sup>



Fonte: Oficina realizada em setembro de 2015, na escola pesquisada.  
Produzido pelo estudante: Nicolas com participação de Alexley.

Os estudantes Nicolas e Alexley apresentaram charges espontâneas que representaram um olhar sobre o acontecimento, disseram que os terroristas chegaram ao semanário atirando de forma aleatória, matando trabalhadores do semanário como também passantes, por mais que não tenha sido dessa forma. Os estudantes apresentaram uma visão do atentado que não se distancia da mídia quando amplia as notícias para mega-acontecimentos gerando assim repercussão. No texto dos mesmos, observa-se a afirmação: “O desenho é meio que uma expiração nas Charges de Charlei Hebdo uma forma de expressão.” (NICOLAS, ALEXLEY, 2015). Inspiraram-se nos cartunistas, refletiram sobre o episódio e fizeram suas críticas. Ao ilustrarem as pessoas no momento do atentado, morrendo gratuitamente, apresentando um olhar de indiferença, os estudantes podem também estar criticando essa indiferença, não apenas a reafirmando ou com ela concordando. Esses estudantes tiveram um olhar observador e perspicaz.

<sup>8</sup> Desenhistas: Nicolas e participação de Alexley.

A compreensão de como as afirmações históricas podem ser feitas, de diferentes formas, é uma condição necessária para a literacia histórica<sup>9</sup>, mas não suficiente. Se os alunos que participam de um ambiente de educação histórica são capazes de usar o passado para ajudá-los a atribuir sentido ao presente e ao futuro, eles devem levar consigo alguma história substantiva. O problema parece ser menos com nosso entendimento de como construir o conhecimento profundo dos estudantes do que com nossa habilidade de fornecer a eles um grande quadro. (LEE, 2006, p. 140). Para Lee, a preocupação dos educadores não deveria ser somente fornecer aos estudantes um grande quadro histórico, mas propiciar situações de educação histórica que possibilitassem aos estudantes analisar o passado, gerando sentido:

O campo das ideias que a história é capaz de transformar pode se estender para além de qualquer conteúdo específico, para concepções muito mais generalizadas que fundamentam à nossa maneira de conceber o mundo. Especialmente em relação às concepções das crianças e adolescentes. Sem o conhecimento histórico, as ideias das pessoas sobre o que é normal nas questões da humanidade tendem a ser limitadas ao aqui e ao agora. (LEE, 2016, p. 137).

Os estudantes Nicolas e Alexley conseguiram perceber questões relacionadas ao atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, que extrapolaram as análises feitas em sala de aula. Eles realizaram discussões através da apreensão das ideias substantivas dos fatos históricos, conseguindo interpretar o passado, possibilitado pela orientação temporal, realizando reflexões sobre o presente através das charges sobre o atentado.

Em relação ao texto sobre o domínio islâmico na Península Ibérica (ANEXO C, p. 95-96) foi demonstrado a forte presença dos islâmicos do norte da África por quase 800 anos em regiões europeias<sup>10</sup>, mostrando a necessidade de reconquistar suas terras, como os próprios

---

<sup>9</sup> Lee, destaca o que é literacia histórica:

[...] o ensino de história envolve o desenvolvimento de um aparato conceitual de segunda ordem que permite que a história siga em frente, em vez de imobilizá-la e, ao fazê-lo, abre a perspectiva de mudança de uma visão cotidiana da natureza e do estado do conhecimento do passado para uma de conhecimento histórico. Isto nos permite dar conta do que significa saber um pouco de história – um provisório conceito de literacia histórica – como um aprendizado de uma compreensão disciplinar da história, como a aquisição das disposições que derivam e impulsionam essa compreensão histórica e como o desenvolvimento de uma imagem do passado, que permite que os alunos se orientem no tempo. (LEE, 2016, 107-108).

<sup>10</sup> Islâmicos e a região da Europa:

[...] o caráter fragmentário dos reinos europeus deu espaço para que os povos muçulmanos – que estavam num patamar mais evoluído do ponto de vista tecnológico

espanhóis e portugueses fizeram no passado. A temática Reforma Protestante, conflitos e reformas na igreja católica no século XV demonstrou a intolerância religiosa presente dentro do próprio Cristianismo que se dirá entre duas religiões contrárias e até entrelaçadas dentro de um mesmo território, como a Europa.

O pesquisador Jordan Michel Muniz, professor de filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina, sobre o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo* esclarece que o mais preocupante em estudar o fato não é o fato em si, mas o que o gera. Na França, muitos imigrantes são excluídos, porém antes já foram excluídos em sua própria terra. Esse processo leva-os a se aproximarem de uma causa, como o Estado Islâmico, ainda que o envolvimento não seja diretamente com a religião em si mesma. O professor Muniz diz que:

Ninguém acredita que os autores do crime sejam fundamentalistas ímpares, os únicos capazes de tal gesto. Há um grave problema sociopolítico subjacente que exige atenção. Pouco ajuda imaginar que existam outras pessoas integradas à Europa com igual disposição homicida, mas considerar que tal propensão deriva da incapacidade de entenderem e aceitarem os preceitos democráticos, devido à origem não europeia. Essa visão simplista propõe identificar potenciais agressores, tratando a segurança pública e a garantia da liberdade de imprensa apenas no âmbito policial ou da Guerra ao Terror. [...] Sabe-se como isto termina e quais são os frutos da xenofobia. Que povo? (2015, p. 254).

A fim de tratarmos de xenofobia e identificação com discursos extremistas, utilizamos os textos do livro didático<sup>11</sup> para realizar uma discussão e gerar mudanças na consciência histórica dos estudantes. O texto *O Protestantismo e a Reforma Católica (1517-1563)*, (ANEXO C, p. 95-96) foi utilizado para demonstrar um período histórico em relação à religião em que não havia liberdade religiosa. Ao longo da discussão, alguns estudantes levantaram indagações e questionaram o período atual de nossa sociedade em relação à religião.

---

(e, portanto, marcial) – levassem a termo seu processo de conquista do continente branco e cristão por meio de incursões a partir das costas mediterrâneas do norte e nordeste da África principalmente. Passaram lá os árabes mais de 780 anos no total, só tendo sido expulsos completamente em 1492, ano do descobrimento da América! É interessante salientar que a nacionalização de monarquias como Portugal e Espanha se deu exatamente durante a ocupação moura, o que pressupôs muito conflito e foi, na verdade também uma consequência ideológica do sentimento de rancor pela humilhante submissão do brioso povo europeu aos árabes muçulmanos. (CARDOSO, 2017, s.p., on-line).

<sup>11</sup> Texto de CARDOSO, Oldimar. *Leituras da História*. 7º. Ano – 1. ed. – São Paulo: Escala Educacional, 2012.

Ao participarem dessas discussões, os estudantes detectaram que em outros períodos de nossa história aconteceram situações parecidas com as vividas hoje: proibição de acesso ao livro sagrado do Cristianismo, a Bíblia, e proibição de interpretação de textos sagrados, provocando inclusive sentenças judiciais. Tais situações causaram indignação nos estudantes e interesse pela temática religiosa.

A morte de 12 pessoas no atentado ao *Semanário Charlie Hebdo* despertou a atenção dos estudantes, contudo o texto histórico fala da morte de 3 mil pessoas na noite de São Bartolomeu (ANEXO C, p. 95-96) envolvendo o catolicismo e protestantismo. Os estudantes achavam que a violência somente ocorria no mundo islâmico. Novamente a teoria da educação histórica ampliou a consciência histórica dos estudantes através da discussão sobre a intolerância religiosa. A noite de São Bartolomeu representa um período que remota a provavelmente 500 anos atrás e que parece com o que se vive hoje na França, ou mesmo no Brasil com perseguições a grupos religiosos de matriz africana.

Lendo o texto nº. 4, *A Formação de Portugal e da Espanha* (113-1492), (ANEXO C, p. 95-96), os estudantes observaram que nem sempre a região da Península Ibérica foi habitada pelos cristãos, perceberam o domínio dos islâmicos na região, e como a região que hoje conhecemos foi influenciada pelo Islamismo, a relação da questão temporal e espacial, e como as mesmas são alteradas em diferentes momentos históricos.

Segundo Rüsen, “Atualmente, a ciência da história e as demais ciências sociais e humanas orientadas na história precisam urgentemente de uma concepção global de história para fazer frente aos desafios da globalização.” (2014, p. 33). Como vemos no texto nº 5, *Europeus, Africanos e Asiáticos*, (ANEXO C, p. 95-96), no século XVI precisamos discutir as confluências que ocorreram entre esses continentes, não só considerando o aspecto territorial, político, social como também religioso.

O pesquisador Muniz discute as dificuldades da França em receber os imigrantes dos países que foram suas colônias tanto na Ásia como na África, porém o autor constata na exclusão dos povos imigrantes principalmente os de origem islâmica, na Europa, a necessidade de analisarmos melhor a questão por vários aspectos:

O acolhimento dos imigrantes parece expiação dos males praticados pela França na época imperialista. Entretanto, os ex-colonos são rejeitados, embora o envelhecimento da maioria branca, com baixas taxas de natalidade, aponte para uma dependência progressiva do trabalho das novas etnias, cujo percentual na população cresce. Todavia, nem a culpa passada nem a necessidade futura produzem aceitação autêntica. Ao contrário, propõe-se

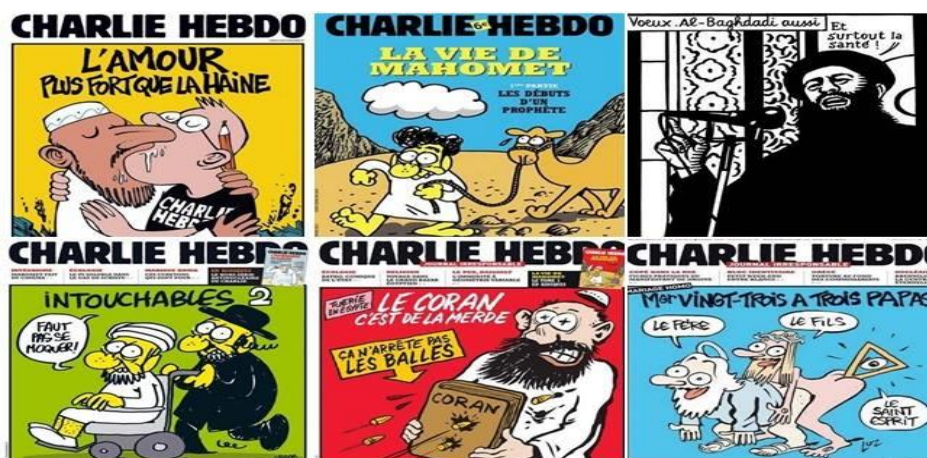
com frequência: (1) diminuir a proteção social e (2) endurecer as exigências feitas aos imigrantes. (MUNIZ, 2015, p. 257).

A terceira oficina centrou-se na conceituação de charge, em 2017. Os estudantes pesquisaram no ambiente informatizado da escola artigos online. Os estudantes relacionaram algumas definições e a reescreveram em folhas. Os estudantes pesquisaram no ambiente informatizado, organizados em duplas, diversos tipos de charges, discutindo seus significados e intenções. O objetivo da intervenção foi compreender, entre outras coisas, que a charge é uma forma de manifestação, uma possibilidade de fazer denúncias, esclarecimentos e mobilizações a fim de provocar a sociedade sobre várias problemáticas.

Nos sites, os estudantes tiveram contato com os conceitos de charge, cartum, o que é charge política e explicações sobre as charges do Charlie Hebdo. Após pesquisar os conceitos no ambiente informatizado, orientamos o acesso dos estudantes a diversos tipos de charges, possibilitando um contato proximal com a linguagem artística e articuladora, favorecendo o desenvolvimento das análises sobre o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo* em 2015.

Realizamos uma oficina de intervenção sobre as charges polêmicas do *Semanário Charlie Hebdo* (ANEXO D, p. 97-99). A intervenção analisou algumas charges do *Semanário Charlie Hebdo*, apresentadas no jornal online *Pragmatismo Político*. Os estudantes observaram as charges mais polêmicas do semanário e fizeram indagações, observações e discussões sobre as mesmas. Eles investigaram no ambiente informatizado 6 charges polêmicas do *Semanário Charlie Hebdo*:

Figura 6: As charges mais polêmicas do *Semanário Charlie Hebdo*.



Fonte: *Pragmatismo Político*.<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/01/charges-mais-polemicas-da-charlie-hebdo.html>. Acesso em: 02 set. 2016.

O acesso ao site com as 6 charges consideradas pelo jornal as mais polêmicas, desencadeou-se um clima tenso no ambiente informatizado, alguns diziam que era blasfêmia, falta de respeito, e que os chargistas tinham que morrer. Outros falavam que a religião era desnecessária, que não se importam com esse tipo de violência. Porém a maior parte dos estudantes ficaram perplexos com os chargistas do *Semanário Charlie Hebdo* e sentiam como se as charges ofendessem suas próprias expressões religiosas. Essa admiração dos estudantes em relação a atitude dos chargistas reforça a atração e o apego dos estudantes às religiões. Utilizar 6 charges polêmicas do *Charlie Hebdo* como parte de uma intervenção histórica com os estudantes provocou reações e construção de novas ideias que vão além da sua realidade.

Os estudantes pesquisaram no ambiente informatizado da escola as charges mais polêmicas do *Semanário Charlie Hebdo*, fizeram leitura, observaram, relacionaram com episódios diversos construídos pelo semanário, principalmente contra cristãos, judeus e islâmicos. O semanário desenvolveu ao longo do tempo uma escolha política, antirreligiosa e suas charges pretenderam insuflar polêmicas na sociedade que gerassem discussões e provocassem o repensar do homem sobre seu lugar no mundo. Os estudantes, em dupla, observaram as charges e discutiram sobre as mesmas e alguns fizeram charges contra o próprio *Semanário Charlie Hebdo* como o estudantes citados anteriormente. (ANEXO D, p. 97-99).

A quinta oficina utilizou o texto de Boaventura de Sousa Santos (2015), *Charlie Hebdo: uma reflexão difícil* (ANEXO E, p. 100-102). O texto aponta conceitos importantes para discutirmos o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, estimulando uma discussão complexa em 2017. Os conceitos levantados por Santos (2015) são: a luta contra o terrorismo; tortura e terrorismo; a liberdade de expressão; tolerância e “valores ocidentais”; choque de fanatismos e o valor da vida. Neste texto ocorreu uma rediscussão dos valores envolvidos no atentado aos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, que lembra luta contra terrorismo, e o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo* que pode ser relacionado com a primeira tragédia.

A oficina foi realizada dividindo os estudantes em duplas, que realizaram a leitura, com pausas, marcações de frases relevantes e discussões. O debate incitou a discussão de uma realidade importante para Santos (2015), a luta contra o terrorismo, que por um lado apresenta uma extrema agressividade contra os países europeus, e por outro produz o extermínio de população islâmica, em vários países muçulmanos. De acordo com Santos (2015), diferencia-

---

se a vida e diferencia-se os mortos desses acontecimentos, como se assassinatos em áreas pobres da África e Ásia tivessem menor valor.

Outro elemento que o autor sinaliza é a agressividade contra os civis, quase sempre inocentes, a justiça precisa ser realizada com os responsáveis pelos atentados de forma a abatê-los e eliminá-los, ainda que sem comprovação dos mesmos. Santos discute a possibilidade desses acontecimentos gerarem guerra civil nas regiões envolvidas. A Europa, principalmente a França, apregoa uma laicidade sem limites, porém em uma Europa intercultural. O ambiente intercultural na Europa dificulta a liberdade de expressão, liberdade esta que foi requerida pelos cartunistas do semanário, no entanto a mesma não é aberta aos imigrantes inseridos na sociedade europeia.

Discutimos com os estudantes duas ideias presentes na Europa: a islamofobia e anti-imigração. Estas duas atitudes são incoerentes numa Europa que economicamente está aberta para trabalhadores do mundo inteiro. Dialogamos com os estudantes o contexto mundial de inviabilidade intercultural em um mundo intolerante que deseja uma sociedade dominada somente pelo econômico, o que inviabiliza a interculturalidade.

Finalmente, na sexta oficina de intervenção, realizamos análises sobre os atentados terroristas na Europa pós 2004. Os estudantes pesquisaram no ambiente informatizado o texto jornalístico *Relembre os últimos atentados terroristas da Europa* (ANEXO F, p. 103-105), que apresentou os últimos ataques terroristas na Europa no século XXI, desde 2004, para compreender aspectos da situação atual do mundo europeu em relação a presença dos imigrantes na Europa. Realizamos a atividade de leitura e interpretação deste texto. Apresentamos conceitos utilizados nas análises sobre o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*: luta contra o terrorismo, democracia, intolerância, atentados. O propósito era o de ampliar a consciência histórica dos estudantes sobre o tema, de forma que os estudantes entendessem melhor as matérias apresentadas pela mídia à sociedade diante dos últimos atentados na Europa. Após a realização da leitura do texto, os estudantes foram incitados a reagir e discutir o tema para que ocorresse crescimento e reflexão.

O objetivo das intervenções que realizamos foi propiciar discussões sobre questões históricas com os estudantes relativas à intolerância religiosa, utilizando como instrumento de observação o atentado ao *Semanário ao Charlie Hebdo*. As discussões, leituras e análises de artigos proporcionaram aos estudantes saírem de uma tipologia da consciência histórica como cita Rüsen, tradicional, exemplar, avançando para uma consciência crítica e mais ainda genética.

#### 4.2. Análise das narrativas dos estudantes sobre o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, pós intervenções.

A realização do *instrumental de investigação*, segundo momento, ocorreu em agosto de 2017, quando os estudantes já tinham participado das oficinas. Apresentamos primeiramente as narrativas dos estudantes sobre o que é religião islâmica, e em seguida os favoráveis aos terroristas ou aos cartunistas e os neutros. Finalizando a investigação sobre intolerância religiosa, baseada no atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, verificamos a necessidade de realizar novas perguntas em uma avaliação trimestral da escola, para possibilitar aos estudantes elaborar narrativas mais críticas a respeito da temática proposta. Portanto, no segundo trimestre de 2017, elaboramos uma avaliação discursiva, chamada de 2º *instrumental de investigação* (ANEXO B, p. 68), na qual propusemos duas questões baseadas no atentado ao *Semanário Charlie Hebdo* em 2015:

- a) *Motivo de as charges serem ofensivas a Religião Islâmica?*
- b) *Explique o que é Intolerância Religiosa em nossa sociedade hoje?*

As narrativas dos estudantes sobre o que é a religião islâmica no segundo momento da investigação mostraram-se superficiais, limitadas ao senso comum. O conhecimento dos estudantes sobre religiosidade abrangia a concepção cristã católica e evangélica. Durante a realização das intervenções de aprofundamento sobre os estudos históricos, sobre a intolerância religiosa, percebemos que as intervenções não geraram tanta alteração na consciência histórica dos estudantes, pois houve similaridade entre as primeiras narrativas do *instrumental de investigação* em setembro de 2015 e as últimas, de 2017. Observemos as narrativas do segundo momento da aplicação do *instrumental de investigação* sobre o que é a religião islâmica, em 2017:

Que eles são muito fechados e não aceitam opiniões e outros tipos de orientações de coisas que não são da suas religiões. (Vitória).

Que é uma religião que tem vários grupos, e um deles e os terroristas. (Paulo).

Em religião islâmica com vários grupos e alguns bem radicais, que são os terroristas. (Merly).

Que é uma religião de pavil curso que se expressa por pouca coisa. (Kaio).

Aprendi que a religião islâmica é uma religião muito rígida, que qualquer deslize pode custar a vida, e que seus seguidores são a maioria radicais. (Rafael).

O objetivo desta investigação foi primordialmente abordar a discussão sobre educação histórica, discutindo sobre intolerância religiosa, para articular liberdade religiosa, respeito a todas as formas de expressão cultural, utilizando como objeto de estudo o atentado ao *Semanário ao Charlie Hebdo*. A estudante Vitória ao participar das intervenções apresentou uma narrativa que demonstrou consciência crítica, ao elucidar a falta de abertura dos seguidores do Islamismo com outras práticas religiosas, para eles nem existem outras religiões. Os estudantes Paulo e Merly apresentaram posturas críticas quando destacaram que a religião islâmica tem vertentes, e algumas com perfil terrorista, destacando assim o reconhecimento de ramos diferenciados dentro da religião, e que nem todos são radicais. O olhar desses estudantes destacou uma consciência com perfil relativizador, demonstrando que as oficinas de intervenção fizeram diferença em sua reflexão da religião em um mundo intercultural.

Nas narrativas dos estudantes sobre a intolerância religiosa, favoráveis aos cartunistas, verificamos ao analisar as narrativas dos estudantes na segunda aplicação do *instrumental de investigação*, que os favoráveis aos cartunistas apresentaram uma visão unilateral. Os cartunistas defendem suas posturas de produtores de ideias e reflexões sobre o fanatismo de seguidores do Islamismo, muçulmanos na França, deixando de se colocar no lugar dos islâmicos, o que provoca uma atitude unilateral. Thiago Ramos de Melo, pesquisador da área de comunicação que estuda charges chama a atenção:

Embora as charges dessa temática aparentem uma preocupação em separar a figura do muçumano da figura do terrorista, a crítica feita por elas é unilateral, voltada para o ataque ao fundamentalismo islâmico, ao passo que silenciam diante da postura ridicularizadora que o jornal Charlie Hebdo tinha com a religião islâmica, dissimulando o conflito de posicionamentos existente sobre o tema. Desta forma, as charges posicionam-se ideologicamente em defesa do semanário, omitindo-se e omitindo o outro lado da discussão. (MELO, 2016, p. 128, 129).

Melo, ao estudar as charges, ressalta que elas expõem uma ideologia que desconstrói o Islamismo ao invés de discuti-lo. Ao terem a oportunidade de discuti-las, a

estudante Vitória destaca a importância da liberdade de expressão tão valorizada pelos franceses, concomitantemente, essas estudantes defendem que em seus discursos, não precisariam “dar explicação a ninguém”:

Cartunista. Eu acho que cada um direito de expressar suas opiniões e suas ideias e cada um tem que ter livre arbítrio e ter sua própria decisão nas atitudes que devem ser tomadas na sociedade. A vida é feita de escolhas e cada um tem direito de escolhe-las. O ser humano tem se impor e fazer o que acha que é certo. (Vitória).

Cartunista, eu faria vários desenhos de como tudo começou. (Eliana).

A estudante Eliana reforçou o pensamento que faria charges independentemente dos resultados, posicionando-se, portanto, pela continuidade da produção de charges. Ela propõe produzir charges para historicizar a trajetória do Semanário *Charlie Hebdo* desde o seu início, posicionamento que pode gerar diálogos religiosos e sociais.

Na segunda aplicação do instrumental de investigação, as narrativas dos estudantes sobre a intolerância religiosa favoráveis aos terroristas aumentou (GRÁFICO n. 03, p. 89). Inicialmente pensávamos que após as oficinas de intervenção ocorreria no mínimo a escolha pela neutralidade diante do atentado, com explicações plausíveis. Porém vimos um aumento dos favoráveis ao atentado. Uma das explicações para essa postura, segundo análises realizadas durante a investigação, pode ser a identificação dos estudantes com a religião, de modo geral.

O pesquisador da UFPR, Muniz, retrata que é impensável para os islâmicos aceitarem de forma silenciosa caricaturizações de Maomé, trata-se de ofender e desmoralizar o que é sagrado. Para o autor é como se o semanário caricaturasse os islâmicos com a mesma roupagem e atitude, como se não tivessem linhas e perfis diferenciados dentro da religião islâmica. Os estudantes que optaram por serem terroristas também pensam assim. Eles apresentaram, portanto, uma atitude de estranhamento com os cartunistas do *Semanário Charlie Hebdo*, por se identificarem com o religioso que sofreu a afronta.

Podemos observar nas narrativas que se os estudantes estivessem presentes naquele momento matariam, como cita Felipe: “eu queria explodir as pessoas e poder matar as pessoas.”. O estudante apresentou uma atitude de alteridade no sentido de se colocar no lugar dos islâmicos e sua religião, sem contudo, colocarem-se no lugar dos cartunistas. Outra identificação dos estudantes pode ser por ambientes violentos que frequentam, onde a morte passou a ser natural. Quando a morte é banalizada, ela pode simbolizar a única via possível entre os indivíduos. As narrativas dos estudantes Felipe e Merly descrevem a opção pelo:

Queria ser o terrorista, porque eu queria explodir as pessoas e poder matar as pessoas. (Luis Felipe Gonçalves, I1).

Eu seria o terrorista, e mataria todo mundo mesmo pois achei uma falta de respeito, pois não podemos fazer esse tipo de coisa com religiões, se eu fosse um islâmico eu me sentiria muito ofendido. (Merly).

O terrorismo é a escolha contra os que não respeitam a religião do outro, em algumas narrativas dos estudantes a violência antecede qualquer possibilidade de diálogo. A estudante Cássia destaca que mataria em represália ao racismo e preconceito, alegando que tal questão justifica o terrorismo e destaca que o racismo prejudica a religião:

Um terrorista eu ia matar os cartonistas porque eles estavam com racismo (racismo?) contra os islâmicos eles estavam fazendo besteiras com eles tipo um racismo prejudicando a religião, eu acho uma falta de respeito. (Cássia).

Outra razão para que talvez os estudantes tenham se identificado com o terrorismo durante o atentado pode ser o sentimento de exclusão que muitos sentem do mundo social, identificando-se com o religioso como se isso resgatasse sua própria identidade, o que pode gerar fanatismo, fundamentalismo e razão para o terror. Muniz discute essa identificação dos excluídos em relação aos lugares separados na França para imigrantes, como estratégia de segregação e distanciamento:

Na França a extrema desigualdade socioeconômica faz com que os direitos dos incluídos não alcancem os excluídos, embora estes tenham o dever de respeitar os direitos daqueles. Esta tem sido a regra para os tolerantes moradores das ZUS<sup>13</sup>. Entretanto, nem todos os imigrantes conseguem suportar passivamente as continuadas injustiças. (MUNIZ, 2015, p. 252).

---

<sup>13</sup> Atlas des Zones Urbaines Sensibles, refere-se a mapeamento oficial realizado pelo governo francês. <http://sig.ville.gouv.fr/Atlas/ZUS/>. Acesso em: 03 abr. 2018.

#### ZONAS PROIBIDAS NA FRANÇA:

Zonas proibidas são bairros dominados por muçulmanos, inacessíveis a não-muçulmanos, devido a uma variedade de fatores, incluindo o desrespeito à lei e a insegurança que impregna muitas dessas regiões. As autoridades do país acolhedor perderam, de fato, o controle sobre muitas zonas proibidas e frequentemente são incapazes ou relutantes em fornecerem até ajuda estatal básica como policiamento, combate a incêndios e serviços de ambulância, por medo de serem atacadas por jovens muçulmanos. (KERN, 2015, s.p., on-line).

Muniz analisa a violência terrorista como consequência de o fato de imigrantes estarem confinados em lugares segregados, sofrendo abusos, retaliações e preconceitos, o que gera identificação dos imigrantes com a religião islâmica, principalmente no que diz respeito ao viés radical e terrorista, defendendo a bandeira dos islâmicos afrontados. Os estudantes, possivelmente por se identificarem com os excluídos de nossa sociedade, chegam a afirmar que optariam pelos terroristas em razão da nossa sociedade ser excludente, ou pelos cartunistas terem difamado, agredido, insultado e desrespeitado tantas religiões, nesse momento eles incluem as suas crenças, como se os terroristas tivessem feito com eles mesmos, alteridade pela causa religiosa:

Ficava do lado dos terroristas porque não havia necessidade dos cartunistas fazer estas coisas pesadas com a religião e acho que os cartunistas teriam que respeitar mais todas as religiões. (Rafael).

Os estudantes optarem por serem os terroristas evidenciou serem coniventes com os terroristas, defendendo seus preceitos ainda que fossem violentos. Como comenta Muniz: “Os assassinatos não aumentam a força dos mais fracos, nem melhoram a vida deles, mas impõe medo ao outro lado - ao poder.” (MUNIZ, 2015, p. 273). A alternativa de amedrontar o outro para obter respeito parece ser comum aos estudantes. Muniz diz ainda que o terror praticado pelos islâmicos fundamentalistas contra os cartunistas seria também um aviso a outros xenofóbicos que estão na França, gerando medo de se manifestarem.

Na segunda aplicação do *instrumental de investigação*, somente a estudante Ely optou pela neutralidade. Seus argumentos parecem com os de Muniz, quando o mesmo apresenta a necessidade de sermos tolerantes com o pensamento religioso do outro. Ely por sua vez declara:

Nenhum dos dois. Ninguém merece morrer, e ninguém merece ser oprimido e ser alvo de preconceito. (Ely).

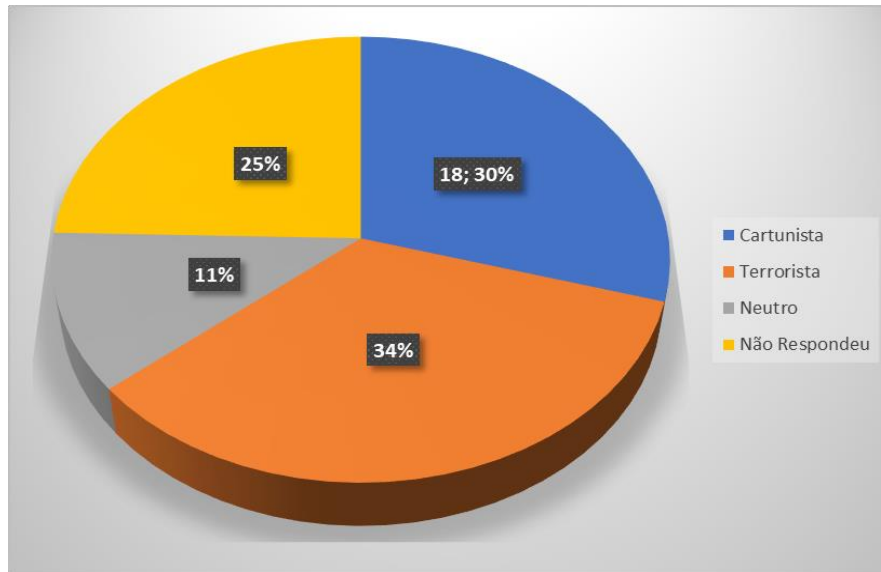
Não é a religião que nos leva a respeitar, identificar, interagir com o outro, mas a solidariedade a interculturalidade, todavia o que presenciamos no momento é uma sociedade segregada que não intenciona ser intercultural. Ely não se alia a nenhuma das possibilidades por não admitir o preconceito, mortes, opressões, independentemente da religião, etnia, nacionalidade. Percebemos nessa neutralidade declarada que a estudante apresenta uma consciência crítica diante de uma proposta dualista de ser cartunista ou terrorista. A estudante

não aceita, ela se diz neutra porque a vida deve ser preservada, independente das diferenças entre as pessoas.

O gráfico a seguir apresenta a participação dos estudantes na investigação no primeiro e no segundo momento, com o objetivo de fazer comparações quando verificamos uma diminuição mínima no número dos favoráveis aos terroristas. Os estudantes optam pela violência mesmo após a participação em oficinas de intervenção, em que foram feitas críticas, e questionamentos. Evelyn conseguiu avançar do ponto de vista da consciência histórica e não se posicionar de forma dualista, argumentou criticamente por uma neutralidade intercultural.

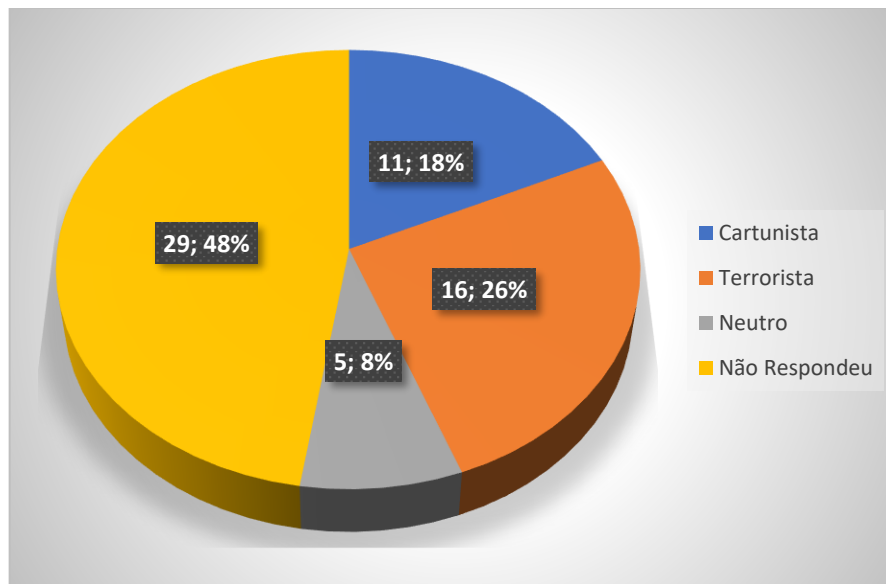
Apresentamos o gráfico dos dois momentos da investigação, demonstrando as diferenças percentuais dos resultados do *instrumental de investigação* (ANEXO A, p.65-67) aplicado em 2015 e 2017, com o objetivo de realizarmos a comparação e analisar se houve alterações na consciência histórica dos estudantes. Houve uma diminuição dos estudantes favoráveis ao terrorismo, onde diminuiu praticamente pela metade, demonstrando possivelmente uma mudança na consciência histórica dos estudantes através das intervenções. Percebemos diminuição dos neutros, onde poderia ter apresentado um aumento por ser uma postura mais consciente e crítica diante de uma questão tão dualista, que demonstra parcialidade. Houve o aumento dos que não responderam devido ao número de desistentes ou por existir alguns estudantes faltosos. Ocorreu uma diminuição dos optantes pelos cartunistas apresentando ainda preferência pelos terroristas, portanto achamos necessário realizar nova investigação com novo instrumental (ANEXO B, p.68) para observar possíveis avanços, o que veremos a seguir.

Gráfico 2: PARTICIPAÇÃO NO ATENTADO DO *SEMANÁRIO CHARLIE HEBDO* – 07 de janeiro de 2015. Categorias: terrorista, cartunista, neutro, não respondeu. Data da aplicação: 22 setembro de 2015.



Fonte: Narrativas do *instrumental de investigação* (ANEXO A, p. 65-67).

Gráfico nº. 3: Participação no atentado do *Semanário Charlie Hebdo* ,07 de janeiro de 2015. Categorias:terrorista, cartunista, neutro, não respondeu. Realização: 22 de agosto de 2017.



Fonte: Narrativas do *instrumental de investigação* (ANEXO A, p.65-67).

#### 4.3. Análise de narrativas dos estudantes em avaliação sobre o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*

Após as narrativas dos estudantes a respeito do atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, através do *instrumental de investigação* (ANEXO A, p. 65-67), refletimos sobre a necessidade de redirecionarmos a questão sobre o atentado e a intolerância e realizarmos uma avaliação escrita com os estudantes contendo 3 questões (ANEXO B, p. 68) sobre o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo* e a intolerância religiosa. Nesta avaliação as narrativas dos estudantes foram mais elaboradas e foi possível perceber consciência histórica mais avançada do que nas narrativas apresentadas na aplicação do *instrumental de investigação* em 2015 e 2017. As perguntas elaboradas pelos pesquisadores oportunizaram a possibilidade de maior reflexão e interpretação da intolerância religiosa, da religiosidade, xenofobia, segregação, entre outros. Percebemos então que seria preciso abordar o acontecimento de forma crítica e não dualista.

Érica Moraes questiona a possibilidade de termos uma atitude dualista ao optarmos em sermos Charlie ou não, discutindo existir apenas dois lados, ser Charlie contrário ao terrorismo: ou ser a favor dos muçulmanos justificando os atos terroristas. Por mais que a pergunta do *instrumental de investigação* pareça suscitar uma parcialidade, percebemos que precisaríamos modificar a interrogação para não conduzirmos os estudantes a uma resposta. Contudo concordamos com Moraes, não se trata de ser terrorista ou cartunista, e sim avaliar a situação com olhar intercultural. Observemos o que Érica Moraes pensa sobre o texto: ‘Je suis Charlie’:

Assim, o texto busca argumentar que a adesão à frase ‘Je suis Charlie’ carrega o perigo de confundir-se com um discurso xenofobista contra muçulmanos de maneira geral. Então, posiciona-se: ‘Por isso tudo, apesar de lamentar e repudiar o ato bárbaro do atentado, eu não sou Charlie. Je ne suis pas Charlie’. Dado seu caráter polêmico, tal texto foi comentado e contestado por outros, quase sempre fazendo parecer que existem apenas dois lados: ser Charlie e contrário ao terrorismo; ou ser a favor dos muçulmanos em geral e justificar os atos terroristas como resposta à ofensa. (MORAES, 2016, p. 796).

O pensamento de Moraes (2016) sobre os perigos do dualismo como indagado no primeiro *instrumental de investigação*: (ANEXO: A, p. 67-69), anuncia que os cartunistas foram retratados pela imprensa ocidental como chacinados a disparos que feriram a liberdade de expressão como destaca Muniz (2015, p. 254). Porém parecer natural discutir o tema

somente pela ordem da liberdade, democracia e religião, que elimina a possibilidade de discutirmos as questões que envolvem os atiradores, ditos islâmicos radicais.

Os resultados das narrativas do segundo momento do *instrumental de investigação*, justificou repensarmos a pergunta e realizarmos outra indagação através de uma avaliação trimestral encontrada em anexo. (ANEXO B, p.68).

*No dia 07 de janeiro de 2015, ocorreu em Paris na França o atentado ao Semanário Charlie Hebdo, observe as charges do semanário, e explique as seguintes sentenças:*

- a) Motivo de as charges serem ofensivas a Religião Islâmica.*
- b) Explique o que é Intolerância Religiosa em nossa sociedade hoje.*

A pergunta “a”, *motivo de as charges serem ofensivas a Religião Islâmica?* A questão aprofunda a discussão a respeito da intolerância e desperta nos estudantes a necessidade de refletirem não somente sobre ser terrorista ou cartunista, mas de se posicionarem diante do inaceitável, independente do lugar que parta. Os estudantes perceberam de forma simples a gravidade e o desenrolar de atitudes xenofóbicas, anti-imigrantes, etnocêntricas, desencadeando conflitos em dimensão extensa no mundo. Como afirma Muniz:

Podem-se empregar adjetivos e advérbios à vontade para repudiar o ataque ao Charlie Hebdo. As qualificações do inaceitável não atenuarão a extensão do mal desencadeado. Quando a ordem social é quebrada porque os discordantes desistem dos meios legais de manifestação, passando a julgar sem permitir defesa e matar sem receio de morrer, a insegurança contamina a sociedade. Então, é como se a guerra de todos contra todos fosse real, e a morte violenta espreitasse o dia a dia de qualquer cidadão. O terror estende a violência social dissimulada, sofrida pela fração rejeitada da população, a todos os franceses. (MUNIZ, 2015, 273).

A estudante, Ely não questiona a brutalidade do ato terrorista, porém destaca o desrespeito, a intolerância dos cartunistas em relação a islâmicos que professam uma religião diferente das professadas em seu território. Destaca que os cartunistas incitarem a violência, quando desrespeitaram os religiosos, produzindo uma charge que apresenta um cartunista beijando Maomé, sendo que no Islamismo é proibido produzir imagens de seu profeta. A estudante como o estudante Lucas que as charges foram ofensivas a religião Islâmica, afirmando que:

As charges são ofensivas por que desrespeitam a religião. (Lucas).

Os cartunistas fizeram uma charge em que um homem da religião islâmica beijava outro homem. Eram ofensivas a religião, por colocarem coisas ao contrário dessa religião. (Ely).

Ely narra de forma coerente que as charges feriam os princípios dos direitos humanos dando lugar à barbárie. Sua narrativa indiretamente agrega-se ao texto de Muniz quanto ao ato de ofender as crenças do outro, insuflando guerra aos imigrantes islâmicos. Vitória, André e Merly nas narrativas citadas abaixo destacam o afrontamento dos chargistas aos seguidores do Islamismo, pois desenham e desdenham de Maomé ferindo os princípios religiosos. Porém os estudantes não abordam as razões das charges do *Semanário Charlie Hebdo* ofenderem a religião islâmica, afirmaram somente que ofendeu, as consequências e não as razões.

Essa imagens estão ‘curtindo com a religião’ tipo mostra esses mulçumano beijando o escritor e dentre outras coisas, é uma falta de respeito. (Merly).

Porque é interpretada por mulçumanos como uma mensagem de que Alá não pode ser retratado em uma imagem feita por mãos humanas, sob sua beleza e grandeza. Daí uma crença islâmica que que imagens levam à idolatria, no sentido de que uma imagem, e não o ser divino que ele representa, passa a ser objeto de adoração e veneração. (Vitória).

Como na Europa teve muito ataques Charlie Hebdo quis provocar a Religião Islâmica com charges para cima de Maomé. (André).

O estudante Kaio conseguiu introduzir os motivos das ofensas quando afirma que as charges sobre o Islamismo atacam a vida, principalmente a dos seguidores do Islamismo, portanto apresentou mudanças na consciência histórica, com uma reflexão ampliada sobre o tema. Diferentemente do Kaio a estudante Eliana já desqualifica as charges que foram provocativas do atentado de não serem de caráter religioso, apresentando uma consciência histórica quase que elementar, designando as mesmas de pornográficas e não infantis o que é correto, mas não analisa. Vejamos as narrativas:

Porque as charges ‘tocam profundamente na vida’ Do islamismo atacando seus ponto fraco. (Kaio).

São críticas, umas pornográfica, não são infantis, e não é de religião alguma. (Eliana).

A maioria dos estudantes que participaram da investigação demonstrou repúdio a charges contra os islâmicos, devido à intolerância às expressões religiosas de imigrantes na França, considerando inadmissível as afrontas. Os estudantes concordam com Melo quanto ao acirramento dos conflitos quando os chargistas optam por produzir charges para pronunciar pensamentos antirreligiosos. Melo lembra que isso impossibilita a hegemonia em uma França multicultural: “Ao omitir-se de discussões mais aprofundadas e que perpassam o tema, as charges legitimam indiretamente a desigualdade social e reforçam o preconceito que existe contra o muçumano e a religião Islâmica, [...]” (2016, p. 130). As charges acirram os conflitos e inviabilizam qualquer possibilidade de diálogo e interculturalidade. Melo discute que os chargistas não puderam dimensionar as consequências desses atos, porém os estudantes não realizam esse tipo de análise, só discutiram rasamente consequências das charges, sem refletiram sobre os motivos das mesmas.

Ao analisarmos as narrativas dos estudantes, verificamos que os mesmos leem os livros didáticos de história como se estivessem lendo uma história real, sem duvidarem, questionarem, contudo reprodução dos fatos, partem de um lugar ideológico. Quando trabalhamos com educação histórica é possível revelar interpretações dos estudantes que vão além do esperado ou do construído historicamente. Na educação histórica o estudante não é um mero ouvinte, é interprete, investigador e, portanto, construtor do olhar crítico sobre o tempo histórico e seus desdobramentos, avançando na sua consciência histórica, deixando as interpretações ideológicas.

A questão “b”, trata da questão da intolerância religiosa em nossa sociedade hoje como é visto. Explique o que é Intolerância Religiosa em nossa sociedade hoje? Em suas narrativas os estudantes apresentaram os perigos da intolerância religiosa para nossa sociedade, apresentando conceitos importantes sobre o tema, como também o respeito as crenças do outro.

A intolerância é quando a pessoas não tolera nenhum tipo de religião. Ex Charlie Hebdo é um cara que acha qualquer tipo de religião não preta para ser seguida. (Kaio).

A nossa sociedade hoje nós não aceitamos religiões de outros grupos de religiões diferentes. (Felipe).

Eu não sei muito o que é Intolerância Religiosa, mais eu acho que é cada um tem o seu gosto de ir para a Igreja e ter o significado de cada igreja. (André).

Os estudantes acima apresentam opiniões diferentes, mas que tem questões afins, como não aceitar religiões ou outras religiões a não ser a sua religião ou descrença, porém apresentam escolhas que observam na sociedade sem necessariamente falar das suas escolhas, mas apresentam opiniões de uma sociedade intolerante. As estudantes Ely, Vitória, Merly e Eliana desenvolveram a ideia de que intolerância religiosa é o não respeito a diversidade religiosa, a imposição de religiões sobre professantes de outros grupos não aceitando a religião do outro.

Intolerância religiosa é quando uma pessoa não aceita a religião da outra, e luta contra a diversidade religiosa, achando que só uma é certa e que todos deveriam segui-la. (Ely).

Não saber aceitar a religião de cada pessoa e afrontar as ideias ou cada religião que são estudadas e praticadas por pessoas religiosas. (Vitória).

É você não suportar falarem daquela religião, você fica preso so a sua cultura e não conhece coisas novas, e fica odiando uma coisa que não conhece. (Merly).

É a discriminação contra as pessoas e grupos que têm diferentes crenças ou religiões, e é marcado principalmente pelas atitudes agressivas e ofensivas. (Eliana).

Os estudantes apresentaram os perigos da intolerância religiosa para o ser humano, que cria divergências impedindo a construção de uma identidade religiosa intercultural. A narrativa da Merly indica a necessidade de os indivíduos conhecerem outros grupos religiosos e a especificidade de cada grupo, como suas doutrinas e crenças. Merly propõe desenvolvermos tolerância, mas principalmente a interculturalidade. Quando adentramos o mundo do outro em sua religiosidade deixamos de ser preconceituosos e passamos a desenvolver proximidade. A perspectiva da estudante aponta para o desenvolvimento da consciência genética, pois destaca não somente a orientação temporal, mas a mudança e transformação da sociedade presente e consequentemente futura, através da reorientação e reinterpretação dos estudos históricos acerca da religião.

## ANEXO C:

Oficina de intervenção: textos sobre religião

ESCOLA PESQUISADA

GOIÂNIA, \_\_\_\_\_

HISTÓRIA - PROFESSORA ENELICE MILHOMEM JACOBINA TEIXEIRA

NOME COMPLETO: \_\_\_\_\_

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

LEIA O TEXTO, MARQUE AS PARTES IMPORTANTES E PARTICIPE DA DISCUSSÃO EM GRUPO:

TEXTO 1: O PROTESTANTISMO E A REFORMA CATÓLICA (1517-1563)

No Brasil atual, todos podemos escolher qual religião desejamos seguir. Podemos também seguir mais de uma religião ou preferir não adotar nenhuma.

Na Europa ocidental do século XV não havia essa liberdade. Todos eram obrigados a ser católicos. Aqueles que participavam de outras religiões ou que, mesmo sendo católicos, praticavam cultos diferentes daqueles definidos pela igreja, podiam ser condenados à morte.

Essa situação mudou no início do século XVI. A Igreja católica continuou existindo, mas passou por reformas internas. Algumas delas deram origem a outras religiões cristãs, chamadas de protestantes, fazendo com que o catolicismo deixasse de ser a única religião permitida na Europa ocidental.

TEXTO RETIRADO DO LIVRO:

CARDOSO, Oldimar. Leituras da História, 7º. Ano – 1ª. Ed. – São Paulo: Escala Educacional, 2012 – LEITURAS DA HISTÓRIA. Pag. 28 (TEIXEIRA, 2017, p. 1)

TEXTO 2: CORRUPÇÃO NA IGREJA (REFORMA CATÓLICA 1517 – 1563).

Na Europa do início do século XVI, a Igreja católica tinha grande poder e influência sobre a vida das pessoas. Como a Bíblia só existia em latim – língua que a maior parte da população não entendia – os textos bíblicos eram sempre explicados pelos membros do clero (...). Mas nem todas as pessoas aceitavam sem crítica os ensinamentos da Igreja. E muitos questionavam o comportamento dos padres e do papa, alegando que a Igreja se desviara de seus princípios originais e vivia envolvida em situações comprometedoras... De fato, eram frequentes os casos de NEPOSTISMO [...] e muitos padres tinham filhos, embora fosse obrigado a manter a castidade... Além disso, os religiosos pareciam mais preocupados em acumular riquezas do que em divulgar os ensinamentos de Cristo.” (CARDOSO, 2012, p. 30)

TEXTO 3: CONFLITOS E A REFORMA CATÓLICA.

O surgimento de novas religiões na Europa não aconteceu de forma pacífica. Na França, por exemplo, os protestantes foram vítimas de intensa perseguição por parte dos católicos. Isso provocou guerras entre os seguidores das duas crenças. Em um dos confrontos mais graves, 3 mil huguenotes foram assassinados por católicos na noite de 24 de agosto de 1572, conhecida como Noite de São Bartolomeu. Para escapar da perseguição muitos protestantes deixaram seus países de origem e decidiram se estabelecer na América. Alguns deles rumaram para a América portuguesa, onde estabeleceram a França Antártica (no atual Rio de Janeiro) e a França Equinocial (no atual Maranhão).

Em relação a esses conflitos, no século XVI, a Igreja católica empreendeu certas reformas para alterar ou reforçar seus valores com o objetivo de evitar novas dissidências.

Em 1540, o papa Paulo III autorizou as atividades da Companhia de Jesus uma nova ordem religiosa fundada por Inácio de Loyola ainda em 1534. Seus membros, os jesuítas, tinham como principal missão converter ao cristianismo os habitantes da América, da Ásia e da África, bem como administrar escolas conforme as orientações da reforma católica.

O papa Paulo III também convocou um grupo de religiosos para rever e formalizar as doutrinas da Igreja. Esse grupo, reunido em 1545, ficou conhecido como Concílio de Trento. Até 1563, com várias interrupções, o Concílio promoveu uma série de modificações na estrutura da Igreja católica. Entre outras reformas, estabeleceu a criação de seminários para a formação dos futuros sacerdotes, criou o catecismo (uma apresentação simplificada das crenças católicas), fortaleceu a Inquisição para combater as heresias, e instituiu o Index Prohibitorum – uma lista de livros proibidos aos católicos que só foi oficialmente extinta em 1965 pelo papa Paulo VI. (CARDOSO, 2012, p. 32)

#### TEXTO 4: A FORMAÇÃO DE PORTUGAL E DA ESPANHA (1139 – 1492)

Na península Ibérica existem hoje dois países (Portugal e Espanha) onde a população é principalmente cristã. Mas nem sempre foi assim. Em 711, povos vindos do norte da África invadiram a península Ibérica e derrotaram o rei visigodo Rodrigo. Esses povos, na época chamados de forma genérica pelos europeus de mouros, eram muçulmanos de língua árabe [...]. Permaneceram na região por quase oito séculos, exercendo grande influência sobre a Cultura local. (CARDOSO, 2012, p. 50).

#### 5º. TEXTO: EUROPEUS, AFRICANOS E ASIÁTICOS.

Com a descoberta de um caminho marítimo para a Ásia intensificou os contatos entre os europeus e alguns povos africanos e asiático. Ao conhecer essas sociedades, muitas vezes os europeus se surpreendiam. Em 1510, por exemplo, os portugueses conquistaram a cidade de Goa, na costa oeste da Índia, e aí instalaram uma feitoria. Na ocasião, um marinheiro português fez a seguinte observação: ‘Estamos convencidos de que somos os homens mais astutos que se pode encontra, e o povo aqui nos ultrapassa em tudo [...]. Essa declaração demonstra o sentimento de superioridade dos europeus sendo desfeito pela realidade que encontraram na Ásia do século XVI. (CARDOSO, 2012, p. 86)

## ANEXO D:

Oficina de intervenção: o que é charge

### Gênero Textual Charge

A charge é um gênero jornalístico que se utiliza da imagem para expressar à coletividade o posicionamento editorial do veículo. É uma crítica carregada de ironia e que reflete situações do cotidiano.

O termo charge é oriundo do francês *charge* e que significa carga, exagero e ataque violento. As charges retratam situações da atualidade.



Charge do Jornal, O Pasquim sobre o Brasil na Copa de 1982

Por meio da charge, o leitor tem a capacidade de compreender a dinâmica de acontecimentos ocorridos em todo o mundo. O chargista, como é chamado o profissional que desenha charges, precisa estar inteiramente familiarizado com os assuntos jornalísticos para conseguir retratar e transmitir a mensagem em um único quadro de elementos gráficos.

#### Características da Charge

Retrata a atualidade;

É usada em uma notícia que retrata um fato social ou político de relevância;

Se origina na notícia jornalística;

Reflete na imagem o posicionamento editorial do veículo;

A charge também pode ser chamada de texto visual em que utiliza o humor ao mesmo tempo em que critica;

Como se alimenta da novidade, é tida como uma narrativa efêmera;

Caso não venha acompanhada de uma notícia, pode não ser compreendida pelo leitor.

#### Charge Política

Por ser íntima da atualidade, a charge é amplamente utilizada no debate jornalístico que trata da política. É praticamente obrigatório aos jornais destinarem um espaço exclusivo à postagem de charges.

### Pasquim

E, no Brasil, não seria diferente. Entre os exemplos icônicos do uso da charge na política está a publicação O Pasquim, semanário que circulou entre 1969 e 1991. Durante o período de ditadura militar no Brasil, o Pasquim fez ácidas críticas ao regime e, nos anos 70, parte da redação foi presa.



Charge de o Pasquim sobre a Ditadura Militar

### Charlie Hebdo

O Charlie Hebdo é uma publicação semanal francesa fundada em 1960 e que usa a sátira para criticar as religiões - principalmente o catolicismo, o judaísmo e islamismo – e o Partido Comunista Francês.

É polêmico e, o descontentamento em relação ao material que produz teria motivado, em janeiro de 2015, um ataque de conotações terroristas em que 12 pessoas foram assassinadas. O crime seria uma resposta a uma charge usada como sátira ao profeta Maomé.

Hoje, o Charlie Hebdo está no centro do debate da liberdade de expressão à imprensa. Esse conceito, na França, é apontado como indiscutível, colocando veículos e jornalistas na posição de responderem sobre seus atos, mas nunca como alvo de censura.

### Cartum

O cartum é um gênero jornalístico de opinião e análise que pode usado como crítica. Entre suas características está a sátira e o humor. É utilizado por todos os veículos que se utilizam da ilustração para transmitir informação: os jornais, as revistas e a internet.

Como se utiliza da crítica, o cartum é, por vezes, mordaz ao expor os hábitos e comportamentos humanos.

### Diferença entre Charge e Cartum

O elemento de tempo é a principal diferença entre charge e cartum. Enquanto a charge retrata situações atuais embasadas em notícias, o cartum é utilizado para criticar e satirizar situações atemporais.

Por: Daniela Diana

Professora licenciada em Letras - <https://www.todamateria.com.br/genero-textual-charge/>.

Acesso em: 16 mar. 2018.

## ANEXO E:

Oficina de intervenção: conceitos e análise do atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*

ESCOLA PESQUISADA  
 GOIÂNIA \_\_\_\_\_ DE \_\_\_\_\_  
 HISTÓRIA - PROFESSORA ENELICE MILHOMEM JACOBINA TEIXEIRA  
 ATIVIDADE: LEIA O TEXTO, MARQUE AS FRASES QUE ACHAR IMPORTANTE E  
 COMPARTILHE-AS COM SEUS COLEGAS:  
JORNAL ON LINE:

OPINIÃO: Charlie Hebdo: uma reflexão difícil

AUTOR: Boaventura Souza Santos

Não estamos perante um choque de civilizações, até porque a cristã tem as mesmas raízes que a islâmica. Estamos perante um choque de fanatismos, mesmo que alguns deles não apareçam como tal por nos serem mais próximos.

14 de janeiro de 2015, 5:19

Disponível em: <https://www.publico.pt/2015/01/14/mundo/noticia/charlie-hebdo-uma-reflexao-dificil-1681949>. Acesso em: 24.05.2017

O crime hediondo que foi cometido contra os jornalistas e cartunistas do Charlie Hebdo torna muito difícil uma análise serena do que está envolvido neste ato bárbaro, do seu contexto e seus precedentes e do seu impacto e repercussões futuras. No entanto, esta análise é urgente, sob pena de continuarmos a atear um fogo que amanhã pode atingir as nossas consciências. Eis algumas das pistas para tal análise.

A luta contra o terrorismo, tortura e democracia

. Não se podem estabelecer ligações diretas entre a tragédia do Charlie Hebdo e a luta contra o terrorismo que os EUA e seus aliados têm vindo a travar desde o 11 de setembro de 2001. Mas é sabido que a extrema agressividade do Ocidente tem causado a morte de muitos milhares de civis inocentes (quase todos muçulmanos) e tem sujeitado a níveis de tortura de uma violência inacreditável jovens muçulmanos contra os quais as suspeitas são meramente especulativas, como consta do recente relatório presente ao Congresso norte-americano. E é sabido que muitos jovens islâmicos radicais declaram que a sua radicalização nasceu da revolta contra tanta violência impune. Perante isto, devemos refletir se o caminho para travar a espiral de violência é continuar a seguir as mesmas políticas que a têm alimentado como é agora demasiado patente. A resposta francesa ao ataque mostra que a normalidade constitucional democrática está suspensa e que um estado de sítio não declarado está em vigor, que os criminosos deste tipo, em vez de presos e julgados, devem ser abatidos, que este facto não representa aparentemente nenhuma contradição com os valores ocidentais. Entramos num clima de guerra civil de baixa intensidade. Quem ganha com ela? Certamente não o partido Podemos em Espanha ou o Syriza na Grécia.

## A liberdade de expressão.

É um bem precioso, mas tem limites, e a verdade é que a esmagadora maioria deles são impostos por aqueles que defendem a liberdade sem limites sempre que é a "sua" liberdade a sofrê-los. Exemplos de limites são imensos: se em Inglaterra um manifestante disser que David Cameron tem sangue nas mãos, pode ser preso; na França, as mulheres islâmicas não podem usar o hijab; em 2008 o cartunista Maurice Siné foi despedido do Charlie Hebdo por ter escrito uma crónica alegadamente antissemita. Isto significa que os limites existem, mas são diferentes para diferentes grupos de interesse. Por exemplo, na América Latina, os grandes media, controlados por famílias oligárquicas e pelo grande capital, são os que mais clamam pela liberdade de expressão sem limites para insultar os governos progressistas e ocultar tudo o que de bom estes governos têm feito pelo bem-estar dos mais pobres. Aparentemente, o Charlie Hebdo não reconhecia limites para insultar 9os muçulmanos, mesmo que muitos dos cartoons fossem propaganda racista e alimentassem a onda islamofóbica e anti-imigrante que avassala a França e a Europa em geral. Para além de muitos cartoons com o Profeta em poses pornográficas, um deles, bem aproveitado pela extrema-direita, mostrava um conjunto de mulheres muçulmanas grávidas, apresentadas como escravas sexuais do Boko Haram, que, apontando para a barriga, pediam que não lhes fosse retirado o apoio social à gravidez. De um golpe, estigmatizava-se o islão, as mulheres e o Estado social. Ao longo dos anos, a maior comunidade islâmica da Europa foi-se sentindo ofendida por esta linha editorial, mas igualmente foi pronta no seu repúdio deste crime bárbaro. Devemos, pois, refletir sobre as contradições e assimetrias na vida vivida dos valores que cremos serem universais.

## Tolerância e "valores ocidentais".

O contexto em que o crime ocorreu é dominado por duas correntes de opinião, nenhuma delas favorável à construção de uma Europa inclusiva e intercultural. A mais radical é frontalmente islamofóbica e anti-imigrante. É a linha dura da extrema-direita em toda a Europa e da direita, sempre que se vê ameaçada por eleições próximas (o caso de Antonis Samara na Grécia). Para esta corrente, os inimigos da nossa civilização estão entre nós, odeiam-nos, têm os nossos passaportes, e a situação só se resolve vendo-nos nós livresmos deles. A outra corrente é a da tolerância. Estas populações são muito distintas de nós, são um fardo, mas temos de as "aguentar", até porque nos são úteis; no entanto, só o devemos fazer se elas forem moderadas e assimilarem os nossos valores. Mas o que são os "valores ocidentais"? Depois de muitos séculos de atrocidades cometidas em nome deles dentro e fora da Europa – da violência colonial às duas guerras mundiais –, exige-se algum cuidado e muita reflexão sobre o que são esses valores e por que razão, consoante os contextos, ora se afirmam uns ora se afirmam outros. Por exemplo, ninguém põe hoje em causa o valor da liberdade, mas já o mesmo não se pode dizer dos valores da igualdade e da fraternidade. Ora, foram estes dois valores que fundaram o Estado social de bem-estar que dominou a Europa democrática depois de Segunda Guerra Mundial. No entanto, nos últimos anos, a proteção social, que garantia níveis mais altos de integração social, começou a ser posta em causa pelos políticos conservadores e é hoje concebida como um luxo inacessível para os partidos do chamado "arco da governabilidade". A crise social causada pela erosão da proteção social e pelo aumento do desemprego, sobretudo entre jovens, não será lenha para o fogo do radicalismo por parte dos jovens que, além do desemprego, sofrem a discriminação étnico-religiosa?

## O choque de fanatismos, não de civilizações

. Não estamos perante um choque de civilizações, até porque a cristã tem as mesmas raízes que a islâmica. Estamos perante um choque de fanatismos, mesmo que alguns deles não apareçam como tal por nos serem mais próximos. A história mostra como muitos dos fanatismos e seus choques estiveram relacionados com interesses económicos e políticos que, aliás, nunca beneficiaram os que mais sofreram com tais fanatismos. Na Europa e suas áreas de influência é o caso das cruzadas, da Inquisição, da evangelização das populações coloniais, das guerras religiosas e da Irlanda do Norte. Fora da Europa, uma religião tão pacífica como o budismo legitimou o massacre de muitos milhares de membros da minoria tamil do Sri Lanka; do mesmo modo, os fundamentalistas hindus massacraram as populações muçulmanas de Gujarat em 2003; é também em nome da religião que Israel continua a impune limpeza étnica da Palestina e que o chamado Emirado Islâmico massacra populações muçulmanas na Síria e no Iraque. Várias perguntas sem resposta por agora. A defesa da laicidade sem limites numa Europa intercultural, onde muitas populações não se reconhecem em tal valor, será afinal uma forma de extremismo? Os diferentes extremismos opõem-se ou articulam-se? Quais as relações entre os jihadistas e os serviços secretos ocidentais? Por que é que os jihadistas do Emirado Islâmico, que são agora terroristas, eram combatentes de liberdade quando lutavam contra Kadhafi e contra Assad? Como se explica que o Emirado Islâmico seja financiado pela Arábia Saudita, Qatar, Kuwait e Turquia, todos aliados do Ocidente? Uma coisa é certa, pelo menos na última década, a esmagadora maioria das vítimas de todos os fanatismos (incluindo o islâmico) são populações muçulmanas não fanáticas.

O valor da vida.

A repulsa total que sentimos perante estas mortes deve-nos fazer pensar por que razão não sentimos a mesma repulsa perante um número igual ou muito superior de mortes inocentes em resultado de conflitos que, no fundo, talvez tenham algo a ver com a tragédia do Charlie Hebdo. No mesmo dia, 37 jovens foram mortos no Iémen num atentado bombista. No verão passado, a invasão israelita causou a morte de 2000 palestinianos, dos quais cerca de 1500 civis e 500 crianças. No México, desde 2000, foram assassinados 102 jornalistas por defenderem a liberdade de imprensa e, em novembro de 2014, 43 jovens, em Ayotzinapa. Certamente que a diferença na nossa reação não pode estar baseada na ideia de que a vida de europeus brancos, de cultura cristã, vale mais que a vida de não europeus ou de europeus de outras cores e de culturas assentes noutras religiões. Será então porque estes últimos estão mais longe de nós ou conhecemo-los pior? Será porque os grande media e os líderes políticos do Ocidente trivializam o sofrimento causado a esses outros, quando não os demonizam ao ponto de nos fazerem pensar que eles não merecem outra coisa?

Diretor do Centro de Estudos Sociais, Laboratório Associado, da Universidade de Coimbra

## ANEXO F

Oficina de intervenção: análise dos atentados terroristas na Europa pós 2004

HISTÓRIA – Profa. Enelice Milhomem Jacobina Teixeira

ALUNO: \_\_\_\_\_

ATIVIDADE: Leia o texto sobre os atentados na Europa desde 2004 e comente com seus colegas.

ARTIGO: Relembre os últimos atentados terroristas da Europa

27/07/2016 às 19h28 - Atualizada em 27/07/2016 às 19h31

Desde de 2004, foram 13 os ataques terroristas no continente

Agência ANSA

#### PUBLICIDADE

Em menos de uma semana, a Europa foi palco de três preocupantes atentados, um em um shopping de Munique, na Alemanha, na última sexta-feira (22), outro na cidade de Ansbach, também no mesmo país, no domingo passado (24) e o terceiro na pequena Saint-Etienne-du-Rouvray, na França, na terça-feira (26).

Esses ataques preocupam os mandatários e outras autoridades do continente, que estão em alerta para possíveis atos terroristas futuros, mas representam apenas alguns dos vários atentados que levaram terror aos europeus nos últimos anos.

Por isso, relembre os ataques mais marcantes da história recente da Europa:

Ataque no metrô de Madri de 2004 - Na manhã do dia 11 de março de 2004, um atentado à bomba matou 191 pessoas e deixou mais de 1,5 mil feridos em Madri, na Espanha. Primeiro, três bombas explodiram em um dos vagões do trem parado na estação de Atocha.

Logo em seguida, outras quatro bombas explodiram nas estações El Pozo de Tío Raimundo e Santa Eugenia e mais quatro, na rua Téllez, a cerca de 500 metros de Atocha. As investigações do caso descobriram que o atentado foi realizado por uma célula terrorista do grupo jihadista Al Qaeda.

Ataque ao metrô de Londres de 2005 - Na manhã do dia 7 de julho de 2005, quatro homens-bombas se suicidaram em Londres matando 52 pessoas e ferindo outras dezenas.

Os ataques aconteceram nas estações de metrô Aldgate, Edgware Road e Russell Square e em um ônibus de dois andares. Os atos foram reivindicados pelo grupo terrorista Al Qaeda.

Ataque em escola judia de Toulouse de 2012 - No dia 19 de março de 2012, um homem de origem argelina abriu fogo contra a escola judia Ozar Hatorah, localizada na cidade de Toulouse, na França, matando um adulto e três crianças.

O ataque aconteceu cerca de uma semana depois do mesmo homem ter usado a mesma arma para assassinar três policiais franceses. O atirador foi morto pelas autoridades responsáveis.

Ataque a museu judaico em Bruxelas de 2014 - No dia 24 de maio de 2014, um homem matou quatro pessoas com um fuzil kalashnikov no Museu Judaico de Bruxelas, na Bélgica.

O atirador foi detido em Marselha, na França, seis dias após o atentado e extraditado para a Bélgica. De acordo com a imprensa local, acredita-se que o homem, de origem árabe, teria ido para a Síria em 2013 para lutar ao lado de jihadistas.

Ataque ao jornal "Charlie Hebdo" - No dia 7 de janeiro de 2014, os irmãos Said e Chérif Kouachi, armados com metralhadoras, invadiram a sede do jornal satírico "Charlie Hebdo", em Paris, já alvo de ameaças por suas charges ofensivas a Maomé, e mataram 12 pessoas, entre elas alguns cartunistas da publicação e um segurança.

Além disso, um atirador matou uma policial no dia seguinte e, dois dias depois do ataque, um outro homem foi a um mercado kosher e matou mais quatro fregueses e um policial na troca de tiros. Nos três dias de tensão, foram 18 as pessoas mortas, sem contar os terroristas, que foram "abatidos".

Ataque em café em Copenhague - Um homem "de características árabes" abriu fogo contra um café em Copenhague, na Dinamarca, que estava sediando um simpósio sobre liberdade de expressão do artista Lark Vilks, que fez uma charge na qual Maomé é um cachorro. O ato matou o cineasta Finn Nørgaard e feriu outras três pessoas.

No mesmo fim de semana, o atirador ainda matou um senhor que vigiava uma sinagoga e feriu mais três pessoas. A polícia dinamarquesa afirmou que o homem foi "abatido".

Ataques em Paris - Na noite do dia 13 de novembro de 2015, 130 pessoas morreram e centenas ficaram feridas em vários ataques reivindicados pelo Estado Islâmico (EI, ex-Isis), quase simultâneos, em Paris.

Primeiramente, três homens-bombas se explodiram próximo às entradas do Stade de France, matando um segurança do local e evacuando o estádio, onde estava acontecendo um amistoso da França contra a Alemanha. Logo depois, vários bares e restaurantes foram alvos de tiroteios, o que levou à morte de mais 39 pessoas.

Por fim, a casa noturna Bataclan, que no momento estava lotada por causa do show da banda norte-americana "The Eagles of Death Metal", foi palco de mais um massacre, que começou quando terroristas entraram no local, fizeram os espectadores reféns e acabaram matando 90 pessoas.

Ataques em Bruxelas - Na manhã do dia 22 de março deste ano, a cidade de Bruxelas, na Bélgica, foi alvo de dois atentados que mataram 32 pessoas e foram reivindicados pelo Estado Islâmico.

Às oito horas da manhã, duas bombas explodiram na área de embarque do aeroporto de Zaventem perto do check-in da companhia aérea American Airlines. Um pouco mais tarde, uma outra explosão atingiu a estação de metrô de Maalbeek.

Ataque em Nice - Na madrugada de 14 de julho de 2016, conhecido como o Dia da Bastilha na França e muito comemorado em todo o país, 84 pessoas morreram e mais dezenas ficaram feridas em um ataque na cidade francesa de Nice.

Um caminhão, carregado de armas e em alta velocidade, percorreu uma distância de cerca de 2 quilômetros atropelando a multidão que assistia aos fogos perto da costa. O motorista do veículo, de origem tunisiana, ainda disparou alguns tiros antes de ser morto pela polícia local.

Ataque de Würzburg - No dia 18 de julho deste ano, um jovem afegão de 17 anos invadiu um trem que ia em direção à cidade de Würzburg, no centro-sul da Alemanha, e feriu quatro pessoas gravemente com um machado.

O adolescente tentou fugir, mas foi morto pela polícia. O ataque foi reivindicado pelo Estado Islâmico, mas o ministro do Interior do país, Thomas de Caixeire, afirmou que o caso não teve nenhuma ligação com o grupo terrorista.

Ataque em shopping de Munique - No dia 22 de julho deste ano, um jovem de 18 anos de origem iraniana abriu fogo no maior shopping da cidade de Munique, na Alemanha, o Olympia-Einkaufszentrum, matando 8 pessoas.

O adolescente, que se suicidou depois do ataque, era vítima de bullying, tinha distúrbios mentais e planejou o atentado por cerca de 1 ano, com base em atentados de atiradores solitários que mataram jovens em escolas e universidades, principalmente dos Estados Unidos.

Ataque em Ansbach de 2016 - Na noite do dia 24 de julho deste ano, 15 pessoas ficaram feridas na cidade de Ansbach, na Alemanha, após um migrante sírio de 27 anos explodir uma bomba enquanto tentava entrar em um festival de música da região, que contava com cerca de 2,5 mil pessoas.

O homem, que já tinha pedido asilo no país, foi o único a morrer. O ataque foi reivindicado pelo Estado Islâmico, que afirmou que o jovem havia jurado lealdade ao grupo.

Atentado à igreja perto de Rouen - No dia 26 de julho deste ano, dois homens invadiram uma igreja na pequena cidade de Saint-Etienne-du-Rouvray, perto de Rouen, na França, durante uma missa e degolaram o padre da paróquia, Jacques Hamel, de 84 anos.

Antes de matar o religioso, os dois homens o fizeram ajoelhar e celebraram uma missa em árabe, que foi gravada, enquanto alguns fieis eram feitos reféns. O ataque, que resultou na morte também dos dois terroristas, foi reivindicado pelo Estado Islâmico.

A igreja fazia parte da infância do presidente da França, François Holland, já que a cidade do atentado foi onde o mandatário nasceu.

O atentado desta segunda-feira em Manchester, na Inglaterra, é o último de uma série de ataques que têm lançado o pânico e o terror em solo europeu.

Só este ano, já foram atacados países como França, Inglaterra, Rússia e Estocolmo. Nem todos os ataques resultaram em vítimas mortais e, até ao momento, o que se mostrou mais mortífero foi o de Manchester - 22 mortos e 59 feridos.

Não podemos, contudo, esquecer outros ataques terroristas ocorridos nos últimos anos que mataram, ao todo, centenas de pessoas. Entre eles destacam-se o atentado em Paris, que causou 130 mortos, o atentado na Bélgica, 34 mortos, o atentado contra o jornal francês Charlie Hebdo, 12 mortos e o atentado em Berlim, 12 mortos.

#### BIBLIOGRAFIA:

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. Relembre os últimos atentados terroristas da Europa. Desde de 2004, foram 13 os ataques terroristas no continente. Jornal do Brasil, 27/07/2016 às 19h28. Disponível em: <http://www.jb.com.br/internacional/noticias/2016/07/27/relembre-os-ultimos-atentados-terroristas-da-europa/>. Acesso em 24 mai. 2017.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da investigação proposta sobre intolerância religiosa, dentro do campo da educação histórica, pesquisamos as ideias prévias dos estudantes do CICLO III (ensino fundamental) da escola pesquisada, localizada na cidade de Goiânia, estudantes entre 12 e 16 anos. A investigação ocorreu a partir do atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, ocorrido no dia 07 de janeiro de 2015, em Paris, França. Elaboramos *instrumentais de investigação* (ANEXO A, 65-67; ANEXO B, 68) que propiciaram discussões sobre religião e outros assuntos relacionados permitindo aos estudantes expressarem seus posicionamentos a partir do seu contexto. Observamos aspectos importantes narrados pelos estudantes que refletiram um tipo de consciência histórica baseada em diferentes crenças no que tange à religião. O tema proposto foi significativo, pois refletia elementos culturais e religiosos dos estudantes nem sempre externalizados e debatidos.

As investigações sobre a temática iniciou-se em 2015 e foi concluída em 2017, coletamos narrativas que foram analisadas e reelaboradas de acordo com as propostas da investigação. Ao coletarmos as narrativas dos estudantes, observamos que as mesmas apresentaram um tipo tradicional e exemplar de consciência histórica. O maior número de narrativas cujos autores identificaram-se com os terroristas possivelmente embasa-se em decisões tradicionais da sociedade. Para os estudantes, era normal escolher uma religião como única e verdadeira e defendê-la, ainda que de forma radical. Eles se identificaram com o terrorismo islâmico justificando que os cartunistas desrespeitaram a religião, afrontaram o sagrado. Dessa forma, optar pelo terrorismo necessariamente não significava identificação gratuita com a violência.

Segundo os estudos de Rüsen, a educação histórica gera transformação na consciência histórica do homem pelo interesse do mesmo de orientar-se no tempo, apreender o passado possibilitando a interpretação da realidade no presente (RÜSEN, 2011, p. 30). A metodologia da educação histórica possibilita-nos acesso à consciência histórica dos estudantes pela interpretação das fontes escritas e narradas, o que possibilita-nos compreender as categorias e conceitos das aprendizagens escolares.

Após a coleta das ideias prévias dos estudantes, realizamos intervenções sobre o atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*. Para realização das intervenções, utilizamos diversos

recursos teóricos. Coletamos as primeiras narrativas para verificarmos o tipo de consciência histórica dos estudantes e para analisar suas narrativas nesse primeiro momento; recorreremos às ideias de historiadores como Rüsen, Schimdt, Barca, Lee e Conceição Silva, autores que desenvolveram pesquisas baseadas na educação histórica com estudantes de diferentes partes do mundo.

Diante dos resultados de opção principalmente pelos terroristas, realizamos oficinas de intervenção com textos históricos do livro didático, textos críticos de pensadores da atualidade como Boaventura Souza Santos, Demant, Muniz, entre outros que pesquisam sobre a religiosidade para possibilitar a ampliação da consciência histórica dos estudantes no que se refere à investigação sobre intolerância religiosa no mundo atual. Ocorreram oficinas sobre a conceituação de charge, sobre as charges mais polêmicas do *Semanário Charlie Hebdo*, bem como leituras e discussões sobre textos diversos. As oficinas aproximaram os estudantes do tema intolerância religiosa, liberdade de expressão, imigração etc.

Após as intervenções, aplicamos o *instrumental de investigação* pela segunda vez, a fim de constatarmos as possíveis alterações nas narrativas reconstruídas pelos estudantes, porém a maioria continuou optando pelos terroristas. Concluímos que seria necessário realizar um segundo modelo de *instrumental de investigação* que discutisse o motivo das charges do *Semanário Charlie Hebdo* serem ofensivas à religião islâmica e a intolerância religiosa em nossa sociedade hoje. Após responderem as questões do segundo instrumental, verificamos uma ampliação na consciência histórica dos estudantes, pois a pergunta não incentivou a parcialidade e possibilitou reverem sua orientações temporais em relação à história das religiões.

Nas narrativas analisadas percebemos a ligação existente entre a história produzida pelo historiador, teórica, e a vida prática, culminando na orientação temporal dos estudantes. Nas últimas houve mudanças na visão dos estudantes em relação à religião na sociedade, repudiando a intolerância religiosa implícita inclusive em publicações do *Semanário Charlie Hebdo*, que poderia propiciar o diálogo e mesmo discordar, mas sem o desrespeito. (BARON, 2015, p. 226).

Com a oportunidade de refletir sobre o acontecimento-chave desta pesquisa com outros parâmetros, os estudantes examinaram mais imparcialmente o lado dos terroristas e dos cartunistas, percebendo conflitos entre ambos. Quando indagados sobre os motivos das charges do *Semanário Charlie Hebdo* serem ofensivas e sobre a intolerância religiosa na atualidade, viram enfrentamentos das duas partes. O objetivo inicial era discutir intolerância religiosa a partir do atentado ao *Semanário Charlie Hebdo*, e a partir disso realizamos discussões,

propomos questões, observamos avanços, retrocessos e tentamos possibilidades novas que alterassem a consciência histórica dos estudantes. Quando se inicia uma pesquisa, não se sabe os resultados que virão, traçamos um percurso e a medida que os estudantes trazem suas respostas e contribuições, repensamos como continuar, o que é preciso acrescentar ou suprimir. Avanços no pensamento histórico aconteceram durante o tempo de investigação e é bem possível que o que foi estudado e discutido interferirá em outros desafios que esses mesmos estudantes viverão.

## REFERÊNCIAS

**AGÊNCIA** Brasil. *Educação, supremo autoriza ensino religioso confessional nas escolas públicas*. Publicado em: 27 set., 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-09/supremo-autoriza-ensino-religioso-confessional-nas-escolas-publicas>>. Acesso: 28 set. 2017.

ALVES, José Augusto Lindgren. *A Conferência de Durban contra o Racismo e a responsabilidade de todos*. **Revista Brasileira de Política Internacional**. ISSN 1983-3121, vol. 45, n. 2, semestral. Brasília: DF. 2002. Disponível: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-73292002000200009>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

AQUINO, Sérgio Ricardo Fernandes de, e ZAMBAM, Neuro José. *Laicidade e Estado de Direito à Liberdade: as Consequências da Manipulação da Mídia e da Religião*. Publicado em: RDU, volume 13, n. 71, 2016, 22-41, set-out, bimestral. Porto Alegre, RS. 2016. Disponível em: [http://www.academia.edu/29758994/Direito\\_](http://www.academia.edu/29758994/Direito_). Acesso em: 13 dez. 2017.

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Editora: Companhia do bolso, ed. 2009. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=bR2\\_CwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=religiões+fundamentalistas+na+atualidade](https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=bR2_CwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=religiões+fundamentalistas+na+atualidade). Acesso em: 26 jun. 2018.

BARBOSA, Bia e MOURÃO, Mônica. *O atentado ao Charlie Hebdo e a regulação da Mídia*. Carta Capital: Blog do Intervezes. 11 jan., 2105. Disponível em: <[www.cdcaico.com.br/.../30f415261f536936412479acc8766ba2f1](http://www.cdcaico.com.br/.../30f415261f536936412479acc8766ba2f1)> Acesso em: 16 set. 2016.

BARBOSA, Marcos Roberto; GERMINARI, Geysa D. *A cognição histórica situada: expectativas curriculares e metodologias de ensino*. Publicado em: ANTÍTESES, v. 5, n. 10, p. 741-760, jul./dez., 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/13325/12649>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

BARCA, Isabel. *Progressão da compreensão dos alunos em história*. In: *Barca, I. (Org.). Perspectivas em educação histórica*. Actas das Primeiras Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Uminho, 2001.

\_\_\_\_\_, Isabel. *Aula Oficina: do Projeto à Avaliação*. In: *Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

\_\_\_\_\_, Isabel. *Narrativas históricas de alunos em espaços lusófonos*. In: *BARCA, Isabel. Educação e Consciência Histórica na Era da Globalização*. Atas das XI Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Realizadas de 15 a 18 de jul. de 2011, Instituto de Educação da Universidade do Minho / Museu D. Diogo de Sousa, Braga/Pt, p. 7 a 27. 2011.

\_\_\_\_\_, Isabel. *Ideias chave para a Educação Histórica: uma busca de (Inter) Identidades*. **História Revista**: Revista da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História / Universidade Federal de Goiás. – Goiânia: v. 17, n. 1, p. 37-51. jan. /jun. 2012.

BARTEL, Bruno Ferraz. *“Je suis Charlie” de um ponto de vista marroquino: questões de alteridade após os atentados de Paris de 2015*. cadernos de campo, São Paulo, n. 25, p. 131-150, 2016. Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro,. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/110551/134118>. Acesso em: 28 fev. de 2018.

BAROM, Wilian Carlos Cipriani. *A teoria da história de Jörn Rüsen e seus principais comentadores*. Publicado em: Revista História Hoje, vol. 4, nº 8. Disponível em: <https://www.mfnresearchgate.net/publication/295083790>. Acesso em: 07 maio 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução: Marcus Penchel, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999.

BERTOLINI, João Luis da Silva. *A interpretação do outro: a ideia de islã no ensino de história*. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná. Publicado em: 2011. Disponível em: <[http://www.ppge.ufpr.br/teses/M11\\_Jo%E3o\\_Luis\\_da\\_Silva\\_Bertolini.PDF](http://www.ppge.ufpr.br/teses/M11_Jo%E3o_Luis_da_Silva_Bertolini.PDF)>. Acesso em: set. 2016.

CABETTE, Eduardo Luiz Santos. *Charlie Hebdo, mídia e democracia autodestrutiva*. Revista Jus Navigandi, Teresina, ano 20, n. 4228, 28 jan. 2015. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/35888>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

CALDEIRA, Bárbara, SILVA, Marina Santos. *Humor, liberdade e discurso de ódio: Uma análise da cobertura de impressos brasileiros sobre o ataque ao Charlie Hebdo*. Disponível em: <<https://anaisecomig.files.wordpress.com/.../artigo-ecomig-2015-bc3a1rbaracaldeira-e>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

CARDOSO, Oldimar. *Leituras da História*. 7º. Ano – 1. ed. – São Paulo: Escala Educacional, 2012.

CARVALHO, Sara Vicelli de. *Transgressões na sociedade francesa do Antigo Regime ao século XX: as Obras Sadeanas e a Justiça*. Publicado em: Anais do International Congresso of History, 21 a 23 de setembro de 2011. Disponível em: [//www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/344.pdf](http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/344.pdf). Acesso em: 29 jun. 2018.

CHARBONNIER, Stéphane (Charb). *Carta aos Escroques da Islamofobia que fazem o jogo dos racistas*. Trad. Sara Spain. 1ª. ed - Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015a.

\_\_\_\_\_. Stéphane (Charb). *Pequeno Tratado da Intolerância*. Trad. Jorge Bastos. S. Paulo, Planeta Editorial, 2015b.

**COSTASUR.com.** *História Europa*. Disponível em: <<https://europa.costasur.com/pt/historia.html>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

DALMAGRO, Josiane e MARQUES, Airton. **“VAMOS PEDIR PIEDADE”**, *Falta de conhecimento é impulso para intolerância religiosa*. Mato Grosso, 01 out. 2009. Disponível em: <<http://circuitomt.com.br/editorias/cidades/74920-falta-de-conhecimento-e-impulso-para-intolerancia-.html>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004.

DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/1049726-O-MUNDO-MULCULMANO/>>. 3.ed. São Paulo. 2013. p. 33. Acesso: 11 out. 2017.

DIANA, Daniela. *Gênero Textual Charge*. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/genero-textual-charge/>. Acesso em: 16 mar. 2017.

**DIÁRIO** oficial municipal de Goiânia. Lei no. 8509, 08 jan. 2007. Autoriza a criação da Disciplina de Ensino Religioso nas Escolas Municipais e dá outras providências. 10 jan. 2007, n. 4040. Disponível em: <[https://www.goiania.go.gov.br/Download/legislacao/diariooficial/2007/do\\_20070110\\_000004040.pdf](https://www.goiania.go.gov.br/Download/legislacao/diariooficial/2007/do_20070110_000004040.pdf)> . Acesso em: 30 jan. 2016.

DN — Diário de Notícias (Portugal). *Histórico do Diário de Notícias*. Publicado em: 2002. Disponível em: <<http://tipografos.net/jornais/dn-portugal.html>>. Acesso em: 2007.

DN-mundo. *O terrorismo na Europa em 2017*. Publicado em: 23 de maio de 2017. Disponível em: <<https://www.dn.pt/mundo/interior/o-terrorismo-na-europa-em-2017-8501009.html>>. Acesso: 12 nov. 2017.

DUARTE, Felipe Pathé. *Sistemas político-partidários: os casos italiano e espanhol*. Relações Internacionais, n. 45 Lisboa. Publicado em: mar. 2015. *versão impressa* ISSN 1645-9199. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S164591992015000100006&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S164591992015000100006&script=sci_arttext&tlng=en)>. Acesso em 31 out. 2017.

DUQUE, Eduardo. *Mudanças Culturais, Mudanças Religiosas perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspectiva comparada*. Publicado em: 2014. Disponível: <<http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/16493/3/MUDAN%C3%87AS%20CULTURAI S%20ED.pdf>> Acesso: 28 jun. 2017.

DURKHEIM, Émile. *O problema religioso e a dualidade da natureza humana*. Publicado em: Debates do NER, Porto Alegre, ano 13, n. 22 p. 27-61, jul./dez. 2012, p. 32-33. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/viewFile/36518/23588>. Acesso em: 03 jul. 2018.

DW – Made for Minds. *Caricaturas de Maomé revoltam o mundo árabe*. Publicado em 02 fev. 2006, Alemanha. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/caricaturas-de-maom%C3%A9-revoltam-o-mundo-%C3%A1rabe/a-1889787>>. Acesso em 18 jun. 2017.

DW – Made for Minds. *Jornalista do diário dinamarquês onde foram impressas as controversas caricaturas que rodaram o mundo reúne série com 12 desenhos em seu livro "Tiranía do Silêncio"*. Revisado por, Roselaine Wandscheer. Publicado em: 30 set. 2010, Alemanha. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/charges-de-maom%C3%A9-que-revoltaram-mundo-%C3%A1rabe-s%C3%A3o-publicadas-em-livro/a-6060064>. Acesso em 18 jun. 2017

FERNANDES, Silvia Regina Alves. *Sociologia da religião, pluralismos e intolerâncias: pautas contemporâneas*. **CONTEMPORÂNEA - Revista de Sociologia**. Dossiê Desafios contemporâneos da sociologia da religião da UFSCar, ISSN: 2236-532X, v. 5, n. 2, jul-dez. 2015, pp. 289-308. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/viewFile/346/152>. Acesso em: 17 jan. 2018.

FERREIRA, Daniel Contarini Salgado, Alessandra Aparecida de Souza, Marcelo Tadeu Ferroni, Lorena Muniz e Castro Lage, Reille de Sousa Gomes, Thiolle Volgas Santos et al. *Tudo em nome da fé: o surgimento do islã e a submissão do direito islâmico à religião*. Disponível em: <https://reillegomes.jusbrasil.com.br/artigos/131174574/tudo-em-nome-da-fe-o-surgimento-do-islã-e-a-submissao-do-direito-islamico-a-religiao>. Acesso em: 18 jun. 2017.

FERRY, Lucy. *Aprender a viver – Filosofia para os novos Tempos*. Traduzido por REIS, V.L. dos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

FRANCISQUINI, Adrian & FREITAS, Jonas. *Conceito de liberdade de expressão* -ISSN 21-76, 2009 - [intertemas.toledoprudente.edu.br](http://intertemas.toledoprudente.edu.br). Disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1766/1681>. Acesso em: 01 dez. 2017.

FRONTEIRAS do pensamento. Porto Alegre. Disponível em: <http://www.fronteiras.com/conferencistas/luc-ferry>. Acesso em: 05 mai. 2017.

GASPAROVIC, Marília Manfredi. *Carta maior e veja: Silenciamento no caso Charlie Hebdo*. Disponível em: <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/5576/3359> Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação ISSN 1981-9943 Blumenau, v. 10, n. 2, p. 437-456 mai./ago. 2016. Acesso: 17 nov. 2017.

GERMINARI, Geysa Dongley. *Passados possíveis: a educação histórica em debate*. Publicado em: Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 60, p. 367-369, abr./jun. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602016000200367](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602016000200367). Acesso em: 20 mar. 2018.

GIBBON, Edward. *Os cristãos e a queda de Roma*. Tradução de José Paulo Paes Donaldson M. Garschagen. Publicado em 2012. Ed. Penquim e Companhia das Letras. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/85088.pdf>. Acesso em 23 de nov. 2017.

GONZÁLEZ, Rufino Cano; PEDRO, Ana; PIRES, Lucília. *Contributos da educação intercultural na construção de uma sociedade pluralista e democrática numa perspectiva comparada – Portugal e Espanha*. Revista Antropológicas, n. 10 – 2007, p. 235-236.

Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/view/71/51>. Acesso em: 26 abr. 2018.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes. Publicado em: DP&A editora. 11. Ed. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4135505/mod\\_resource/content/1/A%20Identidade%20Cultural%20na%20P%C3%B3s-Modernidade%20-%20Stuart%20Hall.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4135505/mod_resource/content/1/A%20Identidade%20Cultural%20na%20P%C3%B3s-Modernidade%20-%20Stuart%20Hall.pdf) Acesso em: 28 fev. de 2018.

HOFFMANN, Maria Luisa; KLEIN, Alberto. *A interdição das imagens: a construção do outro pelas charges de Maomé*. Publicado em: Discursos fotográficos, Londrina, v.5, n.6, p.59-76, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/2933/2485>. Acesso em: 12 mar. 2018.

**Inter-Ação**. *Proposta Político-Pedagógica para a Educação Fundamental da Infância e da Adolescência*. Prefeitura de Goiânia. Revista Inter-Ação, v. 37, n. 1, p. 177-208, Goiânia. Jan./jun. 2012. p. 177 – 196. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/viewFile/1336/1372>. Acesso em: 25 abr. 2017.

**iped** CURSOS. *Quando surgiram os direitos humanos?* Disponível em: <https://www.iped.com.br/materias/direito/surgiram-direitos-humanos.html> Acesso em: 11 jul. 2017.

JORNAL DN. *O terrorismo na Europa em 2017*. Portugal, 26 maio 2017. Jornal fundado em 29 de dezembro de 1864, Lisboa, Portugal. Disponível em: <http://www.dn.pt/mundo/interior/o-terrorismo-na-europa-em-2017-8501009.html>. Acesso em: 26 maio 2017.

JORNAL de São Paulo. *Relembre os últimos atentados terroristas da Europa*. Desde de 2004, foram 13 os ataques terroristas no continente. Publicado em: 27 jul. 2016. Disponível em: <http://www.jb.com.br/internacional/noticias/2016/07/27/relembre-os-ultimos-atentados-terroristas-da-europa/>. Acesso em: 24 mai. 2017.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e Tremor*. Relógio D'Água Editores: Lisboa, 2009.

KNAPP, Markus. *Fé e saber em Jürgen Habermas – a religião numa sociedade “pós-secular”*. Tradução de Arthur Grupillo. Publicado em: INTERAÇÕES - Cultura e Comunidade / Uberlândia / v. 6 n. 9 / p. 13-26 / jan./jun. 2011 179. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/viewFile/6208/5734>. Acesso em: 26 abr. 2018.

LEE, Peter. *Literacia histórica e história transformativa*. Trad. traduzido por Lucas Pydd Nech. Publicado em: Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 60, p. 107-146, abr./jun. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n60/1984-0411-er-60-00107.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2018.

\_\_\_\_\_, Peter. *Em direção a um conceito de literacia histórica*. Revista: **Educar**, Curitiba, Especial, p. 131-150, 2006. Editora UFPR. Biblioteca central de periódicos, UFPR. Disponível: <http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/5543/4057> Acesso em: 04 set. 2017.

LIEBEL, Vinícius Aurélio. *Humor e liberdades: um breve ensaio sobre ser Charlie*. Revista Tempo e Argumento, vol. 8, núm. 18, mayo-agosto, 2016, p. 268-290, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. Disponível em: DOI: 10.5965/2175180308182016268. Acesso em: 22 jul. 2017.

LOPES, Évely Adriana de Lima. *História das religiões: uma alternativa curricular para o ensino religioso em Goiás*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada À Educação da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, GO - 2015. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/5540/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20C3%89vely%20Adriana%20de%20Lima%20Lopes%20-%202015.pdf> Acesso em: 24 jan. 2018.

LUCENA, Liliane de. *Os atentados ao Charlie Hebdo e seus desdobramentos*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Publicação em: Rio de Janeiro, RJ – p. 5. 4 a 7/9/2015. set. 2015. Disponível em [http://www.academia.edu/28629695/Os\\_Atentados\\_ao\\_Charlie\\_Hebdo\\_e\\_Seus\\_Desdobramentos\\_On\\_e\\_Off-Line](http://www.academia.edu/28629695/Os_Atentados_ao_Charlie_Hebdo_e_Seus_Desdobramentos_On_e_Off-Line). Acesso em: 14 out. 2017.

MELO, Thiago Ramos. *ENFRENTAMENTOS E TENSÕES: uma análise de discursos de charges sobre o atentado ao Charlie Hebdo*. Dissertação apresentada na UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO - PPGCOM TERESINA-PI 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufpi.br/xmlui/handle/123456789/342>. Acesso em: 12 maio de 2018.

MORAES, Erika. *De “Je suis Charlie” a “Je suis (...)” – a circulação de uma fórmula e de uma noção de solidariedade coletiva*. Publicado em: **ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) Bauru, São Paulo, p. 795. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/592/1066>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

MORGENSTERN, Flavio. *Para entender o ataque ao Charlie Hebdo, leia Michel Houellebecq*. **Revista ou site Instituto Liberal** – jan. 2015. Disponível em: <<https://www.institutoliberal.org.br/blog/para-entender-o-ataque-ao-charlie-hebdo-leia-michel-houellebecq/>> Acesso em: 12 set. 2015.

MUNIZ, Jordan Michel. *Charlie Hebdo: sobre a liberdade francesa*. Revista ethic@ - Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 14, no. 2, p. 252 – 278, dezembro de 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/download/38446/31186>>. Acesso em 21 ago. 2017.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. *Hipóteses Sobre a Nova Exclusão Social: dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários*. Cad. CRH., Salvador, n.21. p.29.47, jul./dez.1994. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18772/12144>> Acesso em: 25 nov. 2017.

NECHI, Lucas Pydd. *Consciência Histórica de Jovens alunos e Conceitos Históricos de Temas Religiosos*. Dissertação de Doutorado UFPA. Santa Catarina: 2011. Disponível em: <[http://www.ppgge.ufpr.br/teses/M11\\_Lucas%20Pydd%20Nechi.pdf](http://www.ppgge.ufpr.br/teses/M11_Lucas%20Pydd%20Nechi.pdf)>. Acesso em: set. 2015.

NEVES, Álvaro. *Charge de Latuff, de 2012, Charb, uma das vítimas da chacina, foi retratado como homem-bomba*. 10 jan. 2015, as 19:38:00, postado por Álvaro Neves “O Eterno Aprendiz”. BLOG: - <http://nevesalvaro.blogspot.com>. Disponível em: <[https://nevesalvaro.blogspot.com.br/2015\\_01\\_10\\_archive.html](https://nevesalvaro.blogspot.com.br/2015_01_10_archive.html)>. Acesso em: 06 mai. 2017.

O GLOBO. *O que sabemos sobre o atentado ao show de Ariana Grande em Manchester - Homem-bomba provocou explosões em arena repleta de crianças e adolescentes*. Publicação em: 23 de mai. De 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/o-que-sabemos-sobre-atentado-ao-show-de-ariana-grande-em-manchester-21379123>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

OLIVEIRA, Diana Xavier de. *Leitura de charges: da decodificação à compreensão*. Artigo apresentado ao Curso de Letras a Distância, da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras. Disponível em: <[http://www.cchla.ufpb.br/clv/images/docs/tcc/2013/paraiba/itaporanga/diana\\_xavier\\_de\\_oliveira.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/clv/images/docs/tcc/2013/paraiba/itaporanga/diana_xavier_de_oliveira.pdf)> Acesso em: 24 mai. 2017.

OLIVEIRA, Paola Lins de. *O caso das charges de Maomé e o debate público europeu sobre as relações entre C" e "ocidente"*. Publicado em: Relig. soc. vol.29 no.1 Rio de Janeiro 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872009000100013>. Acesso em: 28 abr. 2018.

OLIVEIRA, Thiago Augusto Divardim. *O ensino e a aprendizagem como práxis: perspectivas da educação histórica na visão dos professores*. IX ANPED - SUL, Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. 2012. Disponível em: <[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Didatica/Trabalho/05\\_34\\_20\\_2553-6467-1-PB.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Didatica/Trabalho/05_34_20_2553-6467-1-PB.pdf)>. Acesso em: set. 2016.

OPINIÃO E NOTÍCIA (online). *Limites à liberdade de expressão preocupam europeus. Casos recentes de terrorismo motivam políticas que restringem a liberdade dos cidadãos de expressar suas opiniões e religiões*. Publicado em 4 ago. 2015. Disponível em: <<http://opinioenoticia.com.br/internacional/limitacao-na-liberdade-de-expressao-preocupa-europeus/>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

PESCHANSKI, João Alexandre. *Ataque em sede do jornal Charlie Hebdo em Paris deixa mortos*. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2015/01/07/atentado-contra-a-extrema-esquerda-na-franca/>>. Acesso em: 02 set. 2016.

\_\_\_\_\_, João Alexandre. *Charlie Hebdo, um atentado contra a esquerda*. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/01/07/atentado-contra-a-extrema-esquerda-na-franca/>. Acesso em: 08 jan. 2015.

PINTO, Augusto Eduardo Miranda. *A formação da cidade digital e o direito a privacidade informática la form azione della città digitale e il diritto alla privacy informativa*. Publicado em: Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI realizado em Fortaleza - CE nos dias 09, 10, 11 e 12 de Junho de 2010. Disponível em

<http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3259.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2018.

PLANO BRASIL. *Ataque terrorista em Paris: “Charlie Hebdo” – Um histórico de provocações ao fundamentalismo islâmico*. Publicado em: 07 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.planobrazil.com/ataque-terrorista-em-paris-charlie-hebdo-um-historico-de-provocacoes-ao-fundamentalismo-islamico/comment-page-1/>>. Acesso em: 03 out. 2016.

PORTO, Ana Luiza Araújo. *Entre Práticas e Saberes Históricos: Um diálogo entre o ensino de História Contemporânea e as teorias curriculares pós-críticas* Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, São Leopoldo – 2007. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0867.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2018.

PRAGMATISMO POLÍTICO. *Charges mais polêmicas da Charlie Hebdo*. Redação Pragmatismo. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/01/charges-mais-polemicas-da-charlie-hebdo.html>> Acesso em: 02 set. 2016.

PRAGMATISMO POLÍTICO. *Quem somos?* Publicado em: 22 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/01/quem-somos.html>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

RAMOS, Márcia Elisa Teté. *Educação Histórica: articulação orgânica entre investigação e ação*. Departamento de História de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza 2013. Disponível em: <http://www.aacademica.org/000-010/1110>. Acesso em: 26 abr. 2018.

RODRIGUES, Carla. *Beauvoir com Sade: ética, ambiguidade e alteridade*. Sapere Aude – Belo Horizonte, V. 3 – n. 6, p. 234-249 – 2º. Sem. 2012. ISSN: 2177:6342. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/4624/4994>. Acesso em: 29 jun. 2018.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica*. Brasília: editora UnB, 2001.

\_\_\_\_\_, Jörn. *Jörn Rüsen e o Ensino de História*. Organizadores: Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Estevão de Rezende Martins – Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

\_\_\_\_\_, Jörn. *Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã*. Trad. De Nélcio Schneider. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SADDI, Rafael Teixeira. *Educação Histórica como Meta-Hermenêutica*. In. BARCA, I. Consciência Histórica na Era da Globalização. Atas das XI Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Realizadas de 15 a 18 de julho de 2011, Instituto de Educação da Universidade do Minho / Museu D. Diogo de Sousa, Braga/Pt, p. 541-554.

\_\_\_\_\_, Rafael. *Reflexões sobre o campo de investigação da didática da história*. **O ENSINO DE HISTÓRIA** - Revista da Faculdade de História da PUC – Goiás, MAGALHÃES, M. e SILVA, M. C. (org.). Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2012.

SALIBA, Elias Thomé. *Humor e tolerância, intolerância ao humor. Comunicação e liberdade de expressão: atualidades* / Cristina Costa (org.); Adilson Citelli ... [et al.] – São Paulo: ECA-USP, 2016. 216 p. Disponível em: <[http://www.palavraaberta.org.br/docs/Livro\\_Liberdade-de-expressao-atualidades.pdf#page=36](http://www.palavraaberta.org.br/docs/Livro_Liberdade-de-expressao-atualidades.pdf#page=36)>. Acesso em: 02 dez. 2017.

SANTOS, Boaventura Sousa. *Charlie Hebdo: uma reflexão difícil*. Publicado em: 14 de jan. 2015. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2015/01/14/mundo/noticia/charlie-hebdo-uma-reflexao-dificil-1681949>> . Acesso em: 24.05.2017.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. *Pesquisas em Educação Histórica: algumas experiências*. Educar. Curitiba, Especial. p. 22-23, 2006.

\_\_\_\_\_, Maria auxiliadora Moreira dos Santos. *Cognição histórica situada: Que aprendizagem histórica é esta?* In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel (org.). Aprender história: perspectivas da educação histórica. Ijuí/PR: Ed. Unijuí, p.21-51, v.3. 2009.

\_\_\_\_\_, Maria auxiliadora Moreira dos Santos. *Crise paradigmática da Aprendizagem da história: uma visão a partir da teoria da consciência histórica*. Revista: **O Ensino de História: aprendizagens, políticas públicas e materiais didáticos**. Revista da Faculdade de História da PUC – Goiás, In: MAGALHÃES, S. M. (org.). Goiânia: Ed. PUC, Goiás, 2012b.

\_\_\_\_\_, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. GARCIA, Barca. *Pesquisas em Educação Histórica: algumas experiências*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/nspe/nspea02.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2018.

SILVA, Antônio Ozaí da. *Reflexões Sobre a Intolerância*. **REVISTA ESPAÇO ACADÊMICO**. N. 37 – junho 2004 – mensal – ISSN – 15196186 – Ano IV – <<https://www.espacoacademico.com.br/037/37pol.htm>>. Acesso em: set. 2016.

SILVA. Camille Lenz da. *Charlie Hebdo: análise da cobertura do atentado em 2015 pelos jornais Folha de São Paulo, British Broadcasting Company e Deutsche Welle*. Monografia (graduação) Faculdade de Jornalismo. Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, RS, 2016, p. 56-61. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/1504/1/2016CamilleLenzdaSilva.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

SILVA, Eliane Moura da. *Religião, Diversidade e Valores. Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania*. **Revista Eletrônica Rever** - ISSN 1677-1222. Nº 2 / 2004 / pp. 1-14. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2004/p\\_silva.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf)> Acesso em: 06 abr. 2017.

SILVA. Maria da Conceição. *Educação Histórica: perspectivas para o ensino de história em goiás*. Publicado em: **S/Eculum - REVISTA DE HISTÓRIA** [24]; João Pessoa, jan./ jun. p. 200, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/12442/7204>. Acesso em: 16 maio 2018.

\_\_\_\_\_. Maria da Conceição. *Investigação em Educação Histórica: análises da temática religião em Textos didáticos de História*. **Educar em História**. Editora UFPR, Curitiba, n. 45, p. 259-272, jul. /set. 2012.

\_\_\_\_\_. Maria da Conceição. *Educação Histórica: A temática Religião na Formação da Consciência Histórica de Alunos Brasileiros e Portugueses*. **OP SIS**, em Revista, Vol. 14, n. 2, p. 77-93 – jul. /dez. 2014b. Catalão, GO.

SILVA. Maria da Conceição. *Projeto de Pesquisa Educação Histórica e Religião: Perspectivas Brasileiras Portuguesas*. Goiânia: UFG, 2014a.

SOFIATI, Flávio Munhoz. *Perspectivas da laicidade no Brasil contemporâneo*. **CONTEMPORÂNEA - Revista de Sociologia** da UFSCar, Dossiê Desafios contemporâneos da sociologia da religião. ISSN: 2236-532X, v. 5, n. 2, jul-dez. 2015, pp. 327-350. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/viewFile/346/152>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

TEIXEIRA, Enelice Milhomem Jacobina. *Educação Histórica, estudantes do ensino fundamental em Goiânia: Intolerância Religiosa e o atentado ao Charlie Hebdo*. **Anais do I Fórum dos programas de pós-graduação em história do centro-oeste** (UFG/PUC-GO), Goiás: Goiânia – UFG/PUC, 2016. ISSN 2176-6738. <[http://www.cpgss.pucgoias.edu.br/ArquivosUpload/16/file/Anais20I%20F%C3%B3rum%2025\\_11.pdf](http://www.cpgss.pucgoias.edu.br/ArquivosUpload/16/file/Anais20I%20F%C3%B3rum%2025_11.pdf)> Acesso em: set. 2017.

UNESCO. Declaração universal dos direitos humanos. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Publicada em 1998, Brasília. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em: 19 jul. de 2017.

UOL. *Charlie Hebdo – Terror na França*. Sede da Revista é atacada em Paris e deixa 12 mortos. Publicado em: 07 jan. 2015.

Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/01/07/sede-de-revista-e-atacada-por-homens-armados-em-paris.htm>> Acesso em: 31 jan. 2015.

VASCONCELOS, Luciana Machado. *Interculturalidade: Podemos dizer que os .... Desafios da Pluralidade*. **Textos e Contextos**, Salvador, v 3, n. 3. Postado em abr. 2013. Disponível em: <[www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/INTERCULTURALIDADE.pdf](http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/INTERCULTURALIDADE.pdf)> Acesso em: 06 abr. 2017.

VOX.europ. Jyllands Posten. *Aumento recorde do número de refugiados: síndrome do encarceramento*. Publicado em 27 de março de 2015. Disponível em: <<http://www.voxeurop.eu/pt/content/cartoon/4912900-sindrome-do-encarceramento>> Acesso em: 20 jul. 2017.